

Jean-Jacques Tyszler

# Atualidade do fantasma na psicanálise



ESPAÇO  
  
MOEBIUS  
PSICANÁLISE



Jean-Jacques Tyszler

**Atualidade do fantasma  
na psicanálise**

Tradução:

Carla Novaes  
Letícia P. Fonsêca

“O psicanalista não é recrutado dentre aqueles que se entregam por inteiro às flutuações da moda em matéria psicosexual. Vocês estão, se posso dizer, bem orientados demais para isso, são até mesmo competentes nesse assunto.”

J. Lacan,  
*O Seminário, Livro IV, A relação de Objeto*  
(Lição de 3 de julho de 1957)

## *Agradecimentos*

*À Allah, em seu terceiro ano*

*Primeiramente a Jeanne Zins que me ajudou ao longo de toda a fabricação dessa obra e que me interrogou frequentemente do ponto de vista de uma jovem praticante.*

*Àquelas e àqueles que me incentivaram a prosseguir meu seminário sobre o fantasma, Corinne Tyszler, Marie-José Durieux, Carine Médou-Marère, Pascale Monduit, Franck Benkimoun, Anne Calberg e Étienne Oldenhove, Anne Joos, Leticia Patriota da Fonsêca.*

*Aos colegas que me acompanharam nas questões tão atuais do exílio, em particular a Ilaria Pirone, Carolina Porto, Aïcha Fische e Olivier Douville.*

*Obrigado também a Luis Izcovich pela proposição da edição.*

## PREFÁCIO

A psicanálise diferencia-se de outras psicoterapias ao considerar a fala do paciente a partir de uma lei subjetiva articulada, porque não basta apenas falar. Para que se fale de fato é preciso se “entrar na linguagem e no seu discurso preexistente”<sup>1</sup>. E na medida em que alguém fala, este é tomado para além do saber que tem de sua fala, subjetividade que Lacan nos diz não ser imanente a uma sensibilidade, do tipo par estímulo-resposta, e sim a partir de uma articulação dentro de um código de linguagem. Este código subjetivo emite, não um signo, mas um significante. No Seminário “A Lógica do Fantasma”, diz Lacan: “O fantasma é, de maneira bem mais estreita ainda que todo o resto do inconsciente, estruturado como uma linguagem”<sup>2</sup>.

Num mundo carregado pela positividade, pela abundância e redundância objetal, corolário do capitalismo, pelas ofertas desiguais de acesso ao bem comum no social, o trabalho do psicanalista se torna tanto mais complexo como necessário para ouvir aqueles que buscam ajuda para um sofrimento, uma questão, uma ruptura com

---

<sup>1</sup> Lacan, J: Seminário : O desejo e sua interpretação. APOA, Porto Alegre, 2002. p. 21.

<sup>2</sup> Lacan, J: *Seminário: A lógica do fantasma*. Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008, p. 414.

seus laços de origem. Pode a psicanálise dizer algo sobre isso e, mais ainda, modificar o curso de sintomas de crianças e famílias em situação de risco pela distância física de suas origens e lhes dar uma hospitalidade ancorada na palavra, acolhida necessária para se sair do mal-estar? Estaria hoje o psicanalista em maior dificuldade quanto a seu lugar na escuta diante de uma clínica complexa?

A sociedade de consumo, capitalista, neoliberal, globalizada, hiperconectada, globalização como uma “das formas de esferização” do significante”, que discursos ela gera, que sintomas individuais e coletivos ela provoca?...”rejeições, expulsões, passagens ao ato”. Tyszler procura resgatar, em face a essa positividade, o lugar de negatividade próprio da escuta analítica, um lugar que possa fazer emergir a falta. Pois que entre falta e perda, temos a construção lacaniana do objeto *a*. Uma questão de lógica, como disse Lacan, uma vez que “a existência lógica é outra coisa, como tal, tem seu estatuto”<sup>3</sup>. A escuta psicanalítica recorre a ela para atuar no tecido da fala, fazer cortes que permitam emergir o sujeito barrado, carregado de desejo e de falta. Insuficiências versus excessos. Convocação para analistas jovens e mais experientes a pensar diante “da glutonaria ambiente” em que as ofertas de objetos fornecidos pela sociedade do capital, sociedade “saciada” terminam por um empuxo a um lugar de dessubjetivação. Exilados apenas aqueles que

---

<sup>3</sup> Lacan, J. *A lógica do fantasma*. Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008, p. 414.

migraram de seu país de origem, ou mesmo, todos nós, por nossa condição de seres falantes?

A clínica contemporânea é bastante desafiadora, certamente. Jean-Jacques Tyszler procura trazer neste livro questões teóricas resultantes de seu trabalho como psicanalista, tanto na sua prática particular como naquela com crianças e famílias estrangeiras que tiveram como destino atual a França, pessoas que são atendidas num centro de saúde pública de Paris, o CMPP<sup>4</sup>, através de sua atuação em equipe. Com uma clínica aberta ao tratamento de uma comunidade estrangeira plural, de línguas e culturas variadas, como dar lugar a essas pessoas, escutá-las? De que se pode falar para além dos aspectos fenomenológicos de sintomas observados relativos ao traumatismo provocado pelo próprio estado de exílio? Cabe a noção das diferenças, da diferença entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação? A escuta pode fazer corte, punção?

No capítulo sobre “O punção: uma lógica construtivista entre o íntimo e o social” Tyszler nos leva a refletir sobre o manejo nos operadores da lógica modal que, entre o possível e o necessário, pode, pela incidência do discurso social, caminhar para uma a “lógica *floue*”, de todos mundos possíveis. Lógica que, para ele, provavelmente pode estar “operando na desconstrução moderna da identidade sexuada”. Como ficam os significantes homem e mulher,

---

<sup>4</sup> CMPP: Centro Médico Psico-pedagógico

como fica a diferença sexual operadora do “não-há-relação sexual” e a abertura para o campo do desejo? É possível o corte? Ele lembra que o trabalho analítico, como numa tipografia, vai tentar puncionar a fala de seus pacientes, para que possa construir pela escuta, a lógica do fantasma em questão. Ele diz:

*O fantasma assim se apresenta como uma pequena cena aparentemente necessária, porém ubiqüitária, dobrada e remanejada ao lado dos discursos ambientes – não se é forçosamente batido da mesma maneira em todas as épocas – e, o que faz com que a psicanálise se faça sempre no um a um, que cada encontro valha um, as próprias condições de colocação em continuidade do íntimo e do social não dão seu fruto senão com o elemento singular próprio a cada um e a cada uma, o estilo da tipografia.*

Tyszler aborda o fantasma com diversos exemplos clínicos. O dito do pai de Kafka em sua infância: “você é apenas uma barata” - vai ter incidências injuntivas em sua história pessoal e de escritor. A pequena Eva contestadora, duvida sobre sua origem, querendo dizer a todos e a sua mãe “o que tu me dizes não é verdade”. A cena é uma palavra que bate em cada neurótico, de maneira singular. Tyszler propõe, em certa altura de seu texto, uma das possíveis cenas fantasmáticas da atualidade: “eu não compreendo por que me devem”.



Seguindo a “Tipologia das neuroses modernas” o autor separa as formas clássicas e as *neuroses a*. Para ele mesmo essas se modificam na contemporaneidade, a exemplo da neurose obsessiva que hoje se encontra constrangida pela positivação do objeto do lado do corpo, pelo ideal do corpo sadio, assim como para uma “mudança de eixo” com incidências topológicas: do sujeito culpado (conflito interior) para aquele sujeito “deficiente” no caminho das vitórias (conflito no exterior). No exemplo da paciente imaginária, adita de *runnig* e *meeting*, a tecnologia modela o gozo, contribuindo para reassegurar “as disjunções fantasmáticas entre um afeto e sua significância”.

A *neurose a* torna-se um guia para “seguir melhor o traço pelas metamorfoses e as metonímias do objeto”. Através de diversos excertos clínicos vamos percorrendo seu caminho discursivo para identificar na clivagem um mecanismo defensivo massivo e normalizado pela coletividade. “Será a saída que resta para a juventude de hoje?”, indaga Leticia Fonseca. Não surpreendem, portanto, as consequências fenomenológicas da passagem ao ato e dos *acting-out*. A variada clínica da criança aponta para uma série de antecipações sintomáticas do adulto: “a criança excluída do maternal”, criança “perigosa” vem revelar, durante seu tratamento, a questão sobre o pai morto. Uma vez que a questão é posta, o sintoma da agitação se apazigua. A “clínica do agir” por ele exemplificada,

dialoga com avanços na elaboração psicanalítica feita por autores como Jean Bergès, Marcel Czermak e Jean-Marie Forget.

Tyszler nos conduz à pergunta: “a clínica do exílio forçado” seria uma clínica nova? Ele apresenta que, aí, situações se repetem: crianças traumatizadas e enlutadas por perdas diversas no percurso. Deixar a terra natal que ameaça a própria vida, passar pelo risco de morrer e continuar buscando viver em outro lugar, agora estrangeiro. Esse percurso resulta para ele no “entrincheiramento dos lutos” e no que ele chama de defecção fantasmática: “a maneira pela qual uma situação traumática vai parar, numa imagem, aparentemente a totalidade da vida fantasmática e não mais poder alimentar senão pela borda da destrutividade”<sup>5</sup>.

No capítulo “ A escrita feminina do fantasma”, o autor retoma o construto lacaniano de fantasma, diferenciando este ( $\$ \diamond a$ ) daquele da pulsão ( $\$ \diamond D$ ). Faz o percurso desde “Uma criança é espancada” identificando o ponto de partida da elaboração do fantasma em Freud, fantasma único para mulheres e homens, em que a libido é a energia pulsional masculina que bascula entre ambos os sexos. Convoca pelo retorno a questões antigas e, hoje, pouco discutidas pelos analistas: a frigidez feminina, por exemplo; relembra que o próprio Freud punha a frigidez como um sintoma na

---

<sup>5</sup> Tyszler, J-J. A atualidade do fantasma na psicanálise, neste livro.

cultura, conferindo às mulheres de sua época um “direito ao prazer” sexual.

De Freud às formulas da sexuação em Lacan, procura ele mesmo se situar em relação às questões que propõe. Haveria um fantasma próprio ao feminino? Percorre o raciocínio de Lacan em relação às fórmulas da sexuação e vai situando o leitor: lado todo fálico (lado homem) e o lado não-todo fálico (lado mulher), situando gozo fálico e gozo outro. O lado do Outro, lado do feminino, comporta um gozo que não completa nem complementa a equação masculina, gozo fora do campo fálico ; é gozo suplementar. O não-toda escapa ao patamar das identificações. Essa lógica lacaniana da sexuação permite a nós analistas compreendermos seres falantes posicionados em lugares de diferença sexual, sexualidade não anatômica. O lado não-todo fálico “vem esburacar a dimensão da totalidade” e, por não complementar o conjunto, faz um conjunto outro heterogêneo, de um a um. Aí estão as mulheres e os analistas. Eis por que o autor mesmo apresenta seus impasses clínicos: “Nós temos recebido muitas jovens mulheres anunciando-se por uma dita frigidez, para nós percebermos de início que elas eram bem dissemelhantes uma das outras.”

Questões intrigam Tyzler em relação às “paixões femininas”, quanto a uma possibilidade de “um fantasma do maternal”. Vale aqui recorrer a Colette Soler quando discorre que “o gozo solitário do Um fálico, ao deixar o Outro inacessível, comanda

efeitos de empuxo para a loucura do amor”<sup>6</sup>, ao mesmo tempo que lhe cria um limite, pelo lado do gozo. Ela lembra que nas mulheres “essa loucura assume toda a sua dimensão, enquanto que no homem, nunca é senão esboçada”<sup>7</sup>. Nessa dissimetria amorosa, retoma o pensamento de Lacan de que a mulher é sintoma do homem. Mas do lado da mulher Lacan buscou no termo devastação ou aflição, o homem-devastação, “termos que conotam, ao mesmo tempo, as agonias da dor e a destruição que aniquila”<sup>8</sup>.

Soler não acredita que a devastação amorosa tenha apenas um valor simbólico de reivindicação fálica da filha com a mãe, mas situa que isso precisa ser compreendido pela natureza do gozo feminino. “O orgasmo, assim como o sintoma, é um despontar de gozo no espaço do sujeito. “Seu valor decorre dele ser um ponto de esvaecimento do sujeito enquanto dividido, ou seja, um ponto que o subtrai de sua causação pelo objeto, em prol de um gozo fechado sobre si mesmo. O resultado é que, entre o gozo org stico e o sujeito propriamente dito, há um batimento de exclusão, com a presença de um fazendo a ausência do outro”<sup>9</sup>. E a consequência clínica para a mulher é “que quando a experiência orgástica é mais afirmada, até mais preenchidora, ela nunca deixa de desestabilizar o sujeito”<sup>10</sup>.

---

<sup>6</sup> Soler, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro, Zahar, p.184.

<sup>7</sup> Ibid, p.184.

<sup>8</sup> Ibid, p. 184

<sup>9</sup> Ibid, p.184.

<sup>10</sup> Ibid, p.185.

Assim, Soler situa bem a questão da satisfação sexual propriamente dita ser vivenciada de maneira diferente entre o homem e a mulher. Para ela o sentido de algumas formas de frigidez se esclarece com isso, assim como se explica a experiência dos místicos de “abolir-se no Outro”. No caso do homem, o gozo fálico não se opõe à base identitária do sujeito, sendo justamente o contrário, a constitui.

Tyzsler procura, pelo percurso da lógica da sexuação, dar conta de fenômenos clínicos como o alcoolismo, as toxicomanias etc. Põe estas questões clínicas do lado feminino, em que não há “uma única chave para todas as fechaduras” e percebe sua dificuldade numa clínica que tenta nomear o campo do Outro, um campo fora do sexo: “mas é preciso reconhecer que se tem falta de significantes para descrever que na ocasião nós atravessamos um território mal cartografado, que se presta mal à simples palavra de *transgressão* ou menos ainda de *sem limite*.” Seus impasses clínicos, por ele admitidos, são exemplificados com sua busca em intervenções objetivas a suas analisantes “dar férias para promover uma ressexualização” ou se intrigar com a falta de desejo de uma continuidade de linhagem familiar em uma analisante que reconhece seus antepassados.

Lacan construiu o estatuto do fantasma pelo matema do fantasma do neurótico ( $\$ \langle a \rangle$ ), lógica de uma escrita simbólica na estrutura. Essa escrita “matemática” é invariante enquanto escrita lógica, mas não implica em um fantasma para todos, ao contrário,

convoca todo um esforço de escuta da singularidade da fala do analisante. O fantasma é único para cada ser de fala. O que há de invariante para o fantasma são as relações entre os termos que compõem a fórmula: um sujeito barrado nessa relação de si e somente se com o pequeno *a*. Relação de alienação e separação. Construtivismo que Tyzsler nos provoca e convoca a refletir com suas elaborações na clínica em diversas idades, ressaltando o resgate da atualidade do fantasma, na atualidade.

Ao se considerar os espaços diversos de escuta e do fazer psicanalítico do autor, o livro de Tyzsler merece uma leitura atenta, como se lê um texto literário, buscando relançar pela poética do desejo, desejo de analista, o interesse pela prática analítica como prática viva que busca direções, não garantias, para acolher exílios e propondo novas abordagens. Para tanto, fazemos votos de que diversas narrativas brotem à luz das reflexões de cada um dos leitores.

*Carla Novaes*  
*Psicanalista - Recife*

## INTRODUÇÃO

Pareceu-nos necessário retomar a questão do fantasma na e para a psicanálise em um momento em que esta parece às vezes afastar-se de seus pontos de fundação, provavelmente desviada pelo impacto do cientificismo que segue num bom ritmo em toda a psicopatologia moderna. Pudemos crer também que o Lacan topólogo, aquele do nó dito borromeano, teria se liberado das ferramentas freudianas primeiras. Acreditamos contudo que não é isso. Lacan nunca cedeu sobre a questão do fantasma, nem da identificação ou da pulsão... É preciso especificar ainda o que resultou disso, não apenas no decorrer de seu seminário, mas na clínica de hoje.

Retomaremos, em um primeiro tempo, alguns delineamentos do seminário que tínhamos feito nos anos de 2006 a 2008, e que foi publicado sob o título *O fantasma faz nó?* Um certo número de colocações parecem-nos ainda justas, nós as sublinharemos. Mas o que nos parece o mais interessante numa leitura ao avesso, são as questões deixadas inacabadas, em aberto: em particular o problema não resolvido até o presente da escrita feminina do fantasma, se houver espaço para falarmos disso. E nós escolhemos prosseguir colocando em relação e em perspectiva os célebres textos de Freud, ao lado do grande seminário *Mais Ainda*, de Lacan, de 1972-1973.

Para uma jovem clínica, hoje, a promessa desse seminário é imensa: a retomada tão esperada da sexualidade feminina deixada por Freud em alqueive. Lacan tinha anunciado essa necessidade claramente no célebre texto dos *Escritos* dito “A significação do falo - *Die Bedeutung des Phallus*”, mas foi-lhe preciso muito tempo para recuperar o desafio. E ainda... Uma vez que apesar da proposição lógica maior, aquela do *não-todo* ou do *não-toda*, as repercussões sobre a psicopatologia da vida cotidiana, devemos confessar, podem parecer decepcionantes. Tentaremos examinar esse ponto crucial sob o prisma das formas atuais da vida, dos homens e mulheres.

Um dos elementos mais audaciosos da noção de fantasma em Freud tal como Lacan a retoma é a ligação estrutural entre o social e o íntimo. Como acontece que a pequena cena auto erótica mais tola e mais secreta esteja ao mesmo tempo na dependência dos grandes discursos sociais?

Lacan disse, em um ano tardio de seu seminário, que quando todos os cordões estavam muito embaraçados, não havia outra escolha senão retomar pela questão do fantasma. Asseguramos que essa orientação é a mesma que nos dirige nas condutas de análise do adulto, mas também nos aspectos técnicos das intervenções junto às crianças, ainda que sejam pequeninas. Nós nos permitiremos alguns exemplos escolhidos, que não valerão como doutrina, mas esclarecerão esse ponto: acreditando tratar da questão clássica da filiação e da identificação, estamos regularmente com a criança na



borda do fantasma e das teorias sexuais, e vice-versa. O jovem leitor compreenderá que o fantasma não é absolutamente, em nossa ideia, um conceito, mas um operador, um verdadeiro instrumento de “cirurgia da alma”, se amamos seguir as metáforas freudianas.

A psicopatologia é sensível aos efeitos da moda; a leitura pelo traumatismo está hoje muito em voga, por razões que se pode compreender, levando-se em conta a atualidade, mas há uma forma de hegemonia dessa proposição em campos que merecem nuances e circunspeção. Nós recebemos em nossa unidade, há alguns anos, famílias e crianças às quais não chamamos mais “migrantes”, mas “sujeitos e pequenos sujeitos do exílio”. A abordagem dessa clínica, que não nova no sentido próprio, mas abrindo para questões renovadas, faz-se na maior parte do tempo em nome dos traumatismos atravessados e desditosos: “síndromes pós-traumáticas” – seguindo a nomenclatura anglo-americana. Há alguma coisa de evidente na referência que já está em Freud distinguindo, depois da primeira guerra mundial, aquela das trincheiras, o que se poderia chamar “traumatismo e neurose traumática”. Freud previne que não há apenas a angústia e o medo, mas o temor – *Shrek*, em alemão – que é o ponto não dialetizável e irrepresentável, além da abordagem neurótica habitual. O significante permanece justificado, há algo de traumático. Mas nós apreendemos, pouco a pouco, a medida de que era contra produtivo tratar as coisas a título do “todo traumático”. Há, de maneira

massiva, nas crianças que recebemos a título do exílio, lutos que não podem em nenhum caso serem recolocados desse modo pela palavra trauma. A criança sempre perdeu um pai, morto no país ou desaparecido, ou teve que fazer o luto dos avós que lá permaneceram à força e que ela não voltará a rever mais; perdeu às vezes esse ou aquele nas vicissitudes dos caminhos, no deserto ou no mar... Temos feito do célebre texto de Freud, *Luto e melancolia*, nosso livro de cabeceira, sobretudo porque Freud nele entrega a chave do trabalho possível a respeito do luto que, contrariamente a toda tentativa, não está mais do lado da relação de objeto, mas do lado da identificação. Podemos garantir que essa intuição abre para dimensões da clínica nos encontros com as crianças do exílio. Além disso, há justamente todas as particularidades induzidas pelo que nomeamos “defecção fantasmática”, que não são absolutamente psicóticas. A criança, aliás como o adulto, vai levar um tempo técnico para se reapropriar do campo do desejo, do erótico, mas isso vai vir felizmente, e as questões da vida fantasmática vão retomar seus direitos. A criança terá o talento de nos prevenir disso com poesia, falando-nos de sua colega da escola de quem ela puxa as tranças...

Há, portanto, um trabalho permanente e contínuo entre traumatismo e fantasma que está operando e que é nossa missão: reabrir a janela para o mundo pela janela sobre o desejo; não congelar as coisas à força sobre o atemorizante.

Talvez haja também um mistério mais surpreendente concernente à subutilização da palavra *fantasma* na literatura analítica atual: é que nossa disciplina pouco a pouco se afastou da descrição dos sintomas da sexualidade no sentido próprio. Não se faz mais colóquio sobre a dita frigidez nem sobre os problemas masculinos da ejaculação. É preciso reler os pioneiros para ter uma ideia disso. Essa fraqueza fez o leito da sexologia, enquanto muitos pacientes consideram que os psicanalistas não têm grande coisa a propor sobre os problemas da sexualidade.

*Sempre voltar a Freud...*

O texto capital de Freud concernente ao fantasma, “Uma criança é espancada” (1919), é aquele sobre o qual Lacan se apoia em sua retomada da questão. É um texto que tem um valor estrutural realmente incrível já que, a sua maneira, Freud vai dar de imediato o segredo das relações dialéticas entre um cenário “imaginário” – quer dizer uma pequena cena primeira erotizada, os objetos e as zonas do corpo que aí são solicitadas – quer dizer os gozos, mas também as palavras que acompanham essa pequena cena e que estão, frequentemente, nesses exemplos clínicos das frases cujo destino é capital para o sujeito. Isso é particularmente legível nos célebres casos do Homem dos Ratos e do Homem dos Lobos.

Seguindo Freud, há no fantasma – nós o colocamos no singular, como Lacan, para distinguir das fantasmagorias e outras imaginações – uma parte quase às claras sobre a qual o sujeito não se engana, já que ela o acompanha em sua vida erótica desde sempre. Há condições, no despertar da sexualidade, que o sujeito reconheceu bem cedo e que ele sabe reencontrar à sua maneira ao longo de seu caminho. E depois, há essa dimensão que se pode dizer mais estrutural que aparece na própria frase literal, “bate-se”: o que é esse “se”? De qual outro se trata? Do mais próximo, o círculo anônimo de uma família, o clã, a comunidade...? No caso *princeps*, nós o sabemos, aparecerá a fórmula a mais cheia de verdade: “eu sou batido pelo pai”. Pode-se entender o próprio verbo *battre* da maneira a mais simples, “dar golpes”; mas pode-se também facilmente escutar a metáfora subjacente em toda sua ressonância fálica obrigatória quando se diz: “battre monnaie”<sup>11</sup>, ou “ser batido pelas ondas”, mas também “ser batido pela vida”. Está-se selado para sempre em algum lugar. Se bem que por trás de um cenário aparentemente claro, há palavras, pequenas frases, significantes que são solicitados e que merecem um trabalho ao mesmo tempo de equivocidade e de colocação em perspectiva. É todo o trabalho da análise.

---

<sup>11</sup> No francês, *battre monnaie*, que pode ser traduzido por ‘cunhar moeda’.

A nosso ver Lacan não procurou completar muito a definição do fantasma freudiano, simplesmente prevenindo-se diante da falta, contudo importante, de que os exemplos femininos e masculinos eram perfeitamente homogêneos. Na retomada de *Além do princípio do prazer*, Lacan precisará, entretanto, concernente a *Uma criança é espancada*: “É uma sentença para o inconsciente, tu repetirás a falha<sup>12</sup> do teu pai”. Ele retraduz a fórmula como uma sentença, “tu repetirás a covardia do pai quanto ao desejo”. Nós poderemos propor o aforisma: “Eu sou batido pelo Nome-do-Pai”. É uma aposta difícil pois, como sabemos, na vida psíquica o pai é ao mesmo tempo aquele que prescreve e aquele que interdita o gozo; tudo depende da escolha da neurose. Os psicanalistas de criança embelezam frequentemente a lei do pai em nome de uma castração necessária; é verdade que a agitação do pequeno às vezes dá tontura. E como os pais regularmente têm desertado... A presença deles é imensamente solicitada.

Para trazer a questão do fantasma, Freud considera – o que até hoje não é fácil de reconhecer e de admitir – que a sexualidade infantil é um dado adquirido. A entrada no fantasma em Freud, que é muito precoce (um ano e meio, dois anos) e ainda mais precocíssimo em Melanie Klein, funda-se sobre o fato de que, para ele, há uma sexualidade infantil imediatamente agida de maneira

---

<sup>12</sup> Em francês *faute*, pode ter o sentido de ‘falha, erro, falta’.

quase fisiológica; ela não é somente sonhada. Ainda é preciso lembrar-se disso. É-nos preciso reler, com os olhos suficientemente abertos, algumas linhas dos *Três ensaios sobre a sexualidade*. Partir novamente do espanto de Freud quanto à cegueira dos adultos diante das manifestações da sexualidade infantil:

“Uma característica da ideia popular sobre o instinto sexual é de que ele está ausente na infância e só desperta no período da vida descrito como puberdade<sup>13</sup>.”

“Ao que sei nem um só autor reconheceu claramente a existência regular de um instinto sexual na infância; e, nos escritos que se tornaram tão numerosos sobre o desenvolvimento das crianças, o capítulo sobre “Desenvolvimento sexual” é, via de regra, omitido<sup>14</sup>.”

“Acredito então que a amnésia infantil, que transforma a infância de todos em algo semelhante a uma época *pré-histórica* e oculta o início de sua própria vida sexual, é responsável pelo fato de, em geral,

---

<sup>13</sup> Freud, Sigmund, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* em Obras Psicológicas Completas, Vol. VII, Imago Ed. Rio de Janeiro, 1969, p. 123

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 177.

nenhuma importância se atribuir à infância no desenvolvimento da vida sexual<sup>15</sup>.”

“A concatenação das manifestações que podemos discernir através da investigação psicanalítica justifica para nós, em minha opinião, quando consideramos o chupar o dedo uma manifestação sexual e quando o escolhemos para nosso estudo das características essenciais da atividade sexual infantil<sup>16</sup>.”

“Ninguém que já tenha visto um bebê reclinar-se saciado do seio, e dormir com as faces coradas e um sorriso feliz, pode fugir à reflexão de que este quadro persiste como protótipo da expressão da satisfação sexual na vida ulterior<sup>17</sup>.”

“Como a zona labial, a zona anal acha-se bem adaptada por sua posição, a atuar como um meio através do qual a sexualidade pode ligar-se a outras funções somáticas. Deve-se presumir que a significação erógena desta parte desse corpo é bastante grande desde o início... Os distúrbios intestinais que são tão comuns na infância concorrem para que não falem

---

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 180.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 135.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 186.

à esta zona excitações intensas.”<sup>18</sup> “Difícilmente será possível evitar a conclusão de que os alicerces para futura primazia exercida por essa zona erógena sobre a atividade sexual são estabelecidos pela masturbação na primeira infância, a que dificilmente algum indivíduo escapa<sup>19</sup>”.

Preferimos escutar ainda Freud pelo tanto que ele é preciso:

“É instrutivo o fato de que, sob a influência da sedução, as crianças possam tornar-se perversas polimorfas, e possam ser levadas a todas as espécies possíveis de irregularidades sexuais”. [...] “Torna-se impossível não reconhecer que esta mesma disposição para as perversões de toda espécie é uma característica humana geral e fundamental<sup>20</sup>.”

“Quase na mesma época em que a vida sexual das crianças atinge seu primeiro ápice, entre as idades de três a cinco anos, elas também começam a mostrar sinais da atividade que pode ser atribuída ao instinto do saber ou da pesquisa. Este instinto não pode ser contado entre os componentes instintivos elementares, nem

---

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 190.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 193.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 196.



pode ser classificado como pertencente exclusivamente à sexualidade. Sua atividade corresponde, por um lado a uma maneira sublimada de obter domínio, ao passo que, por outro, ele utiliza a energia da escopofilia. Suas relações com a vida sexual, contudo, são de particular importância, já que aprendemos através da psicanálise que o instinto do saber nas crianças é atraído inesperadamente cedo e intensamente para os problemas sexuais e é, na realidade, possivelmente despertado de início por eles”.<sup>21</sup>

Freud abre-nos os olhos sobre as características da atividade sexual infantil (agida desde os primeiros tempos da vida, autoerótica, ligadas às zonas erógenas múltiplas) mas também sobre a ligação tão importante entre a pulsão de saber e a sexualidade, algo de que a escola se descuida. Do mesmo modo, a ligação entre sexualidade infantil e perversão, que nos surpreende a ponto que se possa pensar que ela, a criança, é por natureza um “perverso polimorfo”... Mas, provavelmente, é mais justo para nós, exatamente, nos prevenirmos de que há na neurose todas essas fixações e todas as regressões possíveis a todas as formas de satisfação objetal pré-genital, como a sexualidade humana narra tão bem para nós. É o polimorfismo, a abertura a todos os gozos

---

<sup>21</sup> *Ibid.* p. 199.

possíveis, que o instigava. O que ele chama “perverso polimorfo”, não é absolutamente senão um gozo aberto diante de uma genitalidade constrangida pelos interditos sociais.

Tradução: Letícia P. Fonsêca

# O PUNÇÃO: UMA LÓGICA CONSTRUTIVISTA ENTRE O ÍNTIMO E O SOCIAL

*O necessário é ainda possível?*

Quando Lacan esbarra com uma dificuldade maior ele vai, ao preço de um esforço notável, produzir uma escrita – o que se convencionou chamar matema. Uma escrita matematizada. O problema que Lacan se colocava concernente ao fantasma era que, ao mesmo tempo, ele não podia dizer melhor que Freud em seu célebre texto “Uma criança é espancada”; ele não podia dizer melhor que Freud concernente à vertente íntima da pequena cena erotizada abrindo para a sexualidade, mas ele queria igualmente abrir para a questão dos grandes discursos que marcam uma época sobre os costumes e igualmente sobre a sexualidade, e que não são sem consequências sobre nosso inconsciente e nossa visão do íntimo. “O inconsciente é o político” terminará ele soltando. Para tentar resolver uma dificuldade teórica, Lacan não vai passar, como nós mesmos o fazemos, por outros exemplos clínicos – o que pode nos parecer às vezes danoso – ele vai, ao contrário, adotar um ponto de vista muito mais geral e propor um olhar unificado sobre questões aparentemente diversas, donde os grandes princípios que se conhece como aquele da forclusão do Nome-do-Pai que generaliza todo o campo das psicoses.

Esse método tem sua patente de nobreza em matemática e nós voltamos, por exemplo, aos trabalhos sobre o *topos* enquanto ponte entre o discreto e o contínuo produzido por Alexandre Grothendieck. O objeto central de sua geometria não é mais uma

curva ou uma superfície, mas torna-se alguma coisa de aparentemente mais abstrata que porta o nome de “esquema”; o que é importante não são os objetos tomados isoladamente, mas sobretudo as relações, as funções, os morfismos, “relações entre dois espaços”. Grothendieck não utilizava exemplo concreto e instrutivo, ele tendia sempre para a maior generalidade. Quando Lacan escreve seu pequeno matema  $\$ \rhd a$ , é o que ele faz: ele coloca em relação puramente algébrica dois espaços imensos, a noção de sujeito de um lado e a noção de objeto do outro. Ele vai utilizar um utensílio matemático, o punção, para declinar todos os morfismos concebíveis entre esses dois espaços significantes. Lacan constrói seu matema a partir de signos lógicos de onde sua expressão “a lógica do fantasma”, que retomará a questão de Freud sem dar nenhum exemplo clínico novo. Pode-se observar no punção a lógica da implicação: “se faço isso, então aquilo”, que é muito poderosa para decodificar a lógica obsessiva (“se eu ultrapasso essa linha, então meu pai vai morrer...”). Há o que se chama também a *conjunção* e o inverso, a *disjunção*. Há igualmente a *inclusão* como se diz “inclusão nos conjuntos”. Nós fornecemos, contudo, um exemplo na criança pequenina: o seio, a quem ele pertence? Lacan vai dizer que é um objeto amboceptor, ele pertence tanto ao campo do pequeno sujeito como ao campo do Outro. Há, portanto, a inclusão, e uma interseção. Se tomarmos o olhar, e não simplesmente a visão, adivinharemos imediatamente a lógica complexa: a criança olha, mas o quê? Sob o

olhar de..., no olhar de..., cruzando o olhar de... Uma lógica elevada seria necessária para decodificar toda sua economia, mas cada um dos pais conhece todas as delícias disso. Teríamos dificuldade de especificar a economia de uma voz que é interior, exterior, que é sonora ou que é já um pensamento. Apenas a grande patologia nos dá uma ideia dessa complexidade porque a voz é um *Um*, um mandamento, um objeto, e também um buraco, o silêncio. É um edifício bem construído no humano.

A partir desta colocação puramente lógica Lacan vai fazer trabalhar significantes que permitem leituras interessantes: conjunção e disjunção evocam a maneira com que o dito falo vem operar na diferença dos sexos; ele conjuga os dois sexos em torno de uma única palavra, a *libido*, como diz Freud, todavia para separá-las. Há o masculino e o feminino. Lacan vai abraçar a série das matemáticas modernas e passará à lógica modal do mesmo símbolo; o punção pode-se ler: “é possível que”. A distinção entre o possível e o necessário está operando há muito tempo na história das ideias, mas o fato de estabelecer em matemática essa conexão abre para invenções; o que os sociólogos, depois determinados matemáticos, chamam de lógica *difusa*, “todos os mundos possíveis”. É provavelmente o que está operando na desconstrução moderna da identidade sexuada. “É possível que”... Por exemplo: é possível que uma criança muito pequena se reconheça, no espelho, do outro sexo; é o que se tinha chamado “transexualismo primário”. Esse “é

possível que” tornou-se pouco a pouco, ao sabor dos discursos ambientes, transformações técnicas possíveis, mas também mudanças legislativas, um novo mundo possível onde a identidade sexual estaria simplesmente à escolha do próprio sujeito. “Se eu quiser, eu posso mudar.” O ponto talvez mais interessante – para não colar demasiadamente às polêmicas sobre o gênero – é que por esse fato isso0 desconstrói ao inverso os próprios grandes significantes. Porque ter-se-ia que se agarrar à masculinidade e à feminilidade, por exemplo? Sente-se bem portanto como uma lógica *difusa* – partindo de um problema inicialmente local, algumas reivindicações isoladas de mudança de sexo – tornou-se, no sentido completo, um fato de discurso, pois faz retorno sobre os grandes significantes: “o que é um homem? o que é uma mulher?”, não se sabe muito bem se são sempre significantes mestres ou se isso se tornará designações passageiras. Nós permanecemos prudentes. Os efeitos sociais são muito variados, segundo os países, as culturas, a relação em particular com a religiosidade... Mas a psicanálise efetivamente está alojada entre ciência e religião de uma maneira que suas proposições nem sempre são facilitadas.

Em prática clínica, nós trabalhamos o mais regularmente com dois conectores ligados: quer dizer que em princípio “é possível que” encontre-se constrangido por “é necessário que”. Desde que eu me enuncio sou bordejado, sem saber, por este limite: é preciso inicialmente que haja o necessário, inicialmente o necessário para

que a questão do possível aí se distribua. Essa lógica potente é reafirmada por Lacan na generalização que ele faz recair sobre a castração: a castração é necessária para cada um “qualquer que seja  $x \Phi x$ ” escreve ele. É necessário que haja essa castração ao preço de que alguma coisa aí escape,  $\exists x \Phi X$ , retomada do mito do pai da horda primitiva, da exceção que confirma a regra. Há entretanto uma dificuldade suplementar em matemática que retoma maravilhosamente a questão da dupla negação da qual Freud fala em seu texto *Construção em análise*. Os lógicos não escrevem: “é possível que chova amanhã” desse modo simplificado; eles se obrigam a passar por uma dupla negação: “não é necessário que não chova” e então finalmente, “é possível que chova”.

Escondem-se questões gigantescas sob essas questões, aparentemente as mais simples: reflitamos sobre o exemplo que podemos dar de uma mãe que conta banalmente a proposição enunciada outrora a seu filho concernente a sua filiação: “é possível que esse seja teu pai”; o sub-entendido está claro: ela tinha dois homens nas mãos e não estava bem segura, se numa noite ou noutra... A fórmula única abrindo a uma saída da dúvida assustadora que marcou a neurose obsessiva precoce dessa criança teria sido a fórmula proposta pela lógica: “não é necessário que ele não seja teu pai” que pode portanto equivocar como a fórmula simplificada precedente, mas também: “tu podes decidir que é teu pai”. É uma denominação, como sabemos aliás, que desde a antiguidade, é sempre

a nomeação simbólica que vence. Freud adverte sobre o risco forclusivo das duplas negações, que não podem ser equivocadas e é todo o trabalho de uma análise de estar no lugar onde as coisas vêm se puncionar; reabrir a construção, fazer novamente entender a ligação entre o possível e o necessário escondidos sob as fórmulas injuntivas e superegóicas do inconsciente.

Temos assim, apenas com um pequeno losango, toda a clínica ao mesmo tempo: de um lado essa neurose de constrangimento de uma criança diante do informulável do gozo materno; e do outro as nomeações novas, saídas das reatribuições pelo real médico da identidade sexuada. Um único pequeno losango pode evocar tudo isso, fornecer-lhe alguma lógica que é matemática, mas que é antes de tudo íntima. Entramos nós mesmos, os psicanalistas também, em todos esses mundos possíveis; nós não somos ilesos a isso. Alguns dos meus amigos me preveniram que, contrariamente ao que eu pude pretender, em certos meios a bissexualidade se torna norma. Não é o que nos agrada e que nos desagrade que conta. Não esqueçamos que para os lógicos gregos da antiguidade, um jogo lógico era mais que sério; sua resposta eventual tocava na questão da vida e da morte. Conta-se que no terceiro século antes de nossa era um certo Diodoro Cronos suicidou-se no dia em que não pôde responder a um jogo dessa ordem. Toda palavra portada sobre o punção do fantasma faz verdade, de onde a prudência que se impõe em seu manejo. Isso coloca em jogo efetivamente as



questões da vida e da morte. Lacan dirá alguma coisa assim: “a sua mulher ou a seu mestre para que ele receba sua fé, é de um *tu és uma ou outro* que ele os invoca sem declarar o que ele é, de outro modo senão ao murmurar contra si mesmo uma ordem de assassinato que o equívoco da língua francesa traz ao ouvido”. Quer dizer, já que são esses exemplos – “tu és minha mulher” e “tu és meu mestre” – que Lacan tinha tomado como exemplos de palavra plena e justamente porque logicamente elas não tocam nem mais nem menos senão na morte<sup>22</sup>. A própria vida do sujeito está suspensa, uma vez que a partir da resposta ou não surge o equívoco: “tu es/tuer” (tu és/matar).

O punção abre à dimensão da letra pelo *punctio*, a haste do arqueiro que serve para gravar ou cravar. Existe na Imprensa Nacional o gabinete dos punções; pode-se descobrir mais de trezentos mil elementos que servem à tipografia desde a invenção da escrita. E pode-se talvez compreender assim porque, por trás de cada enunciado do fantasma aparentemente estandardizado, quase universal, “batem-me”, cada paciente tem contudo seu estilo, sua maneira, sua presença. Há uma batida particular para cada fantasma. Ele tem que guardar na história da batida, do punção, alguma coisa que especifica um pequeno fantasma ubiqüitário e simplório, justamente alguma coisa da posição da letra do sujeito, e de sua tipografia como se diz em imprensa. Com a condição de guardar à

---

<sup>22</sup> No original: tu es/tuer – palavras homofônicas, que significam *tu és/matar*.

letra todas as valências que se lhe foram concedidas precedentemente. Mesmo nosso gosto: fala-se exatamente de um estilo “Garamond” para certas obras que eram escritas numa estilística especial. Há tipografias particulares para certos livros de poesia, uma criação literal. O punção faz refletir e pensar em tudo isso. Nós apreendemos precocemente os gostos dos alimentos e das letras que nós engolimos ao mesmo tempo. O fantasma assim se apresenta como uma pequena cena aparentemente necessária, porém ubiqüitária, dobrada e remanejada ao lado dos discursos ambientes – não se é forçosamente batido da mesma maneira em todas as épocas – e, o que faz com que a psicanálise se faça sempre no um a um, que cada encontro valha um, as próprias condições de colocação em continuidade do íntimo e do social não dão seu fruto senão com o elemento singular próprio a cada um e a cada uma, o estilo da tipografia.

Não se observa bastante o quanto, na maneira com que alguém fala, a pulsionalidade de sua voz está sem cessar pontuada. É talvez por isso que Lacan aproximou de maneira audaciosa, em seu grafo, a pulsão e o fantasma, com o mesmo punção, ao passo que nós não parecemos utilizar o mesmo caminho quando falamos da construção fantasmática e da gramática da pulsão. Há, nessa última, alguma coisa de muito nítida e importante, que é o trabalho da conjunção e da disjunção. O exemplo realmente simplíssimo de emergência de um sujeito sob a demanda do Outro: “eu sou chupado,

eu te chupo, eu me chupo, eu chupo...”, todas essas reversões possíveis onde o punção trata do tempo lógico de recobrimento de uma zona erógena e de uma gramática subjetiva. Nossos colegas que trabalham com os bebês narram isso maravilhosamente. Será que esse exemplo gramatical é verdadeiramente o mesmo que em “eu sou batido”? Sim e não, pela razão que nós já indicamos bastante, que “batido” é antes tomado na concatenação significante, que é já ao mesmo tempo “levar golpes” e “cunhar moeda”. Há um ponto fora da linha implicado no fantasma, um ponto que relança já uma significação ao infinito. O cenário masturbatório não é inerte, ele é ao mesmo tempo repetitivo, mas abre também para todos os possíveis do significante. No fantasma, o punção é símbolo, mas já significante, enquanto que na mecanicidade da pulsão, ele está fixado logicamente. Ainda que produzindo *in fine* um sujeito, a pulsão é acéfala. Portanto, sempre com Lacan, o enigma permanece: é e não é o mesmo símbolo; pulsão e fantasma devem permanecer ligados, é uma mensagem tanto mais viva em um momento em que, repitamo-lo, essa disciplina pode parecer divergir, mas devemos considerá-la enquanto ligada ao campo geral do desejo, que é o único campo onde a psicanálise opera.

Contrariamente ao que é às vezes relatado, Lacan não liquida a questão do fantasma pela questão dos gozos. O exemplo clássico mais interessante, nesse sentido, é aquele do Homem dos lobos, retomado por Lacan em seu seminário zero, em pequeno comitê,

exatamente antes, portanto, do seu primeiro seminário. Freud narra como a sexualidade do Homem dos lobos vai estar tocada e como vai se encontrar indexada por uma forma singular do gozo tomada entre o olhar e a mucosa intestinal, topologia bastante desconcertante. Tem-se muita dificuldade de compreender de qual gozo se trata, porque não é aquele do Homem dos ratos. Ainda que o caso clínico tenha sempre causado polêmica, entre neurose obsessiva grave e psicose, até caso paradigmático dos estados limites para alguns. Um gozo permanece inominável, indecifrável, temos poucas palavras para qualificá-lo: gozo fálico não, gozo Outro talvez, mas o que é que isso acrescenta? Faltam palavras. Em todo o caso, temos, claramente contado por Freud, o impacto das palavras sobre o corpo, já que é no momento em que a criança escuta uma frase enunciada por sua mãe ao doutor que ela acompanha até a porta: “eu não posso mais viver assim”, que se produz um colapso e permanecerá definitivo: a criança vai, ao mesmo tempo, interpretar a sexualidade de seus pais como nociva para a mãe e incorporar, sob uma forma inesperada, um gozo inusitado como memória dessa interpretação. Ele não poderá mais viver assim, ela também não: forma de identificação quase mimética, bastante desconcertante. De fato. Encontraremos traços mais tarde de toda a hipocondria inclusa nos desenvolvimentos futuros das queixas sobre o corpo.

É difícil dar crédito até o fim a semelhante impacto da palavra sobre o corpo e contudo... Por ocasião de nosso seminário,

tínhamos retomado e comentado a célebre *Carta ao pai*, de Kafka. O autor de *A metamorfose* traz o que se passou no dia em que seu próprio pai o tratou por “barata” explicando-lhe de passagem que “barata é um assassino sem alma, impessoal”. É incrível a força injuntiva de uma tal frase no destino de uma criança, depois destino de um homem! Acreditamos nisso sem ousar acreditar, não é nada mais que uma pequena conversação à mesa, e seu pai o espanca com esse significante: “você é apenas uma barata”. Essa palavra encarcerada na carne da criança vai fazer todo o seu drama, e provavelmente, por sorte, seu gênio, mas ao preço de qual esforço? Compreende-se melhor porque no lugar de dizer “cena”, Lacan dirá “lógica”, porque em um só instante o mundo inteiro do sujeito foi remanejado em suas dimensões de imaginário, é verdade, mas também de simbólico e de real. Uma vez que o impossível foi dito, em que é que eu vou me tornar? Se não for simplesmente o processo, qual metamorfose?

Nós não estamos mais em Viena nem em Praga, mesmo que o ódio corra sempre. Um jovem não vem mais tão regularmente alegando “eu sou batido”; ele dirá antes, de bom grado: “eu não compreendo por que me devem”. Ele tem razão, é a lógica moderna do gozo, aquela que se constrói e se transforma sob nossos olhos. A parte íntima do fantasma parece dar a vez diante da abertura ao discurso ambiente, “devem-me”. Dar a vez não quer dizer desaparecer. Nós deveremos trabalhar com prudência, nós vemos

ainda neuroses clássicas, e mais, na mesma manhã, neuroses que nós nomeamos “pós-freudianas”, onde a dimensão social parece prevalecer sobre os espaços fechados do familiar. Damos alguns exemplos tipológicos disso.

É uma garota de cinco anos que se chama Eva. A princípio uma certa surpresa: ela é loura como trigo, enquanto sua mãe que a acompanha é mestiça. Mas nós tentamos deixar à distância as aparências. A história é, contudo, surpreendente já que essa mãe, que era até então de uma ordem religiosa, tinha decidido um dia – sem que se tratasse em nada de um acesso de loucura – ter uma criança. É importante precisar que ela nunca tinha tido relação íntima com um homem e que ela tinha tido que pedir ajuda para obter uma fecundação medicalmente assistida, em um país europeu vizinho, já que a manobra era interdita até então na França. Nós deixamos de lado voluntariamente as motivações dessa jovem mulher, que não são da ordem da mística nem em nada da psicose, nem de uma ideologia social particular. Por que então a pequena Eva nos tinha sido trazida? Ela não apresentava, para falar propriamente, problemas específicos: ela é viva, inteligente, presente e perspicaz. Nosso grupo de observação e de terapêutica se ocupou muito disso e me confessou a mesma perplexidade. Era difícil precisar o que não funcionava a não ser ao entrar, como Eva, nas dimensões da lógica. Quando o adulto enunciava uma fórmula tendo valor de verdade, essa menininha se insurgia dizendo com frieza e determinação: “não,

não é verdade”. Isso tinha, é claro, inquietado sua professora na escola maternal, porque as próprias regras da aritmética elementar eram recusadas.  $1 + 1$  nunca faziam dois. Sua mãe tinha renunciado a fazer-lhe admitir vários dos enunciados e nós pudemos constatar, em nossa própria Instituição<sup>23</sup>, sua veemência a respeito de toda afirmação portadora, contra a sua vontade, de um ponto de verdade. “Não, isso não é verdade”. Ela sabia, provavelmente sem saber, o que tinha sido sua concepção. As crianças sempre sabem sem sempre compreender bem. Ela sabia que se fabrica facilmente o verdadeiro com o falso, como nos quadros da lógica clássica. Mas para ela, como para Freud, a verdade só podia estar num lugar outro do que na sexualidade. O que ela dirigia provavelmente, sem cessar, a sua mãe: “o que tu me dizes não é verdade”.

Nós não seremos surpreendidos senão por meio de seus jogos favoritos: ela reagrupava, em par, incansavelmente, protagonistas da arca de Noé ( $1 + 1$ , dá o quê?) e recomeçava. Nós poderíamos então dizer que numa lógica do possível, sem que se saiba mais o que era necessário, essa menina respondeu por um sintoma lógico, “não, não é verdade”, que se transformava na ocasião em um violento “Não, mãe! Tu mentes! Não é isso!” Categoria da mentira realmente inacreditável para uma menina dessa idade, mentira levada aí sobre a questão da castração, do limite. Inflexão às claras

---

<sup>23</sup> No original, *Unité*, como o autor se refere à Instituição de trabalho que ele dirige. (NT)

na qual recai a questão da ciência sobre o fantasma. Mas, repitamo-lo, não era absolutamente uma criança desgarrada no sentido da estrutura, em nada pré-psicótica. Ter-se-ia dificuldade para dar o nome de uma neurose. Ela estava diretamente no alvo da lógica do punção. E uma vez que ela tinha tomado posição, podemos pensar que uma forma de sua divisão poderia oportunamente ser recebida além de sua tenra idade. Não é preciso ter um julgamento fechado para as formas novas da lógica. O mais importante é observar o que vem a fazer objeção, ainda que seja de início sob formas de contestação.

### *Como fabricar uma hipocondria pelo discurso?*

O “Quebra-cabeça dos migrantes” ou “Migrantes sem saída” como o anunciava um pequeno jornal matinal. O discurso social, na França como na Europa, fabrica com “o estrangeiro” um objeto xenopático que é preciso subtrair: expulsá-lo, ou deixá-lo viver em condições tão desumanas que ele perderá, ele próprio, toda a razão de permanecer ali. Como já tínhamos proposto em um artigo difícil de reencontrar que se chamava “Seu nome é hipocondria”, a rejeição do outro tornou-se a vertente sombria de nossa nova economia psíquica.

Resumamos sucintamente nosso propósito de então que é infelizmente ainda mais atual. Nós temos dor no abdômen, como o



indica a hipocondria em sua ortografia antiga; na maior parte dos autores inspirados por Hipócrates e Galien, tratava-se de uma afecção mental cuja causalidade era digestiva. A hipocondria nos ensina – e é essencial – que para o corpo – que não é redutível apenas ao somático – as aberturas e fechamentos, os vazios e os plenos, os ocos e as bordas estão sob a estreita dependência de um recorte e de uma especificação, todas as duas introduzidas por uma operação metafórica, aquela que Lacan nomeia Nome-do-Pai. Na falta dessa operação interna à língua, o cortejo das manifestações ditas hipocondríacas testemunha a presença, enquanto encarcerada, de um curioso objeto, aquele que com Lacan nós chamamos objeto *a*. Esse objeto não caído, não recortado, não perdido, que rói o corpo como a própria língua e qualifica a hipocondria como vertente estrutural de toda psicose. Os dizeres de nossos pacientes são plenos dessas fórmulas onde se sucedem os temas do corte, da expulsão, da retenção, do encarceramento, etc

A dimensão do objeto encravado nas dobras de nossa vida psíquica a ponto de não mais poder ser daí subtraída é para se visualizar como o estilo de nossa época. A atualidade ordena ainda, de acréscimo, concentrar-se sobre as loucuras identitárias, até sobre categorias como o ódio, ódio puro desligado de sua relação ao sexual, como certas psicoses o deixam ordinariamente entrever, uma vez que é um pai sem referência ao seu lugar simbólico que vem então abrir o baile. Sem deslocar a urgência do momento e tornar

confusas as apostas evocamos, entretanto, a formidável explosão do mundo dos objetos, objetos fabricados, objetos às vezes virtuais, objetos de consumo, objetos de desperdício como nunca os tínhamos conhecido. A globalização é uma das formas da “esferização” do signficante e convocará forçosamente manobras de rejeição, de expulsão, das passagens ao ato à guisa de cortes. O analista é cada vez mais solicitado a vir suturar um campo do qual não se suporta mais os rasgos automáticos; ele é chamado em cada situação onde há vítimas, em todo acontecimento traumático, nos problemas de exclusão e de inserção social...

Para nós, todo esse culto da identidade que corrói a Europa e os países que nos são mais próximos nos conduz, à força, a sua maneira, a essa questão mortal do narcisismo. Mas aí, como psicologia das massas, já que é elevada na escala das nações. Queixar-se disso não serve para grande coisa já que essa xenopatia tornou-se de bom tom e se impõe como norma da relação com o próximo, ao preço, notemos, de uma anestesia afetiva surpreendente que, em outros tempos sombrios, tinha já criado o esquecimento do próprio grande Freud em seu texto sublime *Luto e melancolia*. No instante em que escrevemos, famílias morrem no Mediterrâneo, barcos não podem mais acostar, corpos são encontrados sob a neve nas encostas das montanhas... Mas pouco importa... Cada um desvia o olhar e faz semblante de que as questões de exílio não são senão temas literários interiores. Nós devemos admitir, para sermos

honestos, que às vezes empurramos nossos colegas aos limites na obrigação que nós nos fazemos de receber sujeitos do exílio em grande desamparo. O que pode fazer nossa assistente social ou nossos colegas quando chegam em nossa Instituição famílias inteiras que se viram intimadas pela ordem de voltar para seus países de origem, sem entretanto direito a asilo? Tentamos permanecer humanos, sem mais; mas já é muito. Nós nos obrigamos a manter o curso, particularmente para as crianças que por sorte permanecem escolarizadas a maior parte do tempo e têm necessidade de narrar, em algum lugar, os tormentos e os acasos de uma vida. Nós não nos orgulhamos de uma tal posição que nos parece condizente com nossa missão.

Concernente a Freud, é preciso não apenas ler e reler *Luto e melancolia*, mas recolocar as coisas em seu contexto e tentar compreender por que o próprio Freud esqueceu de comentar a anestesia afetiva que assolava seu século. Nós demos algumas hipóteses sobre isso em nosso pequeno prefácio a uma nova tradução desse texto. Contentamo-nos em lembrar umas linhas. “Freud não escreve apenas *Luto e melancolia* no momento em que dois de seus filhos estão no *front* e onde ele sabe que ele está acometido por um câncer. Ele escreve também em um momento em que, nesses países de língua alemã, se preparam as condições da anestesia moral que vai seguir. Nós não podemos – e Freud sabe disso, por formação e por identidade – não podemos fazer nosso luto das memórias, e não

temos, nós mesmos, saído da forma de depressividade induzida pelos dramas do século XX. Freud viveu nesse contexto tão particular e anunciava precisamente o desligamento entre amor e ódio, entre pulsão de vida e pulsão de morte, noção que ele estabelecerá um pouco mais tarde em 1920 em *Além do princípio do prazer*. Nós estamos frequentemente, culturalmente, numa forma de anestesia afetiva que vem do fato de que camadas inteiras de nossa memória coletiva são foracluídas. Assim, em 1904, a Alemanha de Guillaume II enviará ao país que hoje se chama Namíbia o general Von Troutha, que procederá metodicamente ao primeiro genocídio do século XX. Essa dor ainda hoje é mal simbolizada na história alemã, e é por isso que essa omissão de Freud deve ser entendida sobretudo como um sinal: nós estamos sempre às beiras de não mais saber distinguir entre luto e melancolia, porque estamos sempre à beira de sermos nós mesmos sem visão nem afeto pelo outro”.<sup>24</sup> Nesse lugar o fantasma se desfaz e não constitui mais a janela, porque é o crime que faz a cena.

*Do mito individual do neurótico  
aos novos abatidos<sup>25</sup> de amor*

---

<sup>24</sup>Tyszler, J.-J., prefácio de *Deuil et mélancolie*, trad. J.-P. Rossfelder, Paris, Éditions des Crépucules, 2016.

<sup>25</sup>No original, *décompter*, tem o sentido de ‘descontar, abater, saldar’.

A escrita do punção do fantasma, nós temos dito, religa o íntimo e o social, quer dizer, o “fetichismo” erótico próprio a cada um e cada uma e os discursos dominantes, fixando o valor das coisas. Sem que nós nos apercebamos disso imediatamente, ele constrói a dialética entre relação de objeto e narcisismo. Esses dois polos combinados em Freud são bem explicados clinicamente por Lacan em seu texto que se tornou clássico, *O mito individual do neurótico*. A conferência foi feita no colégio filosófico de Jean Wahle e difundida em 1953 sem ter sido corrigida por Lacan. Nesse ensaio bem clínico – já que Lacan se apoia sobre o Homem dos Ratos depois sobre um episódio de paixão na vida de Goethe – ele resume à sua maneira, notemos, e de um modo bastante normativo, a sinergia entre relação de objeto e narcisismo. “Para esquematizar, digamos que se tratando de um sujeito de sexo macho, seu equilíbrio moral e psíquico exige a assunção de sua própria função – de fazer-se reconhecer como tal em sua função viril e em seu trabalho, de assumir os frutos disso sem conflito, sem ter o sentimento de que seria um outro que mereceria, ou, que ele mesmo não o agarrou, sem que se produza essa divisão interior que faz do sujeito a testemunha alienada dos atos de seu próprio eu. É a primeira exigência. A outra é esta – um gozo que se pode qualificar de apaziguador e unívoco do objeto sexual, uma vez que ele é escolhido, adaptado à vida do sujeito.”

Mais uma vez, é claro, Lacan resumiu o ideal de uma vida, ele especifica os riscos disso: “Bem! A cada vez que um neurótico tem êxito, ou tende a ter êxito, a assunção de seu próprio papel, a cada vez que ele se torna de alguma forma idêntico a ele mesmo, e se assegura da fundamentação de sua própria manifestação em seu contexto social determinado, o objeto, o parceiro sexual, se desdobra – aqui sob a forma *mulher rica ou mulher pobre*. O que é bem surpreendente na psicologia do neurótico – basta entrar, não mais no fantasma, mas na vida real do sujeito, para tocar nisso com um dedo – é a aura de anulação que rodeia o mais familiarmente o parceiro sexual, que tem para ele o mais de realidade, que lhe é o mais próximo, com o qual ele tem em geral ligações as mais legítimas, quer se trate de um caso ou de um casamento. Por outro lado, um personagem se apresenta que desdobra o primeiro, e que é um objeto de uma paixão mais ou menos idealizada, perseguida de maneira mais ou menos fantasmática, com um estilo análogo àquele do amor paixão, e que empurra aliás a uma identificação de ordem mortal”.

Depois, mais interessante ainda, ele passa para o lado do narcisismo: “Se por outro lado, em uma outra face de sua vida, o sujeito faz um esforço para encontrar a unidade de sua sensibilidade, é então na outra ponta da cadeia, na assunção de sua própria função social e de sua própria virilidade – já que eu escolhi o caso de um homem – que ele vê aparecer ao lado dele um personagem com o qual ele tem também uma relação narcísica enquanto relação mortal.

É a este que ele delega a carga de representá-lo no mundo e de viver em seu lugar. Não é ele verdadeiramente – ele se sente excluído, por fora de seu próprio vivido, ele não pode assumir as particularidades e as contingências disso. Ele se sente em desacordo com sua existência, e o impasse se reproduz. É sob essa forma bem especial do desdobramento narcísico que jaz o drama do neurótico, em relação ao que tomam todo o seu valor as diferentes formações míticas cujos exemplos eu já lhe dei há pouco sob a forma de fantasmas, mas que se pode encontrar igualmente sob outras formas, nos sonhos, por exemplo. Eu tenho inúmeros exemplos disso nos relatos de meus pacientes. É aí que podem verdadeiramente ser mostradas ao sujeito as particularidades originais de seu caso, de uma maneira muito mais rigorosa e viva para ele que segundo os esquemas tradicionais oriundos da tematização triangular do complexo de Édipo.”

Todo o artigo de Lacan, apoiando-se sobre os dois exemplos clínicos que ele escolheu, é para demonstrar o alicerce fantasmático da neurose a respeito de uma função paterna simbólica sempre enfraquecida: “o pai é sempre, por alguns lados, um pai discordante em relação a sua função, um pai carente, um pai *humilhado*, como diria Claudel”. É nessa distância, diz Lacan, que jaz a função não tanto normatizante do complexo de Édipo, mas seu valor patogênico e Lacan insiste nisso novamente. A outra grande descoberta, não menos importante que essa função simbólica do Édipo, é a relação

narcísica: “A relação narcísica com o semelhante é a experiência fundamental do desenvolvimento imaginário do ser humano. Enquanto experiência do eu, sua função é decisiva na constituição do sujeito. O que é o eu, senão alguma coisa que o sujeito sente inicialmente como estrangeira a ele mesmo, no interior dele? É de início em um outro, mais adiantado, mais perfeito que ele, que o sujeito se vê. Em particular, ele vê sua própria imagem no espelho numa época em que ele é capaz de percebê-la como um todo, enquanto que ele mesmo não se percebe enquanto tal, mas vive num desespero original de todas as funções motoras e afetivas que é aquele dos seis primeiros meses depois do nascimento. O sujeito tem sempre assim uma relação antecipada a sua própria realização, que o rejeita ele mesmo sobre o plano de uma profunda insuficiência, e testemunha nele uma fratura, um rasgo original, um abandono, para retomar o termo heideggeriano”. Lacan faz um *pas de deux* entre esses dois polos bem identificados por Freud da vida psíquica.

Que poderíamos dizer das mesmas questões quase setenta anos depois? Poderíamos propor, pelos pequenos exemplos que temos escolhido, nós mesmos, para reportar nesse ensaio uma economia psíquica quase bipolar: paradoxal depressividade da libido, de um lado, no exercício afetivo da sexualidade, exaltação da vertente imaginária do narcisismo, do outro lado, com o corpo próprio tomado como padrão de todo valor. Já há alguns anos que nós nos surpreendemos com a ausência aparente, depois mantida, de



toda a sexualidade efetiva em alguns de nossos jovens pacientes, quase todos masculinos, quer sejam eles aliás heterossexuais ou homossexuais. Temos tido a intuição clínica de que alguma coisa se propunha de nova e de inesperada sob essa forma quer de inibição quer de uma assexualidade que seria preciso definir; uma recusa face à consumação requerida pelos grandes discursos e pela publicidade. Essa pequena claraboia constituída pelo gabinete do analista encontra-se hoje confortada pelos estudos estatísticos de grande amplitude, conduzidos nos Estados Unidos. A última pesquisa de envergadura, conduzida junto a vinte e sete mil pessoas pelos pesquisadores das universidades de São Francisco, na Califórnia, e de Widener, na Pensilvânia, de 1989 a 2014, revela que essa população de americanos pratica em torno de 53 relações sexuais por ano contra 65 para aquela dos anos 1990<sup>26</sup>. Por um lado um pouco simplista da estatística, revela-se entretanto uma baixa significativa da atividade sexual de uma geração de jovens. É provável, dizem os especialistas, que essa tendência não seja reservada a nossos amigos do além Atlântico.

Como nós mesmos temos constatado, a dificuldade revelada é posta em relação com o impacto, desde a mais tenra idade, das telas

---

<sup>26</sup>. “15%, é a proporção de jovens adultos americanos (idades de 20 a 24 anos) que declaram não terem tido nenhuma parceira sexual desde que completaram 18 anos, quando seus primogênitos dos anos 1960 não eram senão 6% nesse caso, segundo um estudo publicado pela revista *Archives os Sexuel Behavior* em fevereiro de 2017.”, pesquisa do *Le Monde*, 10-11 de junho de 2016.

e da forma pornográfica que inicia crianças, sem latência possível, à visão da sexualidade. Os testemunhos recolhidos são falantes, numerosos, e o tempo consagrado a essa atividade puramente visual é considerável. Parece que essa entrada recente, sobretudo para os meninos, fabrica contra toda expectativa, uma defecção fantasmática, quer dizer que o jovem tem dificuldade para religar essas imagens cruas aos encontros na realidade. Poucas coleguinhas se prestam a isso que eles estavam entrevedendo. Sem falar, mas isso tem sua importância, do ideal de performance grandiosa que isso comporta... Essa leitura parece com certeza fundamentada; ela é interessante de um ponto de vista laciano uma vez que, afinal, ela mostra a passagem à força de um imaginário narrativo amoroso para um imaginário virtual que tem consequências diretas. Talvez poder-se-ia dizer a esse respeito que uma parte da libido de objeto se esvazia em proveito de um narcisismo imaginário inalcançável, vasos comunicantes inesperados, mas que podem se pensar a partir desse famoso punção que vem religar permanentemente os dois termos freudianos que Lacan coloca explicitamente em destaque em seu artigo. Há aliás, sobre a vertente feminina, toda essa insistência sobre a boa saúde fisiológica trazida pela sexualidade “desabrochada”, que é um outro reforço superegótico do desejo e do amor. Mas as mulheres parecem resistir a essa injunção.

Certos comentaristas puderam dizer que um novo acordo da dimensão fantasmática da vida sexual estava em curso pelo viés, por

exemplo, da célebre bissexualidade freudiana. Nós temos, nós mesmos, sido interrogados rapidamente por um ou outro jornalista da seguinte maneira: “temos nós todos nos tornado bissexuais?” Ainda que essa problemática obtenha êxito aparentemente em certos meios artísticos ou literários, nós não temos traço efetivo disso em nossos acompanhamentos. Parece bem raro que alguém declare, no sentido prático, passar tão rapidamente de uma relação de objeto à outra, a ponto de poder ser nomeado bissexual no sentido completo. Mas aí ainda permanecemos modestos; não temos senão nossa pequena janela de analista e pode ser que os jogos lógicos induzidos pelas questões do gênero venham pouco a pouco recompor ludicamente um certo número de lugares. Nós veremos... Em todos os casos, nós vemos o interesse do punção utilizado por Lacan; a relação do sujeito com o objeto de seu desejo se constrói e se desconstrói efetivamente ao sabor das experiências da criança e dos grandes discursos que circundam a sexualidade na cultura; fenômenos massivos aparecem, que não existiam no tempo de Freud nem mesmo na época em que Lacan faz o retorno ao inventor da psicanálise. Construção, desconstrução, grampeamento<sup>27</sup>, desprendimento, acordo, desacordo, novo acordo... vários termos podem valer para descrever uma clínica da sexualidade humana cujos caminhos se pesquisa. Nós nos afastamos pouco a pouco do

---

<sup>27</sup> O termo usado pelo autor, *agrafage*, proveniente de *agrafer*, aponta à ação de prender com grampos, grampear.

complexo único normativo do Édipo, que Lacan deslocará como não unívoco para descrever o campo dos gozos. O mito individual do neurótico permanece uma tela clínica bem justa, notavelmente escrita, precisa. Mas, evidentemente, ela não permite recobrir a totalidade da clínica que tentamos descrever, ou então é preciso fazer um esforço muito particular para devolver a economia combinada das relações do objeto e dos narcisismos em curso.

Mal-estar na sexualidade como nós acabamos de ver, e hipocondria maior do lado da identidade: eis aí, talvez, um novo mito individual cujas linhas de força se delineiam sob nossos olhos e cujo slogan seria: “quero permanecer eu mesmo sem mistura”.

Tradução: Letícia P. Fonsêca

## TIPOLOGIA DAS NEUROSES MODERNAS

“Assim como a opressão sem sentido do supereu permanece na raiz dos imperativos motivados da consciência moral, a furiosa paixão que especifica o homem de imprimir na realidade sua imagem é a fundação obscura das mediações racionais da vontade<sup>28</sup>.” Vem a época em que nós acreditamos imprimir no real nossa imagem.

*As neuroses pós freudianas: neuroses freudianas e neuroses a*

Para a neurose obsessiva dita clássica, Charles Melman evoca no seu seminário a ausência de um verdadeiro corte entre o objeto e o Outro, de tal maneira que o objeto anal na ocasião está permanentemente colado à cadeia significante. Isto é claramente legível no caso do Homem dos ratos a partir do comentário de Freud. Na neurose de constrangimento atualizada, esta positivação do objeto se encontra do lado do corpo, com a pululação dos objetos da técnica como os objetos de vigilância do corpo “são”. Não há retomada negativa, anulação de uma mensagem vinda do Outro, o

---

<sup>28</sup> LACAN, J., « La Chose Freudienne, ou sens du retour à Freud en psychanalyse », dans *Ecrits*, Edition du Seuil, 1966.

Outro da Lei, mas posituação de uma mensagem vinda no lugar da dimensão da castração.

A neurose “pós freudiana”? Claro que existem sintomas de “aparência neurótica” nos analisantes de hoje: ideias obsessivas, compulsões, constrangimentos, pânico fóbico das somatizações... Há também numerosas expressões novas do mal estar: todas as formas de depressividade, os famosos problemas ditos de humor, a multidão das adições, a anorexia-bulimia, a “dispersão de atenção” tão apressadamente diagnosticada nas nossas crianças, agitações, o culto de si e do corpo normatizado. Nós não observamos um deslizamento massivo em direção à perversão contrariamente àquilo que pode ter sido interpretado do trabalho de Charles Melman sobre a nova economia psíquica; ponto que por sinal ele mesmo desmentiu. Mas o mecanismo dito de clivagem é muito solicitado, basta pensar nos grandes casos concernentes aos homens políticos muito conhecidos onde obviamente o “eu sei mas mesmo assim” funciona maravilhosamente. Clivagem que se torna um mecanismo massivo, mas quase normal, tanto que é compartilhado pela coletividade e que mal se vê a carga de perversidade que ela carrega, exceto ao estar acuado num caso de Estado. É o porvir do tripé obsessão-histeria-fobia que seria interessante detalhar: do lado da obsessão, o constrangimento pelo ambiente biológico, a ideologia da saúde; do lado da fobia, a pressão do virtual como o novo imaginário, imaginarização do real – e constatamos fobias sociais de grande

amplitude nos adolescentes que estão muito além das fobias escolares; do lado da histeria, o retorno das grandes somatizações, das algias, mas também muitas formas psíquicas coletivas entendidas como novos males sociais: o *burn-out*, certos limites da radicalização, etc. Novas formas epidêmicas de histeria.

O aparelho psíquico descrito por Freud põe em relação, não sob a forma de uma coerência mas de uma incoerência, a Lei e o desejo; para dizer como Lacan: o Um e o *a*. Existe para Freud o interdito, o lugar vazio liberado de gozo e cada um à sua maneira, neurose, psicose e perversão, é defesa contra esta obrigação. Isto é luminosamente contado por Freud nos seus textos *princeps*. Esta injunção em seu fundo superegóico que se paga por um limite fixado na sexualidade e na agressividade: deve-se ler e reler *A moral sexual civilizada*, “Por que a guerra?”, *Mal estar na civilização*. Certos historiadores de costumes e sociólogos dizem de maneira justa que a sociedade de hoje virou-se para a performance do imediato, a glorificação de si, de um corpo chamado a se tornar trans-humano ou pelo menos suplementado, ignora a negatividade do interdito. No “*Wo Es war, soll Ich werden*”, o “*eu devo*” segue a fórmula publicitária: “eu posso porque porque eu mereço”. O si mesmo como ideal, as formas novas de um narcisismo sem complexos, mas puramente imaginário; nos miramos numa sucessão de eventos. Aliás, é preciso estar muito atento a uma má apreensão da questão do narcisismo por que existe para a psicanálise um verdadeiro

trabalho do narcisismo, desde a imagem até formas simbolizadas do narcisismo que são as idealizações, as idealidades e os ideais. Contrariamente àquilo que se pensa, existe tantas hemorragias narcísicas no sentido de uma perda da capacidade de ter apoio em certas patologias. A agitação e os problemas de atenção da criança, a depressão sob todas suas formas, o *burn-out* no lugar do combate sindical, são as doenças do novo mal estar; elas devem pouco à interdição do gozo, mas elas devem muito à glotonaria ambiente. Os novos prolongamentos do corpo, os meios de comunicação instantâneos, virtualizam nossa relação com a realidade mas também com o real enquanto impossível. O imaginário virtual, novo imaginário, fagocita nosso olhar que não pode mais ser depositado para ler o real. “Deve-se depor o olhar como se depõem as armas” dizia Lacan.

“O excesso de positividade se expressa também sob a forma de um excesso de estimulações, de informações e de impulsos. Ele modifica radicalmente a estrutura e a economia da atenção. A percepção é então fragmentada e dispersada. Mesmo a carga crescente de trabalho requer uma técnica particular de gestão do tempo e da atenção, técnica que por seu lado teve repercussões sobre a estrutura da atenção. A técnica de gestão do tempo e da atenção chamada *multitasking* não representa nenhum progresso de civilização. O multitasking não é uma habilidade que apenas o homem possui na sociedade pós moderna de trabalho e de



informação. Trata-se mais de uma regressão. O comportamento multitarefas é justamente muito comum nos animais em liberdade. É uma técnica de atenção necessária a sua sobrevivência<sup>29</sup>”

O filósofo alemão de origem coreana Byung-Chul Han o diz bem, à sua maneira: “ É a uma atenção profunda e contemplativa que nós devemos às produções culturais da humanidade, e particularmente, da filosofia. A cultura pressupõe um ambiente onde é possível ter uma atenção profunda. Esta atenção profunda é cada vez mais substituída por uma forma de atenção totalmente outra: a hiperatenção. Esta atenção dispersada é caracterizada por uma mudança rápida de focalização entre diferentes tarefas, fontes de informação e processos diferentes. Como esta atenção tem também uma fraca tolerância ao tédio, ela permite pouco obter este estado de tédio profundo que seria importante no processo de criação<sup>30</sup>”.

### *Do mal estar da civilização ao mal da juventude*

No seu texto luminoso de 1930, Freud indica que o preço pago pela civilização, a renúncia às pulsões é caro, portanto, que ele implica o retorno ao próprio sujeito de exigências libidinais recalçadas. A agressividade se transforma em ódio de si mesmo, a

---

<sup>29</sup> HAN, B.-C., *La Société de la fatigue*, Circé, 2014, p. 59-60.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 61.

autoridade do supereu torna-se pior que as prescrições sociais... O pedestal natural das neuroses é aqui detalhado.

Ao contrário, nosso momento parece aquele de uma promessa de uma nova felicidade ao alcance da mão e a completa satisfação das necessidades: o acesso a gozos partilhados se torna a regra comum. Este discurso sobre a saciedade das pulsões, Lacan chamou “discurso do capitalismo”. Sobra desdobrá-lo cuidadosamente, mas os clínicos constataam o deslocamentos das neuroses de transferência em direção às neuroses totalmente ocupadas pelo corpo e pelos objetos contemporâneos. E a juventude especialmente parece viver ao inverso desta constatação freudiana do mal estar. Abertos às experiências sexuais, os jovens que recebemos acham contudo inacabada a sensação da sexualidade. O corpo é investido com os constringimentos de padrões de perfeição, forma nova do supereu. O gozo esperado é atingido por um vácuo e faz laço apenas com o narcisismo. A saciedade causa problema.

Mesmo assim, a questão do desejo não é barrada e é por isso que muitos se encaminham à psicanálise. Tanto que uma mensagem antinômica vem bater quem faz valer um real que se tornou incontrolável: risco climático, crises induzidas por migrações, apropriação crescente das riquezas... Mas notamos que ela suscita mais temor que angústia, inibição, desespero e revolta. O mal da juventude nos advertiria assim de uma nova forma de mal estar. Será

que psicanálise pode encontrar aí uma resposta que lhe seja própria em termos de prática, mas também renovação de sua doutrina ?

### *As neuroses de constrangimento modernas*

Entre classicismo e modernidade

O real do pavor tem efeitos por ricochete: depois do tempo de sideração vem como uma anulação. “Alguma coisa se manifesta, e depois pode-se perguntar se houve manifestação. Ao mesmo tempo, o essencial foi dito, mas nada foi dito”.<sup>31</sup> O exemplo de Fukushima no Japão, o real do desregramento climático e depois a ameaça de uma guerra não convencional...

Como nas outras neuroses, o eixo da neurose obsessiva mudou, não é mais o mesmo erro/toro.<sup>32</sup> A neurose obsessiva freudiana é disputa<sup>33</sup>, conflito interior entre um ideal, ideais e os desejos transgressores da sexualidade. O sujeito de hoje não se sente mais tão culpado e sim “deficiente” no caminho das “vitórias” prometidas e requisitadas pelo individualismo fanático do momento.

---

<sup>31</sup> Levinas, E, « Existenz und Ethik », tradução em « Noms Propres, Fata Morgana, 1976.

<sup>32</sup> No original, *tort/tore*, que significa *erro/toro*: o autor faz o jogo de palavras pela homofonia. (NT)

<sup>33</sup> No original, *tirraillage* - cabo de força, que se traduziu por disputa, em que um puxa do lado e outro do outro. Estiramento, puxão. (NT)

E o motivo desta culpabilidade anteriormente relacionada à verdade da relação com o pai (a ambivalência) desaparece sob as causas cada vez mais exteriores à vida psíquica. O constrangimento é orgânico, biológico, genético, ambiental...

Com Freud tudo começa com uma experiência sexual precoce na neurose obsessiva, uma experiência de excesso de prazer. Este tempo é *a priori* mais tardio que aquele da cena primitiva na histeria por que a criança deve se lembrar daquilo que ela sentiu naquele momento. Freud, por motivos teóricos sobre a ab-reação, vai contudo ligar o mecanismo de recalçamento a este prazer assegurado com um desprazer pré-existente, tipo de fundo histérico comum prévio. O recalçamento do gozo, seu esquecimento guardado na memória inconsciente (“a memória retém o esquecimento”, Santo Agostinho) vai dar nascimento a uma culpabilidade, mas sem objeto nem causa consciente. O famoso “não se deve...senão” do constrangimento obsessivo. Se constata facilmente na criança pequena todos os rituais de organizações e de verificações: “não se deve ultrapassar a linha”. Com a puberdade, reorganização psíquica consequente da adolescência, os motivos sexuais recalçados retornam com força com a mesma tonalidade do prazer interdito. Novas defesas se levantam, as repreensões obsessivas vão acompanhar a angústia de agir, de medos hipocondríacos, de vergonha visível sobre o rosto, até mesmo do famoso delírio de observação (alguém advinha e alguém vigia minhas íntimas

inclinações). A peculiaridade bem identificada da defesa obsessiva é que aos poucos esta defesa anula e isola o motivo sexual tão claro no início. A cena inicial desaparece, as associações que as ligam também, inclusive os meios de combatê-las, apenas sobram as defesas secundárias, temíveis, mas cortadas do ponto de origem. O obsessivo opõe uma racionalidade deliciosa na crença que ele recusa, crença na origem sexual do sintoma.

Freud, mais que nós mesmos hoje em dia, atém-se à leitura da sexualidade infantil, da neurose, da instalação do fantasma. Ele relaciona generosamente as sessões com as lembranças ou os sonhos com as evocações muito cruas e a instalação da fetichização necessária dos neuróticos, sobretudo do lado masculino, para fabricar seu fantasma. Freud toma nota de todo material com uma grade de leitura pré-estabelecida que o guia, ele tem axiomas que ele procura verificar, que hoje em dia mereceriam ser, ao menos reinterrogados: a homossexualidade latente e a raiva dissimulada contra o pai. É mesmo assim notável constatar que esses dois temas, a homossexualidade como defesa (contra o corpo materno?) e o ódio do pai, tenham passado inteiramente na concepção da psicose e na gramática da paranóia. Existe o Freud detetive da sexualidade, existe o Freud que impõe uma teoria e suas consequências freqüentemente ubiqüitárias na sua visão da clínica.

Podemos dizer de outro modo com Lacan? Existe já a possibilidade de fazer surgir, mas estas são verdadeiras questões

técnicas, a dupla valência entre o objeto e o símbolo, e em particular a dupla valência do falo ao mesmo tempo significante por excelência do desejo do Outro e objeto entre os outros objetos ditos parciais, distinção teórico-clínica entre o “menos pequeno fi” e “grande fi” que os mecanismos de isolamento e de clivagem da neurose procuram apagar. O neurótico nos mantém frequentemente na denúncia, a revolta endereçada ao criador, o falo simbólico, seja ao contrário na crueza do objeto em formas de perversidade bem conhecidas.

### *Corrida e sites de encontro: uma nova via ao feminino?*

Não é possível e obviamente não seria elegante estabelecer uma tipologia que valeria para todos os encontros, é claro. Vamos simplesmente esboçar um retrato imaginário: uma mulher se propõe vir regularmente à análise no meio da vida. É uma DRH<sup>34</sup> bem bonita que chega sistematicamente às suas sessões anunciando o tempo de suas últimas semi maratonas e sobretudo seus ganhos em segundos em relação a suas últimas corridas. De maneira fenomenológica, ela apresenta sintomas obsessivos, particularmente uma dúvida permanente sobre suas capacidades de trabalho, quando obviamente ela é muito talentosa, sobre estas intervenções junto aos funcionários

---

<sup>34</sup> Sigla para Diretor(a) de Recursos Humanos. (NT)

de sua empresa; tanto que ela repassa sem parar na sua cabeça até tarde da noite o filme das reuniões de trabalho e de suas conversas com a hierarquia. Ela prepara, com inquietude e método, o projeto permanente de sua empresa assim como se prepara de maneira também metódica para seu treinamento das corridas do fim de semana. Como sabemos, é antes de tudo a alimentação que é especialmente monitorada. Todos os alimentos são selecionados com cuidado, os açúcares nocivos colocados de lado e os açúcares lentos valorizados, certas vitaminas, mas não todas, certos aditivos escolhidos: a hidratação, nada de estimulantes. Com os objetos conectados modernos, a vigilância das constantes biológicas se torna rapidamente tirânica. Pode-se ter uma leve opinião deste universo mental folheando as revistas dedicadas ao ditos *runnig*, mas é preciso saber também que nos Estados Unidos algumas empresas de ponta já exigem de seus funcionários que estes lhes mantenham informados sobre suas performances de saúde<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> Sobre corridas de tirar o fôlego, nós podemos nos dirigir às formulações do filósofo alemão de origem sul-coreana Byung-Cull Han: “A psique do sujeito performático de hoje se diferencia daquele do sujeito disciplinado, aparelho psíquico de Freud é um aparelho constrangedor, repressivo, com suas regras e interditos, a psicanálise de Freud é possível apenas numa sociedade repressiva que funda sua organização sobre a negatividade do interdito e da regra. A sociedade da performance não cessa de se livrar desta negatividade.” Ele propõe um gênero de tipo clínico: “o sujeito da performance, esgotado, depressivo, é ao mesmo tempo usado por ele mesmo, incapaz de sair de si, de estar fora, de se confiar a outro, ao mundo, ele insiste nele mesmo o que acaba paradoxalmente a cavar e esvaziar o **ego/self**” (HAN, B.-C., *La Société de la fatigue*).

Esta paciente imaginária, mas que cada um irá reconhecer uma vez que ela é representativa dos encontros modernos, vem se consultar por uma forma de sintoma, ela se sente “sempre nula” na sua vida profissional, assim como alhures, na sua vida social e amorosa. Nula, a não ser no esporte. Ela encontra contudo no seu físico atraente, sua imagem, um consolo: “ao menos, eles me acham bonita”.

Sintomatologia que podemos dizer obsessiva, mas que é como que destacada da culpabilidade edipiana, motivo que será, por sinal, difícil de explorar no processo analítico. Obsessionalidade que vira constrangimento pelo esforço constante de estar corporalmente “no topo”. “Eu necessito me diferenciar para não ser derretida na massa. Se fazer sofrer, se soltar, dar tudo, guardar o ritmo, ser a melhor, se destacar...” Série injuntiva e contínua<sup>36</sup>. Poderíamos propor em relação a isso uma das chaves possíveis da leitura de nossas neuroses pós freudianas que é o deslizamento progressivo da letra, ligada ao significante em direção à letra como puro numeral. Parece-nos que se entende muito bem nesse exemplo. Tudo é cálculo: as constantes do corpo, os segundos da corrida, a preparação

---

<sup>36</sup> Traduzida em francês por “neurose obsessiva” ou por alguns por “neurose de constrangimento”, o termo alemão *Zwang Neurose* mantém uma abertura sobre uma dupla valência: não se sabe se é certo o imperativo ou se é injuntivo. É ali onde vai deslizar toda a problemática inextricável entre o ideal do eu e o supereu. Nós poderíamos propor então a expressão “neurose de um-junções, as junções de um (culto do corpo, alimentação etc).



para as reuniões de trabalho... Cada um terá notado o quanto em nossa vida pessoal como social são os algoritmos que ritmam e decidem o conjunto de nossa presença no mundo. As avaliações, o objetivos, tudo se tornou contável... Mas são obsessões sem dúvida. Tudo isso se faz ao preço de nossos objetos conectados aos quais o sujeito está acorrentado. Os números substituem a literalidade do inconsciente. Sublinhamos que esta valência da letra já é assinalada por Freud na neurose obsessiva do *Homem dos ratos*, por exemplo; ela faz parte aliás do patrimônio de certas correntes da mística, nós a encontramos na kabbalah. Mas números e letras estão então ligados. Preferimos lidar hoje em dia com uma disjunção, uma defecção de sua dialética. Não existe nenhum mistério, apenas sequências de uns e zeros.

Do lado do amor, a corrida de fundo encontrou como se perpetuar há alguns anos na vida dita sentimental pelo viés dos sites de encontro sobre os quais os jovens pacientes nos falam tanto. Não se trata para nós de julgar desajeitadamente a entrada de jovens e de menos jovens neste universo fantástico que parece facilitar os encontros sexuais imediatos. Não diremos nunca que é “perversão generalizada”, mesmo se de passagem, claro, muitas predações e coisas nem sempre dignas se propõem aí. O mais interessante não está aí. Como para a corrida, esta paciente calcula e prepara um encontro eventual fazendo a classificação das solicitações que lhe vêm por uma inteligência artificial. Ela relatará, às vezes pelo menu,

alguns encontros que poderão contar, aliás nem tanto por momentos de grande felicidade sexual, mas por um traço particular do homem encontrado: um diplomata, um professor de filosofia, um artista...Enfim, um encontro que a interessou. Mas que a cada vez, contudo, se encontrou parada por motivos muitas vezes explícitos, o homem já é casado, mas frequentemente por uma razão mal compreendida: “isto funcionava na maior parte bem mas...” Como se o sentimento, o afeto, não chegasse a ser tomado na duração como numa corrida de fundo. A falta de ar não parece vir nem de um nem de outro dos protagonistas, mas parece simplesmente incluída na caminhada mesma do processo, já que são apenas encontros casuais. Para ser honesto, devemos dizer que tivemos a experiência, por um e outro, de encontros duráveis que se transformaram em casais “pela vida”. Mas isto que nós descrevemos aqui por meio desta paciente imaginária é contudo o mais constante. Como podemos qualificar melhor o que não está bem? A maior parte do tempo essas jovens e essas mulheres não se queixam em sentido próprio desta série de encontros sexualizados, elas encontram ali um certo conforto. “Há sempre uma porta de saída”, me dirá uma delas, nada é obrigatoriamente fixo. As angústias vêm regularmente no momento da vida em que se fará a pergunta sobre uma eventual filiação. Ficamos sempre surpresos ao constatar a maneira pela qual uma mulher pode deixar passar o momento fisiológico para em seguida

se encontrar fortemente desapontada. Tentamos ficar atentos nestes momentos, sem sermos injuntivos - o que não é fácil.

O mais interessante é talvez isso: é que a questão de saber se, ao menos uma vez nesta série, alguma coisa de amor pode ser evocada, senão uma paixão ao menos uma inclinação amorosa, é comum constatar que justamente nada pode ser dito. A resposta comum seria: “eu não sei”, não “não, jamais”, mas o que seria mais justo provavelmente... “eu não sei”. É o significante mesmo “eu estou apaixonada” que não tem significação fácil, forma de disjunção entre um afeto e sua significância, forma de disjunção muito comum nos jovens de hoje em dia, sejam rapazes ou moças.

Um traço clínico notável é o par frequente inibição/passagem ao agir como observamos por aí no nosso estudo de distúrbios modernos na criança. Muitos de nossos jovens pacientes vem se consultar por uma surpreendente inibição de entrada na sexualidade, provável resposta do inconsciente à pornografia posta visível à céu aberto desde a tenra idade, mas também à injunção de gozo produzida pelo discurso social, injunção finalmente superegóica como notava Lacan. E é, então, a passagem, como num salto, de inibição para a multiplicidade de “passagens ao ato” pelo viés de técnicas de encontro modernas que podem surpreender. Como se faltasse toda uma sequência que é o delicado medo de aproximação do outro, todo tremor que faz às vezes poesia mesmo ao preço de um sintoma. Além disso, não observamos frequentemente sintomas

sexuais nessas mulheres se prestando rapidamente aos encontros múltiplos, enquanto as queixas sobre a sexualidade existem obviamente como na época vienense na psicopatologia dos casais.

*Running* e Meetic estão no mesmo barco. É o amor que fracassa? É uma verdadeira questão que merece se tomar ao reverso das formulações frequentemente muito agressivas das análises sobre este tema. Mesmo o aforismo tão querido “Não ceder ao seu desejo” poderia facilmente ser entendido como um incentivo ao liberalismo objetal ambiente, ou se alguns preferem o retorno ao slogan comunista “à cada um segundo suas necessidades”. Acontece frequentemente de demandarmos a nossos jovens pacientes de “repoetizar” um pouco suas relações: isto é, oferecer um bouquet, nem que seja uma flor, um livro, um presentinho que faça signo. E regularmente isto funciona, ao menos segundo o voto da análise.

Para não escamotear totalmente a contratransferência, queixa regularmente feita aos lacanianos, devemos reconhecer que todas essas propostas relacionadas à vida sexual aparentemente livre de todo constrangimento burguês não são sem efeito na transferência, pois estas mulheres têm o talento de levar a questão forçosamente: “e você mesmo, como você faz com o declínio da família burguesa?”. É dizer pouco que o analista é convocado à força sobre a parada do desejo, bem mais fortemente que discussões induzidas pelas questões de gênero ou pelas novas leis sociais sobre o

casamento e as filiações. Nós voltamos incansavelmente ao fantasma que é, nitidamente, partilhado.

Falamos muito do cálculo, de todas as garantias cifradas que o inconsciente se dá para ter a ideia de estar ainda vivo, mas em tudo isso será que há um risco calculado? Como se diz que é preciso, numa escolha profissional ou de amor, se arriscar.

Última pequena ocorrência, contudo importante. Num livro coletivo interessante, *Subversão lacaniana das teorias de gênero*, Clotilde Leguil faz judiciosas observações sobre a questão feminina depois de Freud e com Lacan. Partilhamos esta observação preliminar que é de dizer que Lacan objetivará sempre no seu seminário, no *Encore* mas não somente, “O ponto do real onde a feminilidade é sempre reativa à normatividade” o que pode parecer erroneamente da ordem de uma loucura, mas nossa colega prefere dizer a justo título que “é por que uma “verdadeira mulher” explora uma zona incomum, ultrapassa os limites”. Ela acrescenta, este que nos parece o ponto mais audacioso: “uma verdadeira mulher tem alguma coisa de perdida porque ela mesma não compreende seu ato. É um ato que a constitui como mulher colocando em perigo seu bem estar”. Só podemos agradecer a estas fórmulas que ordenariam uma verdadeira direção ética nas nossas análises de hoje. Por exemplo, o que pensar desta outra paciente imaginária enraizada na sua vida de trabalho como na sua vida de mulher e de mãe e que me relata um dia suas peregrinações não tão antigas como “*escort girl* de luxo”

com turistas ricos selecionados. Nem remorso, nem culpabilidade, nem provocação, nem ideologia libertária: ela não precisava de dinheiro, ela não diz que era por um excesso de sexualidade. Ela não sai disso nem traumatizada nem mesmo desavergonhada. Ela, de um certo ponto de vista, ultrapassou alguns limites. Isto pode parecer uma loucura, mas isto durou algum tempo... Pode-se dizer que este episódio, à sua maneira, constituiu uma borda do significante Mulher para ela? E para provocar nossa própria doutrina, a escritura em pontilhado de um fantasma no feminino? Com algumas letras mantendo-se indecifráveis. Os homens encontrados eram todos ricos e de língua “estrangeira”.

Neuroses a ?

As vinhetas às vezes realistas e ficcionais justificam o termo “neurose pós freudiana” porque não sabemos muito se isto se trata de uma borda *new-look* de histeria ou de uma borda revisitada da neurose obsessiva. São os *patchworks* que tinham a ver de maneira subterrânea com o motivo edipiano, mas de maneira pouco trabalhável. É preciso de fato tomar as coisas pelo lado do complexo de castração, mas ainda aí pisamos em ovos. Tínhamos proposto no nosso seminário parisiense e bruxelense renomear “neurose *a*” porque podemos seguir melhor o traço pelas metamorfoses e as metonímias do objeto: passagem por exemplo muito clássica entre

anorexia e adição, de uma adição à outra – o que chamamos hoje em dia de “poli-adições” – o paradoxo tautológico das adições sexuais, as adições visuais precocíssimas da criança, o apagamento da distinção entre pornografia e erotismo... Nossa época sensibiliza todas as metamorfoses e todas as metonímias do famoso objeto *a* de Lacan. Ele tinha avisado disso até nos objetos técnicos enquanto objetos que prolongam o corpo. Não importa qual objeto, como sabem os grandes publicitários, pode vir habitar o buraco da pulsão e as grandes fantasmagorias que daí se deduzem. De onde o termo de *neurose* que nos autorizamos a manter para esta economia nova, porque, nós o repetimos, nós não desejamos ir na direção das perversões nem mais ainda para os famosos *borderlines*, como nós conservamos o termo *sintoma* no sentido de apelo a um deciframento com a ideia de que algumas letras talvez não façam mais parte de nosso alfabeto usual. Eis onde nós estamos: como fazer para reparar com uma “caixa de ferramentas” clássica numa clínica nova? “Caixa de ferramentas” clássica porque, mesmo na criança pequena, muitas das questões permanecem as mesmas, como a problemática do luto que encontramos frequentemente nas primeiras consultas.

### *Clínica do agir na criança*

Há, como sabemos, uma deriva maciça da psicopatologia da criança em direção ao que nomeamos abusivamente de “distúrbios”,

que encontrou seu paroxismo no famosos TDAH que mistura pretensos distúrbios de atenção, distúrbios de comportamento, de dificuldades de aprendizagem, todos suscetíveis de serem melhorados por uma quimioterapia apropriada. O interdito referente à prescrição da farmacopéia na criança caiu curiosamente sem muita prudência por parte de nossos colegas médicos. São felizmente muitas vezes as próprias famílias que resistem questionando sobre a pertinência de uma prescrição sobre “um cérebro em desenvolvimento”, aquele da criança.

Girar ao redor por falta de um nome?

Sob um outro ângulo, diríamos que há, não obstante, uma clínica moderna do agir que pode surpreender desde as primeiras idades e que justifica, em unidades especializadas como a nossa, grupos dedicados encarregando-se da criança numa pequena coletividade com outras crianças e especialistas de diferentes profissões. O que poderíamos sumariamente chamar “a criança agitada” é certo que tipologicamente sempre existiu, mas é a quantidade que pode, hoje em dia, por questão acerca da aflição de algumas famílias e das escolas que nos apresentam precocemente esta clínica. Recebemos com surpresa, por exemplo, crianças excluídas do maternal... Nós podemos relatar de maneira sintética alguns pequenos exemplos de agitação: em cada um destes relatos se



percebe que uma questão maior foi posta pela criança e que, por falta de ter encontrado as respostas, provocou uma forma de agitação até o momento onde a questão pode ser entendida na transferência. A maior parte do tempo, devido à coragem da própria criança.

Como um de nossos pequenos pacientes, já excluído do maternal por ter mordido seus coleguinhas, e muito regularmente enfiado um lápis nas costas da mão de sua professora, me perguntará um dia sobre a morte de meu próprio pai; o seu não tinha dado sinal de vida depois de seu nascimento. Esta questão densa e ampla, angustiante, põe fim definitivamente a uma forma de hipomania inquietante porque no limite do registro psicótico. A clínica desta criança de 5 anos correspondia, traço por traço, à descrição procurada com avidez por aqueles cujo projeto declarado é identificar precocemente futuros delinquentes. Ele permaneceu durante meses inacessíveis, girando como um leão na jaula dentro do consultório que ele deixava brutalmente sem outra explicação. Ele fixava com custo o olhar de interlocutor, não respondia às questões mais simples. Ele furava metodicamente as páginas brancas ou rasgava os desenhos mal esboçados, tipos de redemoinhos.

Deve-se notar que no quadro de nossa unidade, ele não causou problema “de segurança” em relação a outras crianças ou aos adultos encontrados. É importante sublinhar isso por que o lugar de tratamento é raramente confrontado em situações extremas descritas pela escola ou na família. A transferência, a sua maneira,

desempenha seu papel, pela regularidade das sessões e acolhimento amável. Nós jamais tivemos que isolar uma criança por periculosidade.

No silêncio e na aparente desorganização, esta criança preparava sua interrogação: o abandono por um pai é signo da morte de todo futuro? É melhor um pai morto que um pai que a traiu? Numa sessão única, esta criança, esta criança levantou a cabeça, me olhou nos olhos desta vez e me fez a terrível pergunta de uma maneira que, notamos, faz um desvio pelo Outro: “ E teu pai, morreu também?”

Nem tudo é contável e a incredulidade é legitimada; a entrada desta criança no mundo das letras e da leitura foi cheia de entusiasmo e mágica demais para se relatar. A agitação deixou lugar à curiosidade sempre que uma pergunta, uma verdadeira pergunta tinha podido ser enfim feita.

Como outro mais velho, medicado há alguns anos pela injunção de um dos centros de expertise parisiense, pergunta-me, depois de meses de acompanhamento regular, porque ele não via mais nem seu padrinho nem seus avós paternos. Seu pai se suicidou e, da sua maneira, este menino ferido e inteligente se espantava com o fato de jamais ser uma questão de se falar do luto e de suas repercussões; cada um em torno dele se abrigava por trás da deficiência e da prescrição. O mundo dos adultos esquece a brecha que abre, para uma criança, a revelação de um suicido em sua família. Pouco a pouco, este esquecimento se torna ignorância e se

sistematiza; e pouco a pouco tudo que se religa, da criança ao defunto, é apagada, portanto definitivamente entrincheirado. Fábrica quase experimental de uma forma de forclusão, aquela do luto. Como a criança pode responder a esta brecha que engole faixas inteiras de sua história e de sua parentalidade? É um traço de tristeza que me indicou, no caso presente, que todos os diagnósticos escondem um real bem mais presente. Mas como para o caso precedente, esta criança ela mesma que, em dado dia, teve a coragem de estourar a névoa ambiente e por ali ainda sua pergunta: por que não se fala jamais disto que eu não admito e que não compreendo, o suicídio do meu pai?

E também este pequeno de uma família judia ortodoxa, excluído dali ainda, porém de uma escola confessional e de estrita observância à Lei. Era redondo e mesmo assim quadrado, o ar carrancudo daquele a quem a sequência de números foi imposta desde o berço: ele era o décimo da fratria. Duro demais? Ele era terno como seu riso cúmplice enunciou por seu prenome em hebreu, “a paz”. Ele vivia, a seu modo, a experiencia da desconcertante história judia, aquela do patriarcado declarado, mas que se deve procurar sob as saias maternas. Lembremos de passagem que a criança apresentada pelos pedagogos idealistas como virgem de toda hostilidade é mergulhada num mundo fantasmagórico repleto de imagens de mutilação, de desmembramento, de devoração e outra abordagem monstruosa dos limites do corpo. A psicanálise

sublinhou há muito tempo a etapa normativa e estruturante da agressividade. Esta última não precisa ser denunciada, mas deve ser recebida e orientada para um destino que ultrapasse o plano de enfrentamento com o outro.

Ainda este último, superestimado por uma mãe isolada afetivamente e moralmente que não deixava de partilhar sua dormida em nome das angústias de abandono; ele se colocava periodicamente em perigo nas passagens ao ato em cuja escola acabara por ter medo ao ponto de reivindicar uma solução psiquiátrica. O que é engraçado, para terminar, foi que se tornou para nós quase inconveniente intervir numa tal solidariedade de gozo. Ninguém ousa insistir quando uma mãe declara dever manter ainda algum tempo seu filho na sua cama. Nem mesmo nós nos permitimos intervir quando esta mesma mãe especifica que homem não tem nenhum lugar na sua vida. O que Charles Melman chama “matriarcado” se tornou o tecido banal e normal de nossa representação.

Toda esta clínica é comum, provedora disto que podemos chamar de clínica moderna da agitação, porque a criança turbulenta, de fato incontrolável, não é em si uma descoberta<sup>37</sup>.

Nós damos com mais detalhes as condições do encontro de um adolescente, assinalado e enviado diretamente pela escola, que abre a questão da dita passagem ao ato; que, em boa doutrina, deve

---

<sup>37</sup> <sup>37</sup> TYSZLER, J.-J., « L'agitation : tourner en rond faute d'un nom ? », *Enfant insupportable*, Toulouse, Erès, 2010, p. 117-125.

poder se articular com seu complementar “o *acting out*”. Antes que o jovem chegue, seu barco tinha sido já bem carregado desde que me anunciavam, por correio anexo: “existe desejos de morte sobre tal ou tal camarada (sic), ele não se resigna em saber se tal produto cáustico pode levar à morte; ele cobre seus cadernos com desenhos sangrentos evocativos ou de armas brancas, repete a palavra “morte” no seu caderno de tarefas, se tatua no braço motivos sanguinolentos”. Seus professores declaram ter medo. No ambiente social e político do momento, este medo de uma passagem ao ato individual numa escola se articula com a atualidade: por razões que compreenderemos concernentes a sua família e sua origem cultural, teme-se uma “radicalização” se ele esteve em contato com tal ou tal site propagandista odiento. O perigo foi anunciado com clareza, eu me prepararia para o pior, me indagando se tínhamos tido boa ideia em orientar para uma unidade pedopsiquiátrica “leve” como a nossa.

Nós recebemos, como classicamente, este jovem acompanhado por seu pai, deixando de lado voluntariamente os elementos precipitados, e perguntando ao adulto, depois à criança, que nos relatasse os elementos que lhe pareciam dever ser relatados para justificar sua chegada. O pai conta uma história com uma banda na escola, que seu filho teria levado um tapa, e que desde esse dia ele procura se vingar. Notação interessante: “ele deixou a dor entrar nele”. Ele exprime pelo desenho esta violência interiorizada. O jovem confirma os desenhos que mostrou ao menos por provocação,

os demônios que lhe assombram e mais inquietante, é verdade, certas injunções inconscientes: “o sangue, mais sangue na minha cabeça....eu imagino coisas...” fenômeno cujo status não exploramos imediatamente. Como nos é usual, recebemos o jovem à parte em seguida, para lhe questionar sobre os elementos de sua vida cotidiana, ele evocará mais tarde o desamor que lhe atormenta entre seus dois pais, talvez justamente as violências interiorizadas. O que foi muito surpreendente e diríamos, no *après-coup*, quase mágico nesta consulta preliminar é que o fim da entrevista se concentrou sobre um sintoma que este jovem apresentava de uma maneira manifesta, e que era uma gagueira.

“ Você gagueja há quanto tempo?

- Sim, desde que sou pequeno.
- Você se importa?
- Claro.
- Alguém lhe ajudou?
- Não.
- Você já foi à fonoaudióloga?
- Não.
- Ninguém nunca lhe propôs?
- Não.

A sessão terminou por uma indicação que teve talvez valor de interpretação; eu indiquei a este jovem que eu o receberia toda semana pelas dificuldades que me foram relatadas a respeito de sua presença na escola, a inquietude que ele suscitava nos professores e que ele viria imediata e paralelamente a um de meus fonoaudiólogos. O acompanhamento começou então na maior tranqüilidade ao ponto que, eu posso relatar por que não é um grande segredo, este jovem me confidenciava, quinze dias mais tarde e com um pequeno sorriso, que ele tinha ido ver *O Discurso de um rei*, filme extraordinário sobre o acompanhamento por um fonoaudiólogo freudiano do rei Georges VI que lhe permitiu fazer este célebre discurso – sem erro – da entrada na guerra da Inglaterra contra a Alemanha em 1939. Somos obrigados a encurtar o relato por razões de confidencialidade, mas este jovem se revelou um dos rapazes mais cativantes da unidade, retomando sem dano o seguimento de seus estudos e falando com delicadeza sobre as preocupações familiares. Que havíamos feito de tão surpreendente senão retomar pelo sintoma aquilo que havia sido anunciado como um puro agir? Quer dizer, deixar lugar ao trajeto pulsional fantasmático e identificatório. Existe um quadro de Lacan<sup>38</sup> muito heurístico que nos serviu provavelmente de bússola; quadro que põe justamente o olhar para

---

<sup>38</sup> LACAN, J., *Le Séminaire, Livre X, L'angoisse*, Paris, Le Seuil, 2004, p. 93.

isso que hoje é impressionante nas crianças: de um lado todas as formas de inibição e de outra, todas as formas de agir.

Inibição	Impedimento	Embaraço
Emoção	Sintoma	Passagem ao ato
Émoi	<i>Acting-out</i>	Angústia

Este exemplo nos lembra que a palavra é um ato para a psicanálise, mas uma palavra “plena” que faz ato é rara na vida comum durante o processo de análise. Com esta advertência que Lacan dá desde o seu primeiro seminário *Os escritos técnicos de Freud* : “ Em suma, jamais uma palavra falada no estado atual das relações entre os humanos e fora da situação analítica pode ser uma palavra plena?”, pergunta terrível a se colocar assim. Mas é verdade que os empuxos-a-agir substituem o ato da palavra, isto que nós vemos a céu aberto e em grande número com a agitação da criança e do adolescente, mas não somente. Existe na abordagem de nossas questões o interesse absolutamente prático deste quadro de Lacan vez que vemos, por algumas vizinhanças, trabalhar a dimensão do ato, a proximidade da angústia, do sintoma, dos afetos, o contraponto da inibição... É um guia para o trabalho fio por fio da transferência.

Na doutrina, habitualmente fazemos combinar duas palavras para falar do ato: a passagem ao ato – que pertence ao vocabulário



da psicopatologia geral e que foi bem detalhada na psiquiatria, seguindo os diferentes quadros clínicos – onde podemos verificar que a imprevisibilidade do esquizofrênico não é a fria determinação do perseguido-perseguidor; e o *acting-out* que recobre uma dimensão do trabalho psicanalítico como tal, quando se faz uma interpretação muito justa ou quando é prematura – sobretudo quando ela visa diretamente o sintoma. Aí desencadeiam-se os fenômenos de *acting-out* pela mobilização forçada daquilo que ainda não era simbolizável. “No momento em que o psicanalista sobe no palco, o paciente sai” (seminário *A angústia*)... Dimensão de monstração em espelho. O mais interessante para nós, se seguirmos o trabalho de Marcel Czermak, é que depois de ter separado os dois termos, é necessário contudo os religar, como fez Lacan no mesmo seminário *A angústia*: “Si o tapa de Dora é uma passagem ao ato, eu diria que todo comportamento paradoxal de Dora no *ménage* do Sr. K é um *acting-out*. O *acting-out* é alguma coisa na conduta do sujeito que essencialmente se mostra...” Marcel Czermak relata nos seus trabalhos formidáveis exemplos de colapso da passagem ao ato e de *acting-out* : “*acting-out* *fronteira*, faz a volta, daquilo que a passagem ao ato desenha na sua exclusão”.

Se retomamos o exemplo deste jovem, o desafio para nós se delinea porque ele foi anunciado entre monstração e eventual passagem ao ato: como iremos proceder para fazer surgir o sujeito em seu duplo laço? Como iremos fazer para que haja uma chance de

reaprender um sujeito? Seja por alguns traços de identificação – e aí teríamos aquilo que ele escolheu muito rápido pelo encontro com o filme – seja pelas questões mais fantasmáticas ligadas ao conjugal de seus pais que virá pouco tempo depois. Encontrar o traço daquilo que está apagado sob a ameaça de agir... Nós notaremos que é de qualquer maneira a matriz onde Lacan especifica que é a marcha mesmo de identificação e do nascimento do significante:

- marcar um traço, um rastro;
- o apagar;
- cercar o lugar de apagamento e nomeá-lo.

Com humildade nós seguimos esta prescrição: encontrar o entorno e nomear.

### À propósito do narcisismo

Uma grade de leitura frequente que se propõe hoje é aquela do “todo narcisismo”: o individualismo moderno conduziria a uma supervalorização desta parte da psiquê e a uma desvalorização concomitante da relação de objeto. Esta leitura um pouco apressada mereceria especificar aquilo que chamamos de *narcisismo*.

Existe incontestavelmente uma valorização da parte imaginária do narcisismo desde a pequena infância, a extrema importância dada à imagem, mas também às vestimentas, às

marcas... No entanto, o que frequentemente constatamos na criança e no adolescente é mais uma dificuldade de se manter do lado do que poderíamos chamar “o narcisismo simbólico”, quer dizer o que tende para o ideal do eu. E portanto, se tivéssemos de propor um pequeno axioma, diríamos que existe às vezes muito, e não pouco, de narcisismo na clínica contemporânea. Um médico de adulto está habituado a esta disjunção por que ele sabe quantas patologias como o alcoolismo severo são na verdade verdadeiras hemorragias narcisistas e os serviços especializados aprenderam aos poucos a não mais “sadizar” o desmame, mas, ao contrário, a encontrar formas de valorização através das atividades de sublimação.

As palavras da psicologia atual são frequentemente mal usadas para descrever as dificuldades narcisistas da criança, tal como o termo, tão freqüentemente solicitado, *auto-estima*. A *auto-estima* é um termo que agrada porque ele cola bem no individualismo ambiente: estar inicialmente, em todas as circunstâncias, de bem na sua cabeça e no seu corpo. Culto moderno do “eu”, do “self”, ver o *selfie*, a imagem do eu como evento. As crianças muito pequenas são sensíveis a estes indicadores de nossa vida social que eles observam com malícia em seus pais e nos mais velhos. A auto-estima só tem interesse se ficamos atados ao “valor” de um sujeito nas dimensões coletivas da vida em sociedade, aos ideais de humanização e de socialização. “Não Um sem Outro” dizia Lacan, mas também não um sem os outros. É evidente que a auto-estima do pequeno não dirá

nada de seu futuro ético, todos os totalitaristas o mostram a nós. O valor ao espelho não dirá jamais grande coisa do valor no ponto do ato.

Para que a criança encontre um orgulho e não a soberba, um valor nele mesmo, mas não uma competição esgotante, será necessário distinguir entre motivos do inconsciente muito diferentes: aqueles que Freud nomeou eu ideal, ideal do eu e o supereu. O eu ideal, termo de 1914 em *Para introduzir o narcisismo*, é o estado de toda potência infantil, aquela na qual a satisfação das necessidades é imediata. O tempo onde a criança é ela mesma o objeto de auto-erotismo. O desmame real ou simbólico faz em princípio separação com o jardim do Éden, mas nós sabemos o quanto nossas crianças permanecem intolerantes à frustração e à privação dos objetos que prolongam seu prazer. O eu ideal é, para a psicopatologia, fabricado a partir da imagem do corpo no espelho. Esta imagem no espelho é crucial na identificação da criança, sua capacidade de se contar um por meio dos outros, sua maneira de se ver no olhar do Outro, depois de todo semelhante. Nós conhecemos as patologias saídas deste estado de espelho, mas desde a pequena infância se portam sobre o corpo as jubilações onde os embaraços facilmente reparáveis no olhar de uma criança do maternal. Muitas crianças tem vergonha de suas imagens, não no sentido de uma falha, mas pelo fato de que qualquer coisa faz carência no olhar que os acompanha: um luto precoce, de um papai ou de uma mamãe, fere a auto-estima da

criança pelo fechamento brutal do olhar que enveloparia pelos olhos, mas também pela voz e pelo toque.

O ideal do eu é o que segue, isto que se substitui a todo narcisismo do eu ideal. A criança aprendeu a limitar seu gozo, ela pode levar em conta os interditos e as obrigações sociais. Uma verdadeira estima do eu vem da capacidade de conciliar as exigências pulsionais, libidinais e as exigências de aprendizagem e da cultura. O que Freud chamou “sublimação”: as forças do vivo são postas a serviço da humanização, do viver e do descobrir juntos. Os distúrbios tão frequentes de agitação e de deficit de atenção são índices de uma parada no processo necessário à escolarização. O ensino do maternal é uma continuação fundamental na formação desta instancia antes de tuda simbólica da personalidade. Não se trata de agradar, de seduzir, de ser uma imagem mesmo sábia... A aposta é bem mais alta porque a criança deve se portar por antecipação no contato de todas as exigências culturais. O valor inscrito na estima é como o símbolo antigo, *sumbolon*, compartilhado entre o sujeito e o Outro e garantia de um encontro, de uma promessa. A depressão da criança, freqüentemente mascarada pelas palhaçadas e provocações, é sinal de uma autodepreciação, de uma perda de estima que nos faz imperativamente reconhecer pelo agir.

O supereu freudiano é a instância que vai contrariar regularmente a missão do ideal do eu. As neuroses já estão bem postas no lugar na idade do maternal! O termo aparece em 1923 em

*O eu e o isso.* Freud dá em 1933 uma bela definição: “eu desejo realizar tal ato próprio para me satisfazer, mas eu renuncio como resultado da oposição de minha consciência. Ou então, eu cedi a qualquer grande desejo; e, para provar uma certa alegria, eu cometi um ato que reprova minha consciência: uma vez o ato realizado, minha consciência provoca, pelas suas reprovações, o arrependimento...” O supereu é a instância “judiciária de nosso psiquismo”, ele condena sem consideração as circunstâncias atenuantes. O supereu toma lugar da autoridade parental no desenvolvimento da criança, mas acentua o caráter de julgamento até a ferocidade. O supereu está no coração das questões morais, com o risco de uma culpabilidade excessiva diante de qualquer falha e a procura de punição ; esta ainda bem conhecida dos professores. A criança mesmo pequena interpreta uma besteira como um crime ou um delito. O educador deve evitar incorporar esta consciência moral, garantia do bem dizer e do bem fazer. Ele traz isso implicitamente na função, a “grossa voz” ressoa por exceção; senão tanto a criança como o adulto vão confundir a autoridade da palavra e o poder. De um ponto de vista técnico, não é fácil distinguir o ideal do eu e o supereu, tanto que seus fios estão entremeados no psiquismo. A exigência parental em matéria de música onde por um esporte particular pode confinar em uma superestimulação destruidora, a estima de si fracassa sobre a performance. Entre exaltação e constrangimento, o valor que um pequeno sujeito concede é assim

cheio de questões metapsicológicas. O profissional de saúde encontrará no professor a atenção e ainda mais a identificação que fará, no melhor dos casos, passagem.

*O entrincheiramento dos lutos e dos traumatismos: uma clínica nova?*

Nós escolhemos retomar longamente neste ensaio o seminário que tínhamos consagrado à reprise de *Luto e melancolia* que nos parecia ainda hoje de uma atualidade essencial. Esquecemos que em muitos encontros traumáticos está incluída a dimensão do luto. Na nossa unidade, nós lidamos nestes últimos anos com numerosos casos de crianças enlutadas, seja como a imaginamos pelo fato de uma doença grave de um dos pais, seja pelo fato do que nós chamamos “a clínica do exílio forçado” e que vê chegar crianças que acumulam toda uma serie de experiências traumáticas e de lutos de em seus percursos.

Existe um ponto teórico clínico que nos parece essencial e que é o que nós chamamos “a defecção fantasmática”, quer dizer a maneira pela qual uma situação traumática vai parar em cima de uma imagem aparentemente a totalidade da vida fantasmática e não mais poder alimentar senão pela borda da destrutividade. Uma outra maneira de falar da mesma coisa é invocar a “*dégraphage*” da pulsão e do fantasma se apoiando no famoso grafo de Lacan dito “grafo do

desejo”. Da mesma maneira, a erotização não canaliza mais a agressividade que começa a funcionar por si mesma na pulsionalidade. É muito claro nos fenômenos de adição massiva, nas ditas escarificações, nas formas graves de anorexia etc. Como nós vemos, existe por consequência uma clínica folheada ou engastada: a imagem parada do traumatismo, por exemplo, um luto cujo trabalho é problemático até patológico confinando às vezes em formas melancolisadas, os fenômenos de intrincação e desintrincação das pulões, uma extração entre o pulsional e o fantasmático, uma ilegibilidade da relação dialética entre identificação e fantasma. Tudo isto está operando ao mesmo tempo nos encontros e freqüentemente à céu aberto com as crianças, sobretudo pequenas ; é por isso que nós reiniciamos sempre de uma borda deixada miraculosamente livre para tentar reenodar fio a fio conjuntamente. Podemos partir de cada uma das palavras aparentemente, mas falsamente conceituais: a pulsão, o fantasma, a identificação, mas que são, na verdade, operações do inconsciente.

O trabalho sobre o luto junto à criança não necessita somente de delicadeza, mas de sustentar uma certa posição. Nós nos lembramos do episódio de uma mocinha que veio por força de um país da África onde a guerra reinava e que havia perdido seu pai. Reconhecida no seu direito de asilo na França, ela tinha começado uma escolaridade promissora. Ela guardava um profundo traço de tristeza. Acreditando fazer bem, num certo dia eu escandi a sessão :



“ Contudo, você foi bem corajosa ”... Ela me olhara com benevolência, hesitante, por um minuto e me responde: “sim, mas isto não é suficiente”. Onde estava o analista? Deve-se aprender com nossas crianças. Ela tem razão, é claro, como Freud em seu comentário em *Luto e melancolia*: não são as belas palavras ou simplesmente mudando um objeto de amor que se cura de um luto. Freud com a intuição extraordinária neste texto produzido em quinze dias e que retomará frequentemente mais tarde: quando se perde o ponto de vista do objeto, do ponto de vista erótico, do ponto de vista do fantasma, do ponto de vista do amor, deve-se passar por um traço de identificação, um tão pequeno traço valerá pelo todo, está aí o golpe de gênio. “*Einziges Zug*”, traço unário dirá Lacan. Nós tentamos guardar como fio condutor sagrado esta lição nos acompanhamentos de nossas crianças, em todos esses casos mistos entre lutos e traumatismos.

Tudo isso pra dizer rapidamente que sob a aparente modernidade existem ainda questões eminentemente clássicas que nos vêm da noite dos tempos. Nossa modernidade apaga os rituais de luto, ao passo que nos reencontramos desde a época prehistorica traços de seus usos. A criança frequentemente não sabe mais onde estão as tumbas, ou são as letras que inscrevem as memórias. Esta forclusão, nos cremos, se paga; porque se nos não sabemos onde estão os mortos, não é seguro que nos saibamos mais ainda onde estão os vivos.

*Pequena nota: palavras de crianças.*

Henrique 8 anos: “Quando eu a descobri (a morte), eu estava num estado ruim, não num estado de espírito ruim, mas eu queria mesmo assim... como dizer... estar sozinho e chorar. Eram parecidos os dias seguintes. Quinta e sexta. Mas sábado eu fui ver minha melhor amiga, Clara, eu me sentia estranho.... Eu me tornava feliz, eu me disse: é uma espécie de tempestade de coração, as emoções, quando a grande tristeza encontra a alegria; é estranho passar bruscamente de uma emoção a outra”. Em luto por um pai, a criança se apoia imediatamente sobre a relação de objeto, precisará ainda encontrar um tempinho para realçar o traço que garantirá seu “grande amor”.

Jeremias, 7 anos: “Todo mundo mudou, menos eu; eu sou azarado. O mundo não é como antes. Eles mudaram por que... (ele não consegue narrar o luto). Sofia ela é malvada (choros), não consigo mais realizar meu sonho. Eu tento pedir as coisas a Deus, mas ele não responde (choro). Frequentemente a noite eu faço orações, as canções, mas de dia não se passa como eu pensava”. Esta criança que está num momento de duplo luto, real do lado de um dois pais, e simbólico de outro porque sua carga não pode ser confiada, vive um momento quase crepuscular entre luto e melancolia. Ele não se perdeu por acaso, porque identificamos seu

ponto ideal, seu sonho e seu ato de súplica. Ele sabe melhor que ninguém que o Outro esta vazio e nós teremos que trabalhar muito sobre a maneira pela qual um lugar contém a mágoa.

Tradução: Carla Novaes

## A ESCRITA FEMININA DO FANTASMA?

Há uma distinção semântica em Freud que tem muitas repercussões em sua descrição das vicissitudes da sexualidade feminina: é aquela entre a pulsão e o fantasma. Lacan, como frequentemente em seu retorno a Freud, sublinhará a mesma distância entre os dois termos com uma escrita, um matema diferenciado,  $\$ \diamond D$  para a pulsão e  $\$ \diamond a$  para o fantasma; dois termos que ele coloca elegantemente em relação em seu grafo do desejo. É preciso assinalar imediatamente a surpresa de encontrar o mesmo punção que nós evocamos precedentemente. É preciso dizer a esse respeito a surpresa que podemos ter da primazia quase exclusiva dada à fisiologia pulsional, quando Freud fala da sexualidade feminina. Freud nos envolve numa anatomia e na inervação vaginal e clitoridiana, em suma numa “neuro anatomia da pulsão” e ele é como sempre extraordinariamente preciso e afirmativo. A questão dita do fantasma não intervém no sentido próprio exceto ao ser considerada, como em “Uma criança é espancada”, declinada no mesmo sentido que o masculino. Sejamos categóricos: Freud não atribui ao feminino um fantasma próprio, uma vez que a libido é “masculina” quaisquer que sejam os sexos. Ele lhe atribui em compensação uma pulsionalidade própria. Tomemos cuidado ao criticar muito veementemente Freud, ele não

tem a leitura caricaturada que se lhe atribui desde então tão frequentemente. Por exemplo – e isso é enorme como mensagem – ele considera que não há frigidez primária, subtendida: toda mulher tem direito ao prazer e tudo é questão de sintoma. Isso lhe permite conceder valor de sintoma e não de tara constitucional ao que ele chama “histeria”, cuja palavra é hoje tão desacreditada. Prestemos atenção às palavras mal contextualizadas e mal problematizadas.

*Freud, “Sobre a sexualidade feminina”.*

Abramos o belo texto “sobre a sexualidade feminina”:

“Dois fatos sobretudo me impressionaram. O primeiro foi o de que a análise testemunha que ali onde se encontra uma ligação ao pai particularmente intensa, tinha havido anteriormente uma fase de ligação exclusiva à mãe, igualmente intensa e apaixonada. Com exceção da mudança de seu objeto amoroso, a segunda fase mal acrescentara algum aspecto novo à sua vida erótica. Sua relação primária com a mãe fora construída de maneira muito rica e multiplicada. O segundo fato ensinou-me que a *duração* dessa ligação também fora grandemente subestimada. Em diversos casos, durara até os quatro anos de idade – em determinado caso, até os cinco – de maneira que abrangera, em muito, a parte mais longa do período da primeira

eflorescência sexual. Na verdade, tínhamos que levar em conta a possibilidade de um certo número de mulheres permanecerem detidas em sua ligação original à mãe e nunca alcançarem uma verdadeira mudança em direção aos homens. Assim sendo, a fase pré-edípiana nas mulheres obtém uma importância que até então não lhe havíamos atribuído”.<sup>39</sup>

“Já aprendemos também que ainda existe uma outra diferença entre os sexos, a qual se relaciona com o complexo de Édipo. Temos aqui a impressão de que o que dissemos sobre o complexo de Édipo se aplica de modo absolutamente estrito apenas à criança do sexo masculino, e de que temos razão ao rejeitarmos a expressão “complexo de Electra”, que procura dar ênfase à analogia entre a atitude dos dois sexos”<sup>40</sup>

O que é que Freud está nos dizendo? Sua interpretação parece de uma violência inesperada: não procurem o homem porque por trás há a mãe. É o que ele chama “fase pré-edípiana”. O lado afirmativo de Freud pode nos surpreender, em particular em país lacaniano pouco habituado a raciocinar em nome da mãe, mas é preciso ter cuidado e abrir um dia esse ponto de controvérsia... Haveria por trás

---

<sup>39</sup> Freud, S. *Sexualidade feminina*, Obras Psicológicas Completas, Vol XXI, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1969, p.259.

<sup>40</sup> *Ibid*, p. 263.

de toda paixão feminina o fantasma do maternal? Para a mocinha, todo o perigo é entrar no fantasma edipiano e não sair dele, o que é uma mensagem que não é evidentemente para se sustentar na universalidade. Mas... Examinemos entretanto a diferença heurística entre complexo de castração e complexo de Édipo que Freud concede ao feminino e que servirá mais tarde como chave para Lacan, justamente a fim de não permanecer circunscrito à leitura do mito, e colocar a questão da castração no coração do trabalho de análise.

“Inteiramente diferentes são os efeitos do complexo de castração da mulher. Ela reconhece o fato de sua castração e, com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas se rebela contra esse estado de coisas indesejável. Dessa atitude dividida, abrem-se três linhas de desenvolvimento. A primeira leva a uma repulsão geral à sexualidade. A menina, assustada pela comparação com os meninos, cresce insatisfeita com seu clitóris, abandona sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade em geral, bem como boa parte de sua masculinidade em outros campos. A segunda linha a leva a se aferrar com desafiadora auto afirmatividade a sua masculinidade ameaçada. Até uma idade incredivelmente tardia, aferra-se à esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião. Essa esperança se torna o objetivo de sua vida e a fantasia de ser um homem,

apesar de tudo, frequentemente persiste como fator formativo por longos períodos. Esse “complexo de masculinidade” nas mulheres pode também resultar numa escolha de objeto homossexual manifesta. Só se seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo. Assim, nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração; foge às influências fortemente hostis que, no homem, tiveram efeito destrutivo sobre ele e, na verdade, com muita frequência, de modo algum é superado pela mulher. Por essa razão também, nela as consequências culturais de sua dissolução são menores e menos importantes. Provavelmente não estaríamos errados em dizer que é essa diferença na relação recíproca entre o complexo de Édipo e o complexo de castração que dá seu cunha especial ao caráter das mulheres como ser social.<sup>41</sup>

Freud reconhece na mulher várias opções: o fantasma de acreditar na permanência em seu corpo do objeto masculino que poder-se-ia chamar “fantasma histérico”; a escolha do objeto

---

<sup>41</sup> *Ibid.* p.264



homossexual; ou ainda, porém o caminho é – nos previne ele – mais difícil, a escolha de amor pelo pai e seus diferentes avatares na vida futura.

Prosseguimos com o Freud detetive da sexualidade...

“Antes de tudo não pode haver dúvida de que a bissexualidade, presente, conforme acreditamos, na disposição inata dos seres humanos, vem para o primeiro plano muito mais claramente nas mulheres do que nos homens. Um homem, afinal de contas, possui apenas uma zona sexual principal, um só órgão sexual, ao passo que a mulher tem duas: a vagina, ou seja, o órgão genital propriamente dito, e o clitóris, análogo ao órgão masculino. Acreditamos que estamos justificados em supor que, por muitos anos, a vagina é virtualmente inexistente e, possivelmente, não produz sensações até a puberdade. É verdade que recentemente um crescente número de observadores têm comunicado que os impulsos vaginais estão presentes mesmo nesses primeiros anos. Nas mulheres, portanto, as principais ocorrências genitais da infância devem ocorrer em relação ao clitóris. Sua vida sexual é regularmente dividida em duas fases, a primeira das quais possui um caráter masculino, ao passo que apenas a segunda é especificamente feminina. Assim, no desenvolvimento feminino, há um processo de transição de

uma fase para a outra, da qual nada existe de análogo no homem. Uma outra complicação origina-se do fato de o clitóris, com seu caráter viril, continuar a funcionar na vida sexual feminina posterior, de maneira muito variável e que certamente ainda não é satisfatoriamente entendida. Não conhecemos, naturalmente, a base biológica dessas peculiaridades das mulheres e, menos ainda, podemos atribuir-lhes qualquer intuito teleológico.”<sup>42</sup>

“As meninas descobrem por si próprias sua atividade fálica característica, a masturbação do clitóris, e, de início, isso sem dúvida não se faz acompanhar pela fantasia. O papel desempenhado, em seu começo, pela higiene infantil reflete-se na fantasia muito comum que transforma a mãe ou a babá em sedutora. Que as meninas se masturbem com menos frequência e, desde o princípio, com menos energia que os meninos, não é certo; possivelmente, assim acontece. [...] A proibição da masturbação, como vimos, transforma-se num incentivo para abandoná-la, mas torna-se motivo para rebelar-se contra a pessoa que a proíbe, ou seja, a mãe, ou o substituto materno que, mais tarde, normalmente se funde com esta. Uma persistência

---

<sup>42</sup> Ibid. p. 262

desafiadora na masturbação parece abrir o caminho à masculinidade.” [...] <sup>43</sup>

“Se agora passarmos em revista a fase do desenvolvimento sexual na mulher que acabamos de descrever, não poderemos resistir a tirar uma conclusão definida sobre a sexualidade feminina como um todo. Descobrimos em ação nessa fase as mesmas forças libidinais que na criança do sexo masculino, e podemos convencer-nos de que, durante algum tempo, essas forças seguem o mesmo curso e têm o mesmo desfecho em ambos.

Subsequentemente, <sup>43</sup> fatores biológicos desviam essas forças libidinais [no caso da menina] de seus objetivos originais, inclusive conduzindo as tendências ativas e, em todo o sentido, masculinas, para canais femininos. Visto não podermos afastar a noção de que a excitação sexual deriva do funcionamento de certas substâncias químicas, parece plausível, a princípio, esperar que a bioquímica um dia nos revele uma substância cuja presença produza uma excitação sexual masculina e outra substância que produza uma feminina.” <sup>44</sup>

Há, no pensamento freudiano – e que fazem com que seus escritos permaneçam os mais lidos da psicanálise – verdadeiras

---

<sup>43</sup> *Ibid.* p. 267

<sup>44</sup> *Ibid.* p. 275

pepitas, descrições do ser vivo, fatos de observação, intuições que antecipam descobertas médicas e biológicas e, é igualmente verdadeiro, generalizações ligadas ao momento da história dos costumes e da concepção da cultura. É um buquê composto que nos é preciso aceitar, de saída, sem recusá-lo, mas podemos compreender que os psicanalistas que seguiram Lacan em particular fizeram questão de retomar certas formulações rígidas demais.

É o que Lacan anuncia claramente em seu texto programático “*A significação do falo*” – “*Die Bedeutung des Phallus*”.

“É somente com base em fatos clínicos que a discussão pode ser fecunda. Estes demonstram uma relação do sujeito com o falo que se estabelece desconsiderando a diferença anatômica entre os sexos e que, por essa razão, é de interpretação especialmente espinhosa na mulher e, em relação à mulher, nomeadamente nos quatro tópicos seguintes:

1º. porque a própria menina se considera, nem que seja por um momento, castrada, na aceção de privada de falo, e castrada pela operação de alguém, que primeiro é sua mãe, ponto importante, e em seguida seu pai, mas de tal maneira que temos de reconhecer nisso uma transferência no sentido analítico do termo;

2°. porque em ambos os sexos, a mãe, mais primordialmente, é considerada como provida do falo, como mãe fálica;

3°. porque, correlativamente, a significação da castração só adquire de fato (cl clinicamente manifesta) seu alcance eficiente na formação dos sintomas, senão a partir de sua descoberta como castração da mãe;

4°. esses três problemas culminam na questão da razão, no desenvolvimento, da fase fálica. Sabemos que Freud especifica com esse termo a primeira maturação genital – como aquilo que se caracterizaria, por uma lado, pela dominância imaginária do atributo fálico e pelo gozo masturbatório – e que, por outro lado, localiza esse gozo da mulher no clitóris, assim promovido à função do falo, e com isso parece excluir nos dois sexos, até o término dessa fase, isto é, até o declínio do Édipo, qualquer localização instintiva da vagina como lugar da penetração genital.

Essa ignorância é bastante suspeita de desconhecimento, no sentido técnico do termo, ainda mais que às vezes ela é forjada. Não estaria ela apenas de acordo com a fábula em que Longo nos mostra a iniciação de Dafne e Clóé

subordinada aos esclarecimentos de uma velha senhora?  
[...]"<sup>45</sup>

“Não nos enganaremos se retomarmos a questão indagando-nos o que teria imposto a Freud o evidente paradoxo de sua posição. Pois somos forçados a admitir que ele era mais bem guiado do que qualquer um em seu reconhecimento da ordem dos fenômenos inconscientes de que foi o inventor, e que, na falta de uma articulação suficiente da natureza desses fenômenos, seus seguidores estavam fadados a ficar, menos ou mais, aí perdidos”.<sup>46</sup>

Lacan retoma ponto por ponto a demonstração freudiana, mas desviando pouco a pouco as questões aparentemente anatomo-fisiológicas do lado do impacto da metáfora dita fálica, quer dizer aquela que suporta no inconsciente ao mesmo tempo a união e a diferença dos sexos, que aproxima e que separa, nos desviando pouco a pouco para a ordem da linguagem, que ele vai colocar no princípio de toda a determinação do inconsciente, além do aspecto biológico hoje tão apreciado. É entretanto notável que no fim do texto, Lacan diz claramente seu desacordo de clínico sobre a fábula dessa divisão sumária no gozo feminino que pode culminar recentemente com a promoção de um famoso ponto dito “G” e de

---

<sup>45</sup> Lacan, J., A significação do falo Die Bedeutung des Phallus, em *Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998, p. 693.

<sup>46</sup> Lacan, J., *Ibid.* p. 695.

suas terapias sexológicas. Lacan fica embaraçado sobre os gozos femininos e precisará esperar bastante tempo para que ele retome os ditos gozos por ocasião do seminário sobre a sexuação, o seminário *Mais ainda*.

*O seminário Mais Ainda, uma promessa e uma decepção*

Deve-se dizer o gozo ou os gozos?

Para resumi-lo de maneira abusiva, até então, Lacan sustenta a doxa de Freud, quer dizer que uma mulher no melhor dos casos se faz o objeto do fantasma de seu parceiro para nisso se acomodar ou para se queixar disso. Há a variante bem conhecida que explica o tanto de separações e de divórcios, que é que, um dia, é o objeto criança que vem substituir o dito objeto de amor. Estão aí quase banalidades sociológicas, entretanto, como sabemos, insistentes. Lacan não polemizará sequer sobre a unicidade da libido enquanto masculina. Não há desejo no masculino e no feminino, há o desejo mais ou menos partilhado e mais ou menos conflitualizado. Seguindo Freud à sua maneira, Lacan poderá dizer para a variante histórica do feminino que a singularidade da sexualidade feminina é a escolha de objeto pelo objeto fálico, donde os jogos de palavras de Lacan bem conhecidos sobre o *ser* e o *ter*. Donde também – e se o esquece frequentemente – a escrita que ele não retomará do fantasma

da histérica que tem por talento valorizar cruelmente a castração de seu parceiro.

Não há longos desenvolvimentos sobre a sexualidade feminina como tal, exceto ao aproximar certos temas clínicos tocando à oralidade, como a anorexia ou a questão da depressividade, quer dizer da perda de objeto libidinal, das algias contemporâneas sem nome... Talvez algumas hipóteses da contiguidade de certos fenômenos objetivos na mulher. Lacan lembraria talvez de passagem que o corpo carnal e erótico não é senão concentrado pelas duas inervações da pequena base tão descritas por Freud. E Lacan nos dá, contudo, a chance da distinção, sem cessar lembrada, entre significante e signo, para não entender “males do corpo” como uma palavra evidente: não se saberá nunca o que é uma frigidez antes de tê-la equivocado. A frigidez não é um signo médico, mas uma palavra a decifrar, como sempre, e no caso a caso.

Leiamos com precaução as primeiras páginas da primeira lição:

“É o que demonstra o discurso analítico, no que, para um desses seres enquanto sexuados, para o homem enquanto provido do órgão dito fálico – eu disse *dito* – o sexo corporal, o sexo da mulher – eu disse *da mulher*, embora justamente não exista *a* mulher, a mulher é *não toda* – o



sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo.

O discurso analítico demonstra – permitam-me dizê-lo desta forma – que o Falo é a objeção de consciência, feita por um dos dois seres sexuados, ao serviço a ser prestado ao outro.”<sup>47</sup>

Acredita-se entender alguma coisa de absolutamente nova sem ser, é claro: Lacan lembra mais uma vez a maneira com que o falo está ao mesmo tempo em partilha e em controversa entre os seres sexuados; ele o lembra mas, de repente, no desvio de uma pequena frase, diz mais: é que a mulher não é aí toda, o que é melhor dito claramente algumas linhas mais adiante:

“Que tudo gira ao redor do gozo fálico, é precisamente isso que a experiência analítica testemunha, e testemunha nisso: que a mulher se define por uma posição que apontei como *não-todo* no que se refere ao gozo fálico.”<sup>48</sup>

Nós nos permitimos ser um pouco insistentes junto ao leitor: Lacan vem pela primeira vez introduzir aqui uma resposta à objeção que ele tinha feito há muito tempo ao texto de Freud em “A significação do falo”. Uma mulher tem portanto a ver com tudo o que foi dito até o presente sobre a sexualidade pela psicanálise, mas ela não está completamente restringida ao feudo dessa leitura, ela

---

<sup>47</sup> Lacan, J. Op. cit, p. 15.

<sup>48</sup> Lacan, J. Mais, ainda – Lição 12 dezembro de 72. P. 15.

teria portanto também a ver com outra coisa... Mas o quê? E estará aí a aposta completa da totalidade desse seminário ao declinar as hipóteses e as eventuais recaídas clínicas disso.

Lacan nos propõe alguns fios que é preciso seguir um por um e que não se pode resumir imediatamente, nem sintetizar. Primeiro fio, que pode nos surpreender, quando ele diz “o gozo, enquanto sexual, é fálico, quer dizer que ele não se relaciona ao Outro enquanto tal” que pode se escutar como uma tradução do famoso “não há relação sexual”, quer dizer, que apesar da conjunção no ato sexual, não há relação que possa se escrever entre o homem e a mulher. Ou então, que pode querer dizer eventualmente, mais curiosamente, que a sexualidade não abre diretamente para a dimensão do Outro, no sentido do tesouro do significante ou do inconsciente enquanto tal. Quanto a isso evitamos decidir. Em todo o caso, ele divide com força: de um lado o gozo fálico e do outro lado o lugar do Outro. Compreenderemos talvez o porquê mais tarde. Essa disjunção, seguindo a lição, parece ser a maneira certa de revelar o não-toda feminino.

E depois Lacan faz, como frequentemente, um pulo pela lógica matemática para dizer, aparentemente, a mesma coisa: há uma finitude e uma abertura outra que é preciso tentar, apesar da dificuldade, seguir tateando.

“Em todo o caso, o que é que implica a finitude demonstrável dos espaços abertos capazes de recobrir o

espaço circundado, fechado no caso, do gozo sexual? Que os ditos espaços podem ser tomados um a um e – porque se trata do outro lado, ponhamos no feminino – uma a uma.

É mesmo isto que se produz no espaço do gozo sexual – que por este fato se verifica ser compacto. O ser sexuado dessas mulheres não-todas não passa pelo corpo, mas pelo que resulta de uma exigência lógica na fala. Com efeito, a lógica, a coerência inscrita no fato de existir a linguagem e de que ela está fora dos corpos que por ela são agitados, em suma, o Outro que se encarna, se assim se pode dizer, como ser sexuado, exige esse *uma a uma*".<sup>49</sup>

Lacan termina nessa exigência clínica de que cada questão clínica feminina se trata uma por uma como dizíamos anteriormente sobre a frigidez, por exemplo. A elegância do clínico sob a aparente matematização.

Depois desse ponto de forçagem que se pode dizer teórico no sentido pleno – o que é raro em psicanálise – e porque justamente naquilo a que abre essa forçagem está em pontilhado, não se dá imediatamente, nós nos apercebemos que o próprio Lacan tateia nas lições que se seguem: avança-se mais que audaciosamente sobre o fato de que homem e mulher não são senão puros significantes, prefigurando quase as teorias modernas dos *gender studies*,

---

<sup>49</sup> Lacan, J. – *Mais Ainda*, p. 18-19.

literalmente “estudos sobre os gêneros”, depois retornam bruscamente para trás falando novamente da mãe como único ponto da escapada feminina.

“O que, com efeito, constitui o fundo da vida, é que, para tudo o que diz respeito à relação entre os homens e as mulheres, o que chamamos coletividade, a coisa não vai. A coisa não vai, e todo mundo fala disto, e uma grande parte de nossa atividade se passa a dizer isto.

O que não impede que não haja nada de sério se não for o que se ordena de outra maneira como discurso. Até isto inclusive, que essa relação, essa relação sexual, na medida em que a coisa não vai, ela vai assim mesmo – graças a um certo número de convenções, de interdições, de inibições, que são efeitos da linguagem e só se devem tomar deste estofa e deste registro. Não há a mínima realidade pré-discursiva, pela simples razão de que o que faz coletividade, e que chamei de os homens, as mulheres e as crianças, isso não quer dizer nada enquanto realidade pré-discursiva. Os homens, as mulheres e as crianças, não são mais do que significantes.

Um homem, isto não é outra coisa senão um significante. Um homem procura uma mulher – isto vai lhes parecer curioso – a título do que se situa pelo discurso, pois, se o que aqui coloco é verdadeiro, isto é, que a mulher não

é toda, há sempre alguma coisa nela que escapa ao discurso.”<sup>50</sup>

“[...] o que se suporta sob a função do significante, de *homem*, e de *mulher*, são apenas significantes absolutamente ligados ao uso *discorrente* da linguagem. Se há um discurso que lhes demonstre isto, é mesmo o discurso analítico, ao pôr em jogo o seguinte, que a mulher não será jamais tomada senão *quoad matrem*. A mulher só entre em função na relação sexual enquanto *mãe*.

Aí estão verdades maciças, mas que nos levarão mais longe, graças a quê? Graças à escrita. Ela não fará objeção a esta primeira aproximação, pois é assim que ela mostrará ser uma suplência desse não-todo sobre o qual repousa o gozo da mulher. Para esse gozo que ela é, não-toda, quer dizer, que a faz em algum lugar ausente de si mesma, ausente enquanto sujeito, ela encontrará, como rolha, esse *a* que será seu filho.”<sup>51</sup>

Esse tipo de enunciado de Lacan condensa a sua maneira toda a dificuldade. Tentamos nós mesmos em nossas direções de análise com pacientes, não induzir um julgamento moral sobre as formas de gozo a que eles concedem. Isso não concernindo aliás exclusivamente à sexualidade. Algumas mulheres têm a necessidade

---

<sup>50</sup> *Ibid*, p. 46

<sup>51</sup> *Ibid*, p. 49

de se dar corpo e alma a desafios humanitários ou associativos, até em forma de militância. Numa primeira leitura, poder-se-ia dizer que elas não são *todas* nem *não-todas* a dar graças à família ou à conjugalidade. Elas visam um ponto “Outro”. É um comentário possível da proposição de Lacan sobre o não-todo lógico que ele introduz tão justamente para que não se possa dizer por exemplo que um sujeito é “família” ou “de jeito nenhum família”, até “antifamília”. É mais engraçado dizer que um sujeito pode ser “não-todo família”. Ao contrário, devemos também admitir que em nossos próprios trabalhos de análise nós procuramos sempre tornar uma mulher atenta ao momento possível de ser mãe, ao menos porque muitos deixam passar a idade fisiológica sem se alarmar com isso antecipadamente, ao preço de lamentos frequentes mais tarde. À nossa maneira nós confessamos dizer, como Lacan, que nós misturamos com dificuldade a leitura de uma escapada para o Outro e o significante mestre da mãe que faz retorno na prática no momento dito, que faz retorno quase por estrutura, como se “a hora, é a hora... e depois da hora, não é mais a hora”.<sup>52</sup> Para as mulheres nas quais isso não causa espanto, haveria aí rasgo entre as duas vertentes que Lacan relaciona e não mais simplesmente divisão? Seria uma inclinação que vai se acelerando na modernidade? Cabe ao analista conseqüentemente fazer sutura? Em nome de quê?

---

<sup>52</sup> No original, o provérbio « l’heure c’est l’heure... et après l’heure, c’est plus l’heure ».

É dizer que a proposta de Lacan recolhida diz na verdade toda a complexidade inclusive quando ele acrescenta, com uma certa maldade, a questão da criança como objeto; observação aparentemente banal, mas que toma seu relevo quando se sabe, em nossas unidades de consulta, o número de mães vivendo sozinhas e a sós com suas crianças. Em nossa experiência, um grande número dessas mães, num percurso digamos bastante “livre” e independente, fazem-se pouco a pouco convertidas às leis do casamento e da família, e é certo que, mesmo que esse último o denegue, a posição do analista não está aí à toa. Há, como Lacan o lembrará no seminário “*L’insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre*”, uma grande parte de sugestão no tratamento analítico e um caráter, senão normalizante, pelo menos normativizante e que é ainda mais nítido na psicanálise com crianças. Temos visto aliás interrupções de análises depois das gravidezes, o analisante parecendo sancionar assim um termo aparentemente partilhado. Quanto ao fim da análise, estar quites com os deveres de filiação e deveres sociais pode parecer, como no adágio de Freud, suficiente.

O que é que o “não-toda” vem complementar?

Há um fantasma de Lacan que o diz claramente:

“É no jogo mesmo da escrita matemática que temos de encontrar o ponto de orientação para o qual nos dirigir para, dessa

prática, desse liame social novo que emerge e singularmente se estende, o discurso analítico, tirar o que se pode tirar quanto à função da linguagem, dessa linguagem na qual temos confiança para que esse discurso tenha efeitos, medianos sem dúvida, mas suficientemente suportáveis – para que esse discurso possa suportar e completar os outros discursos”.<sup>53</sup>

A ideia de que uma nova reunião literal – o próprio jogo da escrita matemática – dará o ápice de uma ligação social nova. Uma escrita suficientemente potente faria com que a psicanálise enquanto discurso tivesse efeitos nos outros discursos para organizar uma ligação social nova. Mas no fundo Lacan parece um demiurgo em sua maneira de enunciar que uma escrita possa perturbar as relações sociais ou amorosas, mas pode-se dizer também que esse voto seria o voto secreto de todo analisante entrando em análise... É talvez o ponto mais angustiante: desde Freud, a psicanálise se apresenta como ciência do desejo; um jovem esperaria portanto legitimamente, como com toda ciência, alguns progressos desde os axiomas de fundação que o ajudam um pouco a viver ao mesmo tempo seu desamparo próprio e a infelicidade contemporânea na cultura. Pode-se dizer que a psicanálise anuncia claramente uma nova arte de amar ou de desejar? Seguramente não. Ela não pode enunciar claramente

---

<sup>53</sup> *Ibid.* p. 66.



um catálogo de prescrições tais que elas floresçam em certas psicoterapias com perspectiva comportamental.

Entretanto, uma forma de enunciado, efetivamente o que Lacan chama de “discurso”, seria, contudo, provavelmente esperado e que não fosse, como se vê muito, a simples crítica ponderada das teorias trazidas por nossos amigos sociólogos ou por certos movimentos de emancipação. A psicanálise deve ter um discurso que lhe é próprio; é preciso que ela tenha um, senão não é de se surpreender de que os discursos que circulam comecem a expandir suas próprias concepções sobre ela. Um jovem que vem fazer uma demanda de análise vem frequentemente com um motivo no qual ele não consegue estar “todo”, precisamente, no lugar onde ele é naturalmente esperado. Ele não se sente bem na família, não se sente bem em seus estudos e em seu trabalho, não está completamente realizado em suas relações, não sabe se ele ama convenientemente... Esse jovem esperará da psicanálise não uma resposta, mas uma forma de afastamento ético consentido quanto àquilo que não é simplesmente “serviço dos bens”, como o dirá Lacan em *A ética*. Mas em nossa mente, estamos bastante longe da inspiração do seminário *A ética* cuja altura trágica nos causa medo. Somos frequentemente chamados a rebater isso pelo lado da exigência do famoso “não ceder sobre seu desejo”. A psicanálise está um pouco em dificuldades...

“É meu verdadeiro tema deste ano, por trás desse *Mais, Ainda*, e é um dos sentidos do meu título. Talvez que assim eu chegue a fazer aparecer algo de novo sobre a sexualidade feminina”.<sup>54</sup>

Há muito tempo não temos tido um congresso sobre a sexualidade feminina. Os analistas da época vienense falavam facilmente entre si dos sintomas sexuais e pode-se ler com interesse, ainda hoje, belos textos sobre a pretensa frigidez ou sobre a ejaculação precoce, o fetichismo evidentemente, etc. Lacan promete claramente falar de sexualidade feminina, mas ele não falará disso de maneira técnica. Muitos casais vão consultar diretamente o sexólogo hoje, pensando que o psicanalista não é forçosamente o mais indicado, o que é, entretanto, um paradoxo. Por que temos tanta dificuldade para declinar o patamar do sintoma e da inibição? Certos homens jovens que recebemos têm dificuldade em estabelecer uma distância face às fantasmagorias com as quais eles foram nutridos desde a pré-adolescência pelos sites facilmente encontrados nos tablets e smartphones. Há, certamente, uma impregnação das imagens que forçam o fantasma em certas cruezas e que, a nosso ver, vêm colocá-lo em desvio, desfazê-lo porque é justamente excessivamente artificial, excessivamente objetalizado. Há

---

<sup>54</sup> Citação de Lacan, op. cit. p. 78.

“solução” para esses problemas, bastante ressaltados hoje, passará a maior parte do tempo por um encontro singular e com alguém que terá o talento de recolocar um pouco de poesia no excessivamente útil. Como diz Lacan: “a poesia tem corpo. No sentido em que ela rompe o duplo sentido” subtendido da equívocidade. Ela tem o talento de substituir o sentido ausente pela significação. E é por isso que, maravilhosamente, ela pode dissolver o sintoma porque, Lacan o lembra no mesmo lugar de seu seminário “*L’insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre*”: “O sintoma é real, ele conserva um sentido no real e é por isso que ele é redutível”. Não é preciso nos surpreendermos que um pouquinho de poesia venha – muito melhor que interpretações na cura, que aliás seriam construções pesadas – tornar a sexualidade novamente disponível à arte de amar.

Do lado feminino, não nos parece que uma adolescente ou uma jovem mulher seja nesse ponto dependente das imagens aditivas das quais falamos. Não é que ela não as tenha visto, mas talvez porque o assentamento de seu fantasma não esteja nesse ponto disponível, o imaginário que cola, não cola para ela senão até um certo ponto. Ele permanece, no sentido literal, virtual. Daí se deduz, entretanto, um monte de dificuldades na abordagem da sexualidade, mas do lado da inibição, “um retardo técnico” no próprio ato; formas de dispareunia mais ou menos importantes, de nojos seletivos, em suma para terminar, da ordem do sintoma também. O que aliás é sobretudo simpático como entrada numa análise.

Haveria um exemplo típico que poderia servir de “caso prínceps” como figura da modernidade: é a grande fóbica que vive de maneira decidida a depreciação da vida amorosa da qual Freud fala. Ela ama por um lado, goza do outro. Assim como essa pequena paciente, de ficção é claro, não podia nunca pegar o metrô nem sequer o ônibus em Paris; no melhor dos casos ela andava de bicicleta, milagre do mundo de hoje, que era então muito disponível na capital. Graças a algumas letras – Vélib, um V enfim livre...? – ela ia de seu domicílio a seu escritório, onde ela se distinguia em seu trabalho, fazendo um desvio para suas sessões. Como é dito classicamente, o espaço aparecia para ela como hiperssexualizado: ela estava sempre sob o charme de um, sob o olhar de um outro, a observar ela mesma um terceiro, ao fechar os olhos sobre as prevaricações de um quarto. Sua vida amorosa estava conforme o texto de Freud sobre a divisão da sexualidade masculina: ela partilhava sua vida cotidiana com um homem do qual ela falava muito bem, que lhe oferecia um teto simbólico que ela aceitava, um homem de cultura com quem ela partilhava muitas discussões, e depois, ao lado, ela tinha sempre à disposição um, até mesmo dois homens para satisfação que ela achava agradáveis e simpáticos também, mas com quem ela não teria dividido sua vida. O que é engraçado, é o limite natural que vem pela ausência de uma nomeação possível. Frequentemente nós a cutucávamos perguntando-lhe:

“Portanto, tem o que se podia chamar o seu cônjuge...?”

- Sim.

- E depois há um tal, pode-se dizer seu amante...?”

- Sim.

- E para um terceiro você diria?

- ...

- Seu amigo?

- Não.

- Um outro amante?

- Não.

- Como dizer então?

- Eu não sei”

O que não impedia absolutamente, apesar da falta de nomeação, de prosseguir sua meta, seu caminho. Especificamos que essa mulher imaginária jamais era vulgar nem provocadora em suas maneiras, não se descrevia como uma libertina, nenhuma ideologia nessas ações. A fobia se reduzirá pouco a pouco ao preço de conservar certos rearranjos: todos esses lugares de predileção eram assim organizados numa topografia *intra-muros*;<sup>55</sup> por sinal ela jamais podia ir aos subúrbios para seu trabalho. O grande salto que Freud chama “a depreciação da vida sexual no homem” e que nela era essa forma de afastamento com essas inúmeras peripécias,

---

<sup>55</sup> *Intramuros* significa dentro dos limites da cidade; Paris *intramuros*, dentro dos limites do município; fora da cidade, temos o subúrbio, *banlieu*. N.T.

brutalmente se reduziu quando ela me anunciou um dia a ideia de um futuro casamento com um novo protagonista que tinha um traço de religiosidade cuja crença ela tinha decidido partilhar. Mistério da topologia, mini exemplo dessa aspiração em direção a um ponto de mística reconciliador? Infelizmente ela se deu alta depois dessa solução “milagrosa”. Aí, somos obrigados, para comentar esse ponto, a colocar em série algumas citações:

“Nem por isso deixa de acontecer que se ela está excluída pela natureza das coisas, é justamente pelo fato de que, por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar.

Vocês notarão que eu disse *suplementar*. Se eu tive dito *complementar*, aonde é que estaríamos! Recairíamos no todo.”<sup>56</sup>

“Não é porque ela está não-toda na função fálica que ela deixa de estar nela de todo. Ela não está lá não de todo. Ela está lá à toda. Mas há algo a mais.

Esse *a mais*, prestem atenção, guardem-se de tomar seus ecos depressa demais. Não posso designá-lo melhor nem de outro modo porque é preciso que eu faça um corte e que eu vá depressa.”<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> Ibid. p. 99.

<sup>57</sup> Ibid. p.100.

“Há um gozo dela, desse *ela* que não existe e não significa nada. Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta – isso ela sabe. Ela sabe disso, certamente, quando isso acontece. Isso não acontece a elas todas.”<sup>58</sup>

“Eu não queria vir a tratar da pretensa frigidez, mas é preciso fazer parte da moda no que concerne às relações entre os homens e as mulheres. É muito importante. É claro que tudo isso, no discurso – ai de nós! – de Freud como no amor cortês, está coberto por amiudadas considerações que exerceram seus arrasamentos. Considerações amiudadas sobre o gozo clitoridiano e sobre o gozo que chamam como podem, o outro justamente, esse que estou a ponto de fazer vocês abordarem pela via lógica, porque até nova ordem, não há outra.

O que dá alguma chance ao que avanço, isto é, que, desse gozo, a mulher nada sabe, é que há tempos que lhe suplicamos, que lhe suplicamos de joelho – eu falava da última vez das psicanalistas mulheres – que tentem nos dizer, pois bem, nenhuma palavra! Nunca se pôde tirar nada. Então a gente o chama como pode, esse gozo, *vaginal*,

---

<sup>58</sup> Ibid. p.100.

fala-se do polo posterior do bico do útero e outras babaquices, é o caso de dizer.”<sup>59</sup>

É surpreendente escutar Lacan protestar pelos maus tratos feitos às mulheres por todas essas tolices sobre a fisiologia e que se amplificaram desde então. Basta ler os jornais ditos femininos onde se vê a ditadura sobre o corpo que se anuncia do modo mais descarado. “Se tu não gozas assim, para que prestas?” É a mensagem que deve ser veiculada. Essa imprensa induz muito mais renúncias do que abre horizontes. Há uma forma de evidência que a clínica nos lembra, mas como frequentemente, pela enorme patologia: é todo o envelope do corpo que é solicitado pela questão do desejo e da sexualidade e nós tínhamos descrito amplamente, na época em que se podia ainda narrar sobre os problemas da identidade sexuada, as formas do gozo de envelope que os pacientes e as pacientes traziam claramente. Mas eles não faziam senão lembrar, à sua maneira, que é a totalidade do corpo que à sua maneira goza e que é solicitada por aquilo que se chama ainda erotismo. Freud especifica zonas erógenas que não têm que ser fetichizadas pois essas mesmas zonas estão numa relação de tecedura com muitas outras corporeidades ambientais. Pode-se tocar o lobo de uma orelha e, como se sabe, tudo se inflama. Uma leitura desnaturada, simplificada, da abordagem freudiana da sexualidade feminina tem podido acrescentar algo à

---

<sup>59</sup> *Ibid.*, p. 100-101.



abordagem redutora da sexologia de hoje. É bem ao que Lacan se insurge, dever-se-ia fazer muito mais! Nós temos recebido muitas jovens mulheres anunciando-se por uma dita frigidez para percebermos de início que elas eram bem dissemelhantes uma das outras, e que a maior parte do tempo essa dita frigidez era apenas o resto de um supereu interditor potente, ainda mesmo que se pretenda que as mulheres não o tenham, mas o imperativo de gozo ambiente o substitui facilmente. Gozar a qualquer preço como é dito. Raramente temos tido dificuldade em tomar esse problema no patamar de sintoma. Mas não gostamos entretanto da frase frequentemente celebrada de Lacan “saber fazer aí com seu sintoma” pois não há nenhuma razão, no caso, de não considerar como Freud que um sintoma é solúvel quando ele é defesa e escritura da sexualidade.

A sexualidade, a assexualidade... Há encontros notáveis para um grande número de homens como de mulheres que parecem se sustentar afastados de toda sexualidade e, digamos, igualmente tanto nos heterossexuais como nos homossexuais. Será a resposta do inconsciente às injunções ao gozo que nós descrevíamos? Será um novo anticonformismo que se procura? Em nossa experiência é, contudo, ao preço de um certo sofrimento quanto à solidão, sobretudo a solidão antecipada, o temor de envelhecer isolado. Temos procurado em vão “ressexualizar” o campo desses pacientes, terminando às vezes erroneamente por lhes dar instruções claras: “eu

lhe dou até as férias de verão”. Isso nunca funcionou e tivemos que admitir, na demanda desses mesmos pacientes, que isso não devia ser interpretado como um fracasso da análise. Mas nós não poderíamos ainda decidir perfeitamente. Existe, como diz Lacan, uma aspiração em direção a regiões que são mais desconhecidas, que nos desviam, que podem nos desgarrar e que é preciso tratar no caso a caso, como sempre, sem generalizar demais. Essa assexualidade consentida, até procurada, nos conduz ao ponto de mística que Lacan visa?

“Eu não emprego o termo mística como o empregava Péguy. A mística não é, de modo algum, tudo aquilo que não é a política. É algo de sério, sobre o qual nos informam algumas pessoas, e mais frequentemente mulheres, ou então gente dotada, como São João da Cruz – porque não se é forçado, quando se é macho, a se colocar do lado do  $Vx\Phi x$ . Pode-se também colocar-se do lado do não-todo. Há homens que lá estão tanto quanto as mulheres. Isso acontece. E que, ao mesmo tempo, se sentem lá muito bem. Apesar, não digo de seu falo, apesar daquilo que os atrapalha nesse sentido, eles entrevêem, eles experimentam a ideia de que deve haver um gozo que esteja mais além. É isso que se chama os místicos.”<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup> *Ibid.*, p. 102.

“E por que não interpretar uma face do Outro, a face de Deus, como suportada pelo gozo feminino?”<sup>61</sup>

É todo o gênio, e todo o problema, que Lacan nos deixa e admiravelmente narra em algumas linhas. É o único suporte clínico que ele nos dará: o gozo do ou da mística, sobretudo das grandes figuras femininas. Com essa proposição teórica subjacente que é audaciosa: a mulher como um dos Nomes-do-Pai que ele vai provavelmente procurar em seus estudos aprofundados em certas fontes do misticismo judaico e cristão. O seminário toma então um viés bastante vertiginoso, muito elevado nessas referências, abordando certos “mistérios...” Mas suas recaídas psicopatológicas faltam e faltarão sempre, uma vez que Lacan passará em seguida a sua escrita nodal. Falta toda essa parte dita psicopatológica (ver *Psicopatologia da vida cotidiana*) que nos teria esclarecido tanto sobre a maneira com que ele via a vida dos homens e das mulheres de sua época. É o motivo pelo qual aí suportamos igualmente a inconveniência e conseqüentemente o desafio – a proposição do *Mais ainda* não passou na cultura. As proposições de Lacan que nós iremos ainda seguir passo a passo não têm sido audíveis nos campos conexos à psicanálise, nem simplesmente para um jovem estudante de hoje, mesmo que seja estudante de psicologia. Ele nos deixa na fome: no voto de que isso ainda se escreva...

---

<sup>61</sup> *Ibid.*, p. 103.

Como fazer seu mel de uma invenção de escrita?

Vejam o quadro da sexuação, escrita fantástica que fica a se decifrar.

$\exists x \overline{\phi x}$	$\overline{\exists x \phi x}$
$\forall x \phi x$	$\overline{\forall x \phi x}$
$\S$	$S(\cancel{A})$
$\phi$	$a \quad \backslash \quad \cancel{I/a}$

Lacan, em um primeiro tempo, pelo uso da negação colocada sobre uma função, traz coisas novas sobre a relação clássica entre o singular e o universal uma vez que a parte alta do quadro, pode-se ler classicamente do lado masculino: há sempre uma exceção que funda a regra. Do lado feminino, a dimensão do não-toda (*pas-toute*) traz uma lógica que não nos é tão habitual e que aliás é subvertida nessas regras de uso da escrita. Por exemplo, é preciso ler: não para toda mulher a regra da castração, o que não designa imediatamente o conjunto de que se trata, nós não sabemos traduzir imediatamente esse buraco no universal. É uma lógica que não é unicamente aquela da relação do particular com o universal, de um traço específico a um conjunto mais vasto, mas uma lógica que vem esburacar a dimensão da totalidade: não se poderá dizer jamais “para todas as

mulheres”, mas esse não-toda não é também uma nova classe, tal parte nova das mulheres. Não é as mulheres reunidas sob a bandeira da emancipação ou aliás de seu inverso. É uma invenção ao mesmo tempo lógica e topológica uma vez que isso vem esburacar a totalidade de uma representação social. Isso faz, de um certo ponto de vista, suplemento ao significante Mulher, enquanto Mulher não é uma classe, mas vem descompletar o conjunto. O significante Mulher não se opõe mais ao significante Homem logicamente, ele vem mais precisamente causar objeção no espaço de uma representação da feminilidade, o que de alguma forma se representaria por si mesma. Ele vem também causar objeção no espaço de representação da feminilidade o que a atestaria por ela mesma. De um certo ponto de vista, poder-se-ia talvez dizer que esse trabalho sobre o não-todo prolonga a questão das identificações. Podemos identificar tal letra por tal filiação, tal traço, tal sintoma, ou tal desejo, mas somos prevenidos que concernente à essa parte feminina nós não poderemos nunca dar uma estrutura completa. O não-toda escapa lateralmente a edificação das identificações.

Tal como uma pequena paciente poderá sintetizar em algumas sessões, à sua maneira, essa questão aparentemente complexa: ela é, é claro, de determinada família, mas não se sente completamente ligada; ela não se declara anti-familiar, longe disso, nem com vontade de fazer tábula rasa, mas ela se sente como topograficamente afastada, alhures. Por que dizer que alguém é

“família ou não família” se seu ser não está “não todo na família”? Sua posição na sexualidade e o fato de que ela não deseja filho não é provavelmente por nada nesta forma de ligação afetiva aos seus. Da mesma maneira, ela recebe com uma certa perplexidade o significante de sua pertença a uma comunidade perseguida nos confins da Rússia e da Turquia, mas ela não quer assumir a totalidade desta transmissão, nem a língua, nem a herança cultural, nem mesmo as canções. Ela não é hostil ao trabalho de memória honrado pelos seus e à herança cultural hoje viva, mas ela não se sente dever participar disso ou trazer sua contribuição a esse respeito. Por que ter-se-ia que falar aqui de recusa, de denegação? Seguramente, é uma jovem mulher que não está não-toda na transmissão. Talvez, afinal, sejamos nós mesmos que consideramos que a integralidade de um sujeito está na maneira com que ele honra as memórias. É provavelmente uma ideia bastante masculina uma vez que em sua vida uma mulher vai ter que se exilar muito e peregrinar bem além dos primeiros lugares de fundação. Ela está preparada a princípio para não honrar todas as dívidas reais, imaginárias ou simbólicas de uma família, de um clã, de uma nação, de uma religião. Essa jovem paciente encontrará, no exercício da profissão de professor de universidade, uma maneira de transmitir é claro, sem falar dos pequenos artigos que ela publicava na ocasião.

Antes de subtrair a parte de cima para passar a parte baixa do dito quadro, é-nos preciso admitir que a parte de cima poderia

suscitar longos comentários inclusive para equívocar aí um pouco a exceção masculina. Há muitas autodesignações de uma posição de exceção que mereciam uma pequena precisão.

A parte baixa do quadro vem fornecer de um modo surpreendentemente resumido em algumas letras e setas os desafios gerais de uma posição masculina e feminina quanto à sexualidade e seus gozos. O lado masculino infelizmente está conforme aquilo que é esperado do Lacan grande leitor de Freud: nenhuma salvação para o homem fora de sua predação habitual de um objeto que ele vai pegar no outro. A seta é simples: o fantasma, todo o fantasma, nada mais que o fantasma. Lacan repetirá isso claramente, às vezes com alfinetadas, ao longo do seminário, brincando mesmo com esse lado quase masturbatório de um gozo, portanto, bordejado, no sentido o mais simples como no sentido matemático. É preciso, entretanto, especificar isso, que todo homem não está forçosamente do lado esquerdo do quadro. Homens “de qualidade” vêm acampar do lado direito da sexuação, mas Lacan não faz disso uma tipologia exata nem uma sociologia. Não diremos que se trata dos novos pais, nem daqueles que alguns designam comumente “os metrosssexuais”. Admitamos, por enquanto, que se trata de homens que, por razões variadas, não conseguiram reduzir seu horizonte apenas à janela do fantasma. Por motivos clínicos, às vezes precoces, por motivos culturais, por causa de desenraizamentos, de separações forçadas, eles não tiveram o tempo de permanecer muito tempo na janela de

seu pequeno quarto a escutar à porta dos pais, eles tiveram que fazer precipitadamente seu fardo... um lugar completamente outro.

Quanto ao lado feminino dos gozos, preferimos deixar a palavra inicialmente ao próprio Lacan.

“O que quer dizer isto? – senão que um campo, que nem por isso é coisa alguma, acha-se assim ignorado. Esse campo é o de todos os seres que assumem o estatuto da mulher – se é que esse ser assume o que quer que seja por sua conta. Além disso, é impropriamente que o chamamos *a* mulher, pois, como sublinhei da última vez, a partir do momento em que ele se enuncia pelo não-todo, não pode se escrever. Aqui o artigo *a* só existe barrado. Esse  $\bar{A}$  tem relação, e eu ilustrarei isto hoje para vocês, com o significante  $A$  enquanto barrado.

O Outro não é simplesmente esse lugar onde a verdade balbucia. Ele merece representar aquilo com que a mulher fundamentalmente tem relação. [...] Por ser, na relação sexual, em relação ao que se pode dizer do inconsciente, radicalmente o Outro, a mulher é aquilo que tem relação com esse Outro. Aí está o jogo que eu queria tentar articular melhor. [...]

A mulher tem relação com  $S(\bar{A})$ , e já é nisso que ela se duplica, que ela não é toda, pois, por outro lado, ela pode ter relação com  $\Phi$ .



Φ, nós os designamos com esse Falo, tal como eu o preciso por ser o significante que não tem significado, aquele que se suporta, no homem, pelo gozo fálico. O que é isto? – senão o que a importância da masturbação em nossa prática sublinha suficientemente, o gozo do idiota.”<sup>62</sup>

[?] <sup>63</sup>

Precisamos resumir abusivamente onde Lacan pisa tateando. Contrariamente ao gozo do idiota, seu parceiro, uma mulher encontra o meio de se dividir em duas vertentes de gozo dissemelhantes tais como são nomeados. Fálico de um lado, que garante o exercício da sexualidade, mas até aí nós não aprendemos grande coisa, e então, o ponto mais tenso, enigmático, e o mais interessante, esse ponto voltado para o Outro... Que seria o quê? É difícil ser preciso pois Lacan toma emprestado outros caminhos, mas é preciso também não nos distanciarmos muito: o gozo Outro não é sem ligação com a sexualidade; ele lhe ofereceria de alguma forma uma suplência, como se diz um suplemento de alma. Isso poderia ser um gozo do corpo inusitado, inabitual, como ele se apresenta por exemplo em certas formas da psicose ou mesmo em experiências aditivas do corpo. É por isso que infelizmente utiliza-se o mesmo termo de “gozo outro” para falar das grandes patologias, resumindo,

---

<sup>62</sup> Lacan, Jacques – *Mais Ainda...* p. 108-109.

<sup>63</sup> No texto original, na versão da ALI, o parágrafo termina com um ponto de interrogação. (NT)

do alcoolismo, da toxicomania, etc. Uma única chave para todas as fechaduras, não é bom signo. Lacan quer nos fazer tocar com um dedo uma dificuldade que é que, contudo, nós não temos as palavras para dizê-lo, mesmo quando não sabemos narrar, sabemos entretanto na experiência íntima que alguma coisa ultrapassou para a mente um limite habitual no campo da sexualidade. Mas é preciso reconhecer que se tem falta de significantes para descrever que na ocasião nós atravessamos um território mal cartografado, que se presta mal a simples palavra de *transgressão* ou menos ainda de *sem limite*. E portanto, Lacan propõe, transitoriamente, “gozo Outro” enquanto suplemento ao mundo conhecido. Talvez devêssemos fazer um esforço para colocar em perspectiva: muitas experiências do corpo nos são desconhecidas, e sem acontecimento do corpo não há acontecimento do pensamento. Se vocês não caminham ocasionalmente na montanha em altitudes desconhecidas nas nossas terras, vocês não podem verdadeiramente saber o que é um universo de uma pureza mineral, sem árvore, sem sombra, um monastério tibetano no horizonte... Quem não foi um dia sensualmente completamente ultrapassado por um fragmento de música ou uma pintura? O corpo pode ser emocionado pela ouvido como pela vista, e ter então a ideia de um lugar inexplorado. De tempos em tempos, não todo o tempo, no fundo, raramente o sujeito deixa um pouco seu fantasma em favor de uma nova disponibilidade; é preciso ainda que ele esteja presente no lugar desse encontro.

Outro, gozo Outro, S (A) ... Além do gozo, Lacan parece indicar que uma mulher poderia ter um acesso privilegiado à dimensão do inconsciente, uma maneira de ler o real sem as lentes para filtrá-lo. É por isso que ele se queixava que as mulheres analistas não o narrem melhor, ainda que houvesse, contudo, belas figuras de analistas ao lado dele. Em um outro seminário, Lacan dirá que é no melhor dos casos uma mulher que lerá para um homem o nó no qual ele está tomado pela razão que esse último não pode voltar-se sobre si mesmo, vendo-se simplesmente do camarote.

“É verdadeiramente a questão – ser histérica ou não. Há Um ou não? Em outros termos, essa não-toda, numa lógica que é a lógica clássica, parece implicar a existência do Um que faz exceção. Daí, seria nisso que seríamos o surgimento em abismo – e vocês vão ver por que o qualifico assim – dessa existência, essa ao menos uma existência que, com vistas à função  $\Phi x$ , se inscreve para dizê-la. Pois o próprio do dito é o ser, como eu dizia ainda há pouco. Mas o próprio do dizer, é de ex-xistir em relação a qualquer dito que seja.

Agora, a questão é saber, com efeito, se de um não-todo, de uma objeção ao universal, pode resultar isto que se enunciaria por uma particularidade que se contradiz – vocês veem que eu continuo no nível da lógica aristotélica.

Só que tem o seguinte: ao podermos escrever *não-todo x se inscreve em  $\Phi x$*  ( $\overline{\forall x. \Phi x}$ ) deduz-se, por via de

implicação, que há um x que contradiz isto. O que é verdadeiro com uma única condição, de que, no todo ou no não-todo de que se trata, se trata do finito. Para o que é finito, há não somente implicação, mas equivalência. Basta haver um que contradiga a fórmula universalizante para que devamos aboli-la e transformá-la em particular. Esse não-todo se torna equivalente do que, em lógica aristotélica, se enuncia do particular. Há a exceção.”<sup>64</sup>

Como nós dizíamos um pouco mais acima, Lacan propõe, no sentido completo, uma nova tradução ou uma nova interpretação daquilo que a alta lógica aristotélica propunha do particular e do universal. Ele propõe o significante não-todo ou não-toda que oferece uma resposta potente a todos os totalitarismos do pensamento. Mas ele diz mais ainda, de passagem, concernente à posição feminina, que é de alguma forma portadora desse significante novo. Ele explicita que esse não-todo não resulta simplesmente de uma contradição, de uma negação, levada ao patamar do universal, mas que ele coloca a existência de uma indeterminação. Ele aceita, ao menos provisoriamente, uma existência “indeterminada” e ele precisa um pouco depois que é porque é preciso poder construir, quer dizer saber encontrar onde está essa ex-xistência. Nós encontramos a mesma intuição

---

<sup>64</sup> *Ibid.*, p. 139-140.

determinada de Lacan sobre a noção de um construtivismo: o punção, nós vimos, é um construtivismo, ele se dobra às necessidades e às exigências do momento social; a existência feminina da qual Lacan fala é igualmente um construtivismo, ela está em vias de se escrever sob o jugo das mesmas necessidades dos discursos. De um construtivismo ao outro. Donde nenhum dicionário possível das posições femininas; elas permanecem indeterminadas tanto que elas não conseguem se formalizar numa escrita. É preciso suportar a construção disso. Donde o caráter evidentemente imperfeito de alguns trajetos clínicos que podemos dar, nenhum faz lição, mas cada um desses trajetos, sobretudo reunidos em um maço, constrói um pequeno universo que tem muito a ver com nossa modernidade. Cada um desenha pequenas seqüências realmente vivas onde se vê sujeitos tentando construir destinos cujos caminhos não são bem previstos.

“... *Eu te peço* – o quê? – *que recuses* – o quê? – *o que te ofereço* – Por quê? – *Porque não é isso* – isso, vocês sabem o que é, é o objeto *a*. O objeto *a* não é nenhum ser. O objeto *a* é aquilo que supõe de vazio um pedido, o qual, apenas situando-o pela metonímia, quer dizer, pela pura continuidade garantida do começo ao fim da frase, podemos imaginar o que pode ser de um desejo que nenhum ser suporta. Um desejo sem outra substância que não a que se garante pelos próprios nós.

Enunciando essa frase, *eu te peço que recuses o que te ofereço*, só pude motivá-la com esse *não é isso* que retomei da última vez.

*Não é isso* quer dizer que, no desejo de todo pedido, não senão a requerência do objeto *a*, do objeto que viria satisfazer o gozo – o qual seria então a *Lustbefriedigung* suposta no que se chama, impropriamente, no discurso psicanalítico, a pulsão genital, aquela onde se inscreveria uma relação que seria a relação plena, inscritível, de um, com o que resta irredutivelmente Outro.”<sup>65</sup>

Há ainda na escrita formal do  $S(A)$  esse apoio sobre a incompletude de todo sistema formal, de toda teoria humana, de toda conceitualização do desejo, no início mesmo de toda a demanda... Sabe-se mesmo o que se demanda no que se demanda? Está-se certo que o que se demanda é tudo o que se demanda? Lacan o diz de forma graciosa nessa fórmula que já tem sua triplicidade: “eu te peço que me recuses e que te ofereço porque não é isso.” Nós nos permitimos propor de passagem, numa escrita que nós já tínhamos proposto em um pequeno ciclo de colegas, e que é de levar a sério o  $S(A)$  como um dos Nomes-do-Pai (o que Lacan subtende com a “face feminina de Deus”), e portanto nós poderíamos escrever:

---

<sup>65</sup> Ibid., p. 170-171.

Nomes-do-Pai = (Nome-do-Pai, Falo,  $S(A)$ ), uma proposição possível para os Nomes do Pai como o diz Lacan.

“Não há relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado – perverso de uma lado, no que o Outro se reduz ao objeto  $a$  – e do outro, eu direi louco, enigmático. Não é do defrontamento com este impasse, com essa impossibilidade de onde se define um real, que é posto à prova o amor? Do parceiro, o amor só pode realizar o que chamei, por uma espécie de poesia, para me fazer entender, a coragem, em vista deste destino fatal. Mas é mesmo de coragem que se trata, ou dos caminhos de um reconhecimento? Esse reconhecimento não é outra coisa senão a maneira pela qual a relação dita sexual – tornada aí relação de sujeito a sujeito, sujeito no que ele é apenas efeito do saber inconsciente – para de não se escrever.<sup>66</sup>

*Parar de não se escrever*, não é fórmula adiantada ao acaso. Eu a referi à contingência, ao passo que me compraziu com o necessário como o que *não para de se escrever*, pois o necessário não é o real [...].

A contingência, eu a encarnei no *para de não se escrever*. Pois aí não há outra coisa senão encontro, o

---

<sup>66</sup> Ibid., p. 197

encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo o que em cada um marca o traço do seu exílio, não como sujeito, mas como falante, do seu exílio da relação sexual. Não é o mesmo que dizer que é somente pelo afeto que resulta dessa hiância que algo se encontra, que pode variar infinitamente quanto ao nível do saber, mas que, por um instante, dá a ilusão de que a relação sexual para de não se escrever? Ilusão de que algo não somente se articula mas se inscreve, se inscreve no destino de cada um, pelo que, durante um tempo, um tempo de suspensão, o que seria a relação sexual encontra, no ser que fala, seu traço e sua via de miragem. O deslocamento da negação, do *para de não se escrever* ao *não para de se escrever*, da contingência à necessidade, é aí que está o ponto de suspensão a que se agarra todo o amor. Todo o amor, por só subsistir pelo *para de não se escrever*, tende a fazer passar a negação ao *não para de se escrever*, não para, não parará.<sup>67</sup>

Tal é o substituto que – pela via da existência, não da relação sexual, mas do inconsciente, que dela difere – constitui o destino e também o drama do amor.<sup>68</sup>

É aí que nossa proposição nos parece justa: construtivismo do um, construtivismo do outro. Há a contingência em nossas vidas,

---

<sup>67</sup> Ibid., p. 198.

<sup>68</sup> Ibid., p. 199.



há o aleatório, como aliás a lógica nodal que o suporta melhor. Lacan fala bem poeticamente do encontro, com certeza o sintoma, diz ele, mas também os afetos, daquilo que, em cada um de nós, marca o traço de seu exílio. Que um dia, “por um instante”, ou esperamos mais, esse algo que se encontra, que dá ideia de “cessar de não se escrever”, não apenas se diga mas se escreva, se inscreva; esse algo que faz “relação” mesmo como miragem. Acontece-nos que, em posição de exílio, não há senão o lugar do feminino no sentido estrito nem o lugar da loucura, há todos esses exílios forçados, todos esses seres sem lugar que vêm a nós e pedem asilo. Nós já temos acolhido amplamente em nossa prática essa face sombria da nova economia psíquica. O que é belo nesse lugar, é que Lacan dá sua chavezinha do que definiria todo amor: “todo amor, por não subsistir senão do cessar de não se escrever e que tenta fazer passar essa negação ao não cessa, não cessará de se escrever”. Alguma coisa vai terminar por se escrever, está já se escrevendo.

Aqui, o acontecimento do qual Lacan fala não parece heroico, não leva a nenhum sacrifício, está por um momento sob o encanto, mas que não é inefável, que pode-se dizer, se inscrever. Talvez não haja necessidade de dar à existência feminina exemplos paroxísticos demais; há insistência demais sobre o desgarramento, a loucura, até o indecifrável, mesmo se antes de serem lidas as letras estejam, é verdade, em alqueive. Nós diríamos que Lacan dá sua chance a cada uma, uma por uma, para entender nas variantes dos

caminhos, como nós dizemos variantes da cura tipo. Temos desejado aproximar o punção do fantasma da escrita que Lacan propõe do  $S(A)$ , pois essas duas escritas nos obrigam a considerar toda a formalização como suportando uma incompletude. Sequência imaginária aparentemente parada, o fantasma será remanejado por toda vida ao sabor dos encontros e dos fatos de discurso. Uma mulher fará sempre obstáculo a toda grande unificação, ela não estará nunca completamente às ordens do que lhe ditam as leis da cidade. Ela também não estará nunca completamente fora do campo. Ainda que em retorno, nossas regras de vida, nossas regras sociais se encontrem permanentemente descompletadas, questionadas, recolocadas sobre a mesa de trabalho... É preciso efetivamente continuar a escrever, o mundo nunca tem regras inscritas no mármore para sempre. Isso punciona e descompleta...

### *Observações dirigidas à sociologia*

Depois dessa longa excursão, talvez demasiadamente teórica, precisamos voltar à nossa questão inicial: uma certa decepção nos vem pelo fato de que Lacan não fez retorno às sexualidades humanas numa psicopatologia da vida cotidiana, ainda que para nos informar hoje dos usos, dos modos de vida, e dos sintomas, nós não possamos nos voltar senão para as obras da sociologia, que são aliás documentadas, ou para as histórias dos costumes. É notável que

muitos documentos saem nesse momento sobre essas questões, mas poucos vindos dos psicanalistas. Não se fala mais dos sintomas sexuais como os pioneiros falavam. É nessa contradição que nos será preciso responder, se se quer guardar para a psicanálise o papel central da sexualidade no inconsciente. Para expressarmos uma pequena observação, nós temos lido o livro de uma socióloga do CNRS<sup>69</sup> Janine Mossouz-Lavau, *A vida sexual na França*<sup>70</sup>. Essa obra está na tradição das pesquisas de sociologia e de epidemiologia sobre as questões de sexualidade e nós voltamos por exemplo aos excelentes recenseamentos de 1972: *Raport sur le comportement sexuelle des français* baseado sobre a pesquisa de 2.625 francesas e franceses e que, desde a introdução o assinalamos, presta homenagem a Freud. A pesquisa da diretora de pesquisa no CNRS é classificada por 65 entrevistas em Paris e na província, o que corresponderia quase à atividade de análise de um psicanalista, lacaniano, em tempo integral. Isso para dizer que o gabinete de um analista constitui, de um certo ponto de vista, um bom observatório do fato clínico, com a condição de dividir sua experiência com os outros.

Sete capítulos relativamente esperados: o primeiro sobre a infância, o segundo sobre a entrada “na dança”, o início das relações sexuais efetivas, o terceiro – já uma interpretação da moral civilizada

---

<sup>69</sup> Centre National de Recherche Scientifique.

<sup>70</sup> Mossuz-Lavau, J. *La vie sexuelle en France*, Paris, La Martinière, 2018.

contemporânea – se intitula “Os colecionadores e os corações inconstantes”, o quarto, contudo, sobre o significante do amor; o quinto “O fim das histórias”, as rupturas... Numa época em que as separações e os divórcios aumentaram sensivelmente... O sexto, um tema ao mesmo tempo inesperado e não surpreendente: a parada de toda sexualidade até mesmo nas classes de idade mais jovem. E enfim, o sétimo, como diz a autora: “A questão que mata”, os homens e as mulheres têm doravante a mesma abordagem das práticas da sexualidade?

O mais importante a dizer, que já estava nos grandes relatórios dos anos 70, é a homenagem mantida à descoberta freudiana: há a sexualidade infantil. Esse fato é maior e incontestável mesmo que ele seja contestado hoje nas práticas dos serviços que se ocupam de crianças. Temos dificuldade para interrogar os pais sobre seu modo de vida e sobre o que a criança compartilha. Precocidade das ligações libidinais, gozo corporal “partilhado” no momento dos cuidados e dos carinhos, papel da masturbação, evocação das famosas cenas freudianas ditas primitivas, às vezes vistas, mais frequentemente escutadas, cena de sedução ou de intrusão pelos adultos, até pior, como sabemos pela atualidade e pelos escândalos do momento. A notar, o tabu mantido mas que pode surpreender regras: “quase todas as pessoas que testemunharam nesta pesquisa [...] sublinham a ausência de explicação concernente às regras.” Donde a questão que a autora coloca: “por que esse mutismo numa

sociedade que há muito tempo se apregoa liberada e coloca o sexo em imagens e em palavras em cada canto de rua?” Ali, a sociologia tem mil vezes razão de nos advertir: no meio de uma visão hiperssexualizada permanece um tabu na representação. Em um livro de um grande frescor, *Em traje de Eva, feminino, pudor e judaísmo*, Delphine Horvilleur, uma das duas mulheres francesas rabinas, se explica amplamente sobre a obsessão do corpo da mulher na religião e na cultura e sobre suas consequências sobre as polêmicas conhecidas concernentes ao véu e ao pudor. De passagem, ela explicita que durante uma parte de seu ciclo menstrual uma mulher é considerada como “Nidda”, quer dizer afastada. “Seu estado é geralmente definido como um estado de impureza passageira mas o termo impureza, tradução do hebreu “Touma”, é ao mesmo tempo complexo e perturbador.” “Depois do parto, a mulher conhece o mesmo estatuto, ela é considerada como intocável e temporariamente afastada do grupo.” Delphine Horvilleur diz com sutileza que uma mulher é especialmente conduzida à fisiologia, mas no sentido de “uma porta aberta entre um lado e o outro, entre o interior e o exterior, entre o invisível e o revelado e entre a vida e a morte.” Nós temos talvez, graças à essa mulher rabinas, uma sequência à interpretação de Lacan sobre a posição Outra que tem a vantagem de ser menos mística que aquela do seminário *Mais Ainda* e em nada “louca”. Ela está ao contrário mais perto do cotidiano de uma mulher clássica, como uma mulher menos clássica. Se bem que

a autora indique que a exigência do pudor consistiria em reestabelecer infinitamente uma fronteira, em reabilitar uma separação para deixar à distância talvez, não tanto a mulher quanto a morte.

A primeira experiência é a escrita construtivista do fantasma. A “primeira vez” vai condicionar uma certa acessibilidade ao gozo de órgão e compreende-se de passagem como a escrita primeira do fantasma tal como se descreve classicamente em “Uma criança é espancada” é relançada ao longo das descobertas da vida sexual e em particular ao pé do muro da realização efetiva da sexualidade, como testemunham as descompensações psicóticas bem conhecidas diante do muro do sexual, que coloca tantos problemas na clínica da adolescência. Há uma notação para discutir seriamente onde eu me autorizaria a uma certa distância com a sociologia, é sobre a questão da bissexualidade. Porque seria aqui para distinguir cuidadosamente: bissexualidade freudiana original e bissexualidade fantasmática, bissexualidade agida, até reivindicada, ideológica. É preciso entretanto tomar com interesse a seguinte notação: “Nos jovens, a passagem (momentânea) de um sexo ao outro em matéria de parceiro se efetiva bem naturalmente, sem despertar uma culpabilidade, uma vergonha ou um lamento. Os tempos mudam, as delimitações se embrulham, o ser humano conta mais que as consígneas a um gênero ou ao outro. As famosas “identidades” não são mais congeladas.” Eu tinha respondido rapidamente demais a uma pesquisa jornalística,

tirando minha experiência de minha prática de analista, mas igualmente de minha atividade no seio de um centro de cuidado para crianças, declarando que a bissexualidade atuada não era tão frequente quanto narrada. Devo confessar que seria preciso colocar esse axioma no trabalho coletivo antes de concluir. Mas o essencial não está talvez senão nas estatísticas. Há nas observações da socióloga nuances importantes: ela coloca com razão um parêntese sobre bissexualidade (“momentânea”) tanto que é verdade que nós sabemos que na adolescência as escolhas de objeto não são forçosamente fixadas. Ela interpreta talvez apressadamente o “sem arrependimento” mesmo que nossos jovens possam em primeiro tempo se declarar assim. Que em seguida, toda a questão da identidade sexual se encontraria subvertida e permaneceriam, em contra partida, um ponto que eu discutiria.

Pode-se assinalar nesse lugar o trabalho em curso de desconstrução e de designificação, como de des-identificação operada por uma corrente moderna do ensino da psicanálise como o interessante livro de Thamy Ayouch *Psychanalyse et Hybridité* prefaciado por Laurie Laufer. Nós partilhamos por um lado a crítica frequentemente feita a um lacanismo conservador demais confundindo o Nome-do-Pai e patriarcado. Nós não temos feito regularmente a observação de que, em particular, nos serviços destinados às crianças e a sua família, as palavras da psicanálise podiam às vezes se tornar normativas e educativas, provável leitura

unilateral demais do famoso complexo de Édipo e, é preciso dizer, do classicismo de vida de muitos clínicos. Seria preciso distinguir certas interpretações brutais para tirar a criança do leite dos pais, por exemplo, as quais são justificadas, com uma concepção simplista do que nós identificamos como uma família: papai, mamãe e seu rebento. Se nós acatamos uma crítica de um certo conservadorismo da psicanálise, não estamos, entretanto, acompanhando a ideia de um polimorfismo completo das identidades e das subjetividades. Está aí o ponto que nos é preciso sustentar, mas em que nos seguramos? Nós o temos esboçado um pouco já precedentemente: sobre um certo número de grandes significantes que fazem, parece-nos, que o feminino, por exemplo, faz ainda limite a um realismo destruidor demais.

Essa ideia nos ajuda aliás a ler o capítulo consagrado à “moral sexual civilizada de hoje”, aquela dos encontros, dos colecionadores e colecionadoras, todas as coisas que escutamos no divã também. A “depreciação da vida sexual” da qual Freud fala para o homem e o dom juanismo, para dizê-lo com poesia, passaram para o lado feminino? É o que parece indicar nosso estudo sociológico que é bem documentado sobre os sites de encontro e outros aplicativos e que dá uma certa clínica da mulher de meia idade em particular. Isso aliás não me surpreendeu tanto, a título de algumas evocações de encontros clínicos que me foram trazidos cursivamente. Temos deixado de lado do seminário *Mais Ainda* as



notações de Lacan sobre as matemáticas e o infinito, mas, como dissemos, há com certeza uma clínica do número que insiste hoje, em particular nisso que nos ocupa concernente à vida sexual. A questão da série é antiga, cada um e cada uma se pergunta sempre qual lugar ele toma numa série, mas a tecnologia dos encontros nos confronta a uma dimensão outra que é provavelmente aquela que Lacan indica com o termo de infinito. Nós não sabemos mais onde será o ponto de parada. É seguramente por isso que o capítulo que segue, consagrado ao amor, é o mais decepcionante do volume. É um capítulo bastante pobre e sem conteúdo, não de fato pela autora mas pelo fato das respostas obtidas na pesquisa. A distância entre amor, desejo, prazer é sublinhada sem muita curiosidade. É aí que a psicanálise faz falta. É aí que nossa profissão talvez ainda importe.

O capítulo concernente às rupturas é significativo pela aceleração dos divórcios. A autora assinala que não se pode permanecer unicamente no esquema descrito classicamente da poligamia compensatória e da castidade reparadora: um homem multiplicaria as conquistas como compensação para se indenizar por uma ruptura, uma mulher ressentida dar-se-ia tempo para se reconstruir... É isso que ainda encontramos, mas não sistematicamente. Aí ainda, a socióloga indica com razão mudanças moleculares mas, entretanto, notáveis na vida de uns e dos outros.

O mais significativo é o que vai vir sob o título do último quadro, quer dizer, a parada de toda sexualidade. É talvez o ponto

mais audacioso que as estatísticas desvelam, como o traz a epidemiologia americana para uma faixa etária de adultos jovens, mas é um fato que já nos tinha alertado em nossa prática. Mais nos homens que nas mulheres, nos heterossexuais como nos homossexuais. Não é tanto que os pares continuem a viver longamente sem sexualidade que nos surpreende, é um fato conhecido desde sempre. Mas o que é mais surpreendente, é a parada de toda sexualidade sem conjugalidade nos adultos jovens e que, no melhor dos casos, não se torna uma queixa se não for levada a um psicanalista, senão apenas um deixar pra lá. É interessante colocar em relação, uma vez que falávamos dos números, a perspectiva do zero e do infinito. Ao gozo infinito fantasmaticamente proposto, à imortalidade do desejo, vem responder em alguns e algumas a lógica do zero. Nós escolhemos por enquanto dizer “zero” e não “nada” que Lacan pôde transitoriamente propor como objeto *a* e que nós pensamos dever repropor hoje, com razão, nos vastos problemas ditos anoréxicos ou alimentares em particular, que se tornam epidemias em saúde pública. É um terreno teórico-clínico que mereceria ser investigado: lógica do número no inconsciente que despoetiza a literalidade e que não permite mais fazer viver o intervalo contudo sublinhado pela socióloga entre desejo, prazer, e amor.

O que concluir dessa passagem entre psicanálise e sociologia? A própria autora, como muitos de nossos

contemporâneos, conclui em um movimento para um “igualitarismo” fantasmático entre homem e mulher, até mesmo a uma porosidade das identidades. Certas tendências sociais ou religiosas, à sua maneira, por sua rigidez sobre questões de costumes, parecem permanecer na mesma opinião. Medo de um apagamento generalizado das diferenças e que vai culminar infelizmente em um recrudescimento da identidade nacionalista que conhecemos bem demais. Nós temos proposto conduzir o leitor a conservar o gosto pela incompletude proposta por Lacan por ocasião do seminário onde ele trata da sexuação. Não colocar tudo nas reivindicações sociais, nem em seus acompanhamentos nem em sua crítica, e nem colocar tudo na leitura estatística, nem fazer de questões particulares questões gerais, guardar por exemplo para a bissexualidade um campo de estudo que não cobre o conjunto da sexualidade humana... Tentamos fazer viver o não-todo, o não-toda, de nos servir disso como apoio em nossas direções de clínica e em nossas reuniões de trabalho. Pela mesma razão concedemos muita importância em manter a distância entre as palavras, a distância máxima entre as metáforas. O prazer não é o desejo, um gozo não é igual a um outro e temos, no contexto onde vivemos, que trazer novamente um pouco de lustro ao significante “amor” no encontro. O grande axioma lacaniano por demais repisado frequentemente “não ceder sobre seu desejo” é difícil de manejar sem prudência em um momento onde tudo leva a não ceder nada de seus desejos. Seria

preciso provavelmente voltar às avessas sobre as diferentes passagens onde Lacan, retomando Freud, fala do significante “amor”. Não unicamente sobre a vertente do narcisismo, mas sobre o amor como fato do discurso. Nós já indicamos o quanto em nossas análises apenas a questão, “você já amou?”, frequentemente abre abismos.

Tradução: Letícia P. Fonsêca

## PEQUENAS INDICAÇÕES CONCERNENTES À DIREÇÃO DA CLÍNICA HOJE

O que resta forte na descoberta freudiana – e é ainda mais nítido em um serviço para crianças – é, além da colocação mítica, a dimensão da “castração” constitutiva da psicanálise: o gozo deve encontrar-se interdito realmente, para ser permitido no plano da realidade e do vivido cotidiano em sociedade. Na concepção clássica, a criança obedece ao interdito representado pelo pai morto interiorizado: ela deixa de desejar a mãe e, para um filho homem, outras mulheres lhe serão então prometidas. Para uma filha há, temos visto, uma complexidade mais nítida desse estabelecimento e uma dupla renúncia.

Lacan fez um retorno respeitoso sobre a concepção freudiana ao longo de seus primeiros anos de seminário: o pai intervém por um duplo interdito; um efetivado sobre a criança, o outro sobre a mãe. “Tu não serás o falo que falta à tua mãe! tu não tomarás nossa criança pelo falos que te falta!” Essa dupla interdição rompe, em princípio, a relação dual que faz de uma criança o objeto de sua mãe nos casos problemáticos, seu simples prolongamento no melhor dos casos. É o significante fálico – que tornou-se uma palavra fetiche dos analistas lacanianos – que é o significante dessa dupla interdição. Mas ele

autoriza um além, uma vez que um significante vem tomar o lugar da falta, falta que conta a perda dos objetos primordiais: seio, voz, olhar, tocar da mãe; série dos objetos kleinianos ou dos objetos lacanianos em número fechado.

O que nós chamamos com Freud “neurose” é uma maneira de contornar a castração; guardar, como é dito, um desejo insatisfeito ou mesmo renunciar a ele. Temos lembrado precedentemente como, para fazer viver essa operação sobre o desejo no inconsciente, temos na análise apoios primordiais: a janela do fantasma e a questão das identificações – lógicas do sexo e do ser combinadas. Poderíamos propor que com RSI nós devemos acrescentar um terceiro termo: a literalidade, as letras portadoras da memória dos gozos. Uma letra para o inconsciente não é unicamente uma letra alfabética, mesmo que ela possa na ocasião intervir no jogo livre dos significantes, como o W no exemplo do Homem dos Lobos. Uma letra pode ser por exemplo um pequeno signo, um pequeno traço marcado em um sonho de criança e que se tornará no adulto um sonho recorrente, o traço de alguma coisa que não pode se contar de outro modo. A letra pode ser também uma musicalidade, um acento, um timbre de voz esquecido ou recalcado; a letra pode ser ainda uma marca no corpo, um rosto, o ômega de uma tristeza identificado precocemente no espelho do outro... Há todo um apanhado da letra, cada letra comemora um acontecimento para o sujeito, acontecimento frequentemente precoce, mas que determinou seu destino. A letra

pode ser recortada, posta de lado, esquecida, recusada, até foracluída. Sabemos que ela fará retorno sempre: ela é a aurora e o destino. É preciso, portanto, escutar “memória dos gozos” de um modo bastante extensivo, como Lacan o proporá. Pode-se tratar de gozos sensuais, de gozos de um sentido – como se diz que “alguma coisa faz sentido” – mas também de gozos inusitados, difíceis de qualificar, Outro como é dito, mas cuja letra lhe dará o índice.

São as ligações dialéticas desses três planos principais (fantasma, identificação e letras) que forjam a escuta e a conduta de uma análise. Na clínica de hoje, são essas passagens dialetizadas que se encontram regularmente rompidas ou tornadas ilegíveis. É muito nítido no menino, menos na menina na mesma idade. É aliás interessante notar que não há, no sentido técnico, meninas não leitoras, quer dizer que não entram na aprendizagem da leitura, exceto em caso patológico raro. Os estágios do grafo do desejo, ao qual Lacan se prendia tanto, que vai do grito primeiro ao ideal, encontra-se de alguma forma de-solidarizados, o que torna a clínica às vezes desconcertante. É nesse lugar que precisamos estar atentos às proposições de Lacan as mais abertas, em particular quando ele passa do “Nome-do-Pai”, no singular, para “Nomes-do-Pai”, no plural. Nós não podemos injetar à força a simbolização, fazer apelo sem cessar à autoridade perdida ou à verticalidade ignorada. Nós preferimos nos guiar pela fórmula do profeta Oséas: “essa árvore não tem necessidade de ser plantada, ela aparece assim, nas bordas do

caminho”. É uma proposição que Lacan entrega *in fine*, e que deveria ser refletida: “é o Real que trança no lugar da nomenclatura simbólica”. Esse axioma deve encontrar, ao se justificar, com método, porque Lacan está então a examinar os recursos do que é chamado espaço não conectado, mas conectivo, quando três pontos sustentam juntos sem sustentar juntos dois a dois.

Mais do que um longo comentário, um pequeno exemplo clínico nos orientará. “Em criança, ele tinha o espírito particularmente lento e como que adormecido; ele era também solitário, taciturno, indeciso, indiferente às regras, negligente e preguiçoso. Ele parecia idiota aos camponeses da época.” Esse poderia ser um dos motivos de consulta de hoje, o tão famoso abandono escolar ou os pretensos retardos de aprendizagem... Mas estamos no Japão, e a vida dessa criança assim resumida se tornará aquela de Ryokan (1758-1831), um dos grandes mestres zen, autor de mais de 2.800 poemas em chinês e japonês. É muito bem narrado que o que o salvou e lhe abriu a via, é a transferência junto aos professores, inicialmente, eruditos, depois junto a mestres budistas. O real trança essas letras, mas ao preço de um encontro necessário e suficiente. Façamos ainda, nós mesmos, lugar de passagem para todas essas crianças “indiferentes às regras, negligentes e preguiçosas”. É o encontro transferencial que faz a função na ocasião, ou faz lugar de sustentação da função.



*Interpretação, intervenção, operação, construção... na análise*

O problema colocado pelas “psiconeuroses de defesa freudianas” e pelo nó de trevo lacaniano

Lembremos que Freud não falava senão das neuroses de transferência. Ele tinha em seu escrito, além da histeria-fobia-obsessão, neuroses de caráter, neuroses atuais, neuroses de destino e outras psiconeuroses de defesa. O texto sobre as psiconeuroses de defesa permanece bem pertinente, uma vez que Freud propõe, em resumo, que se trata de defesas contra o real – sem responder ao recalçamento pelo sintoma como seria esperado – ao preço de uma semiologia bastante extensiva e invalidante, mas que não confina na psicose.

Essa ideia de uma defesa contra o real parece-nos hoje bastante justa para descrever a posição de certos sujeitos que não se prestam a compromissos sintomáticos. Eles se defendem contra a injustiça imaginária ou realista que lhes foi feita em sua infância, ou na vida social que se seguiu. Temos em mente o trajeto de um “intermitente do espetáculo”<sup>71</sup>, que ia de combate em combate e de decepção em decepção, tanto em sua vida amorosa como em sua vida

---

<sup>71</sup> *Intermittent du spectacle* – estatuto de trabalho temporário do mundo do teatro, cinema, etc. N.T.

profissional. Ele se defendia sem parar, incluindo aí diante das sessões de sua análise, uma vez que ele vinha pela intermitência.

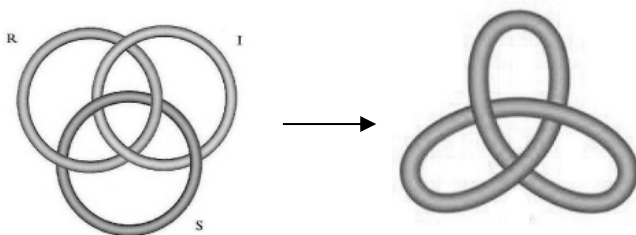
Qual a abordagem desses assuntos que se apresentam, como Freud o relata, se não queremos usar unicamente o caminho das psicoterapias de apoio...? Nesses casos precisos, nós utilizamos frequentemente o que nos parece apropriado chamar “pequenas construções”, forma particular do imaginário narrativo do qual nós falamos precedentemente, quer dizer que nós vamos fixar, de maneira arbitrária, um dos combates históricos do sujeito como a revolta primeira. É puramente hipotético, é claro, encontrando um motivo na infância ou na adolescência para, como na revolução francesa, explicar as réplicas futuras disso. Quando o paciente segue essa ficção na qual ele prende seu real defensivo, “progressos” na análise são verificáveis e pontos não combativos do desejo podem ser abordados. Podemos passar da luta das classes ou da luta dos sexos à luta com o anjo, à luta com as elevadas metáforas. O imaginário encontra a via de uma simbolização a partir de um mesmo ponto de real. Temos grande número de analisantes, homens e mulheres, podendo depender desses mecanismos de defesa e que obrigam a uma prática renovada na transferência.

O que está próximo é a maneira com a qual Lacan pôde falar do famoso nó de trevo, quer dizer da paranoia ordinária<sup>72</sup>. Nós

---

<sup>72</sup> Lacan, J. – O seminário, Livro XXIII, *O sinthome*, Jorge Zaha Editor, Rio de Janeiro, 2007.

tomamos suficientemente a dimensão de sua surpresa quando ele fazia os desenhos mostrando como se passava tão facilmente de um nó borromeu a três a um nó de trevo, que vinha homogeneizar os três registros aparentemente separados.



Ele chama isso: “paranoia ordinária” para diferenciar das grandes paranoias clássicas da psicose. É uma notação que temos verificado frequentemente no trabalho: um sujeito em análise tomará facilmente uma postura pseudoparanoica, interpretativa, vindicativa a respeito da transferência ou ciumenta, sobretudo quando um ponto crucial se encontrar em curso de elaboração em relação aos mecanismos de defesa. Temos em mente, sem dar detalhes demais, o exemplo de sujeitos muito isolados socialmente, tendo poucos recursos de amizades ou mesmo de camaradagem, e que descrevem à vontade o quanto esse isolamento é sempre culpa do outro. Os exemplos se multiplicam de acordo com as peregrinações da vida e toda tentativa de interpretação de sua posição, que é vivida como uma interpretação dirigida, vem transformar *ic et nunc* seu enodamento psíquico em nó de trevo, com uma resposta veemente

dirigida na transferência: “você não me compreende, isso não serve pra nada, essa análise é um fracasso...”

O que nós relatamos aí é bastante comum na experiência analítica, mas o importante é sublinhar, com Lacan, a passagem topológica rápida nos mecanismos da mente, tão fechados, enquanto esses seres têm frequentemente talentos entretanto inigualáveis em toda uma série de domínios profissionais e artísticos. Não temos encontrado resposta técnica facilitada para essas formas de impasse, ainda que os esquemas lacanianos pareçam induzir uma certa reversibilidade. Talvez seja preciso aceitar devolver, na ocasião, a totalidade do desejo ao sujeito mesmo quanto a sua transferência e deixá-lo ir para outras formas da experiência. Pode ser que, de caminho em caminho, um refúgio se encontre...

Lacan tinha notado a facilidade dessa paranoia comum de se colar em outras paranoias comuns do mesmo tipo, para fabricar paranoias sociais. Demos, no início da obra, um bom exemplo na clínica dos ditos migrantes e na hipocondria que isso constrói.

*O número e a letra: restituir o gosto da letra em um universo compacto e codificado*

Devemos confessar – mas como outros analistas o dizem também – que não é tão seguro que nossa prática cotidiana permaneça a mesma que aquela que Lacan levou adiante deslocando

radicalmente a interpretação freudiana. Lacan se servia essencialmente do jogo do equívoco significante, das escansões, do silêncio, de sessões frequentemente encurtadas em relação aos padrões freudianos. De um certo ponto de vista, ele se sustentava em seu propósito: é sobre o jogo das letras no inconsciente que ele insistia. Era seu utensílio principal, senão único. O deslocamento da clínica que temos relatado tem incidências claras sobre nossa prática. É evidente também que as intervenções e as operações técnicas no campo da criança, sobretudo pequena, não são feitas de equivocidade e de escansões rápidas. Então, com o que nós trabalhamos?

Temos destacado a prevalência concedida ao número na economia psíquica das neuroses de constrangimento e dos problemas similares como as adições ou as anorexias. A bivalência da letra e do número é conhecida na experiência humana, em particular muito bem explorada pela cabala judaica, mas não nos aventuraríamos sem mestre, quer dizer, sem estar certos de poder ser acompanhado em suas reversões curiosas. É também notável que o célebre exemplo do Homem dos Ratos dê todo o seu alcance a essa tradição cifrada. Mas o que é hoje o mais constante é a clivagem e não a colocação em relação dessas duas valências literais. As cifras, aquelas dos algoritmos que nos precedem doravante em todo lugar, as constantes biológicas do corpo, a supervisão dos alimentos, do que entra e do que sai... toda essa economia se apresenta não apenas como clivada

pela marcha dos significantes, mas também ditando-lhes sua lei. É o número que comanda. O resto do propósito parece apenas comentário e, no sentido forte, não causa discurso. É também evidente por isso, aliás, sobre os imperativos que se chama “econômicos”: tudo parece guiado unicamente por questões de déficit e de reembolso de dívida insaciável. Não é possível, pretender-se-ia, opor-se frontalmente à prevalência do número; denunciá-lo como absurdo ou tirânico não serve para nada. A saída a mais usada de novo, condizente com a inspiração de Lacan, é pela poesia literal. O gosto pelas pequenas palavras, jogos de palavras, músicas pequeninas da língua para fazer escutar simplesmente esse outro lado que está ali, alguma parte colocada de lado, é também restituir sua presença e sua função.

Em seus últimos seminários, entretanto topológicos, Lacan prevenia do risco de uma psicanálise que se despoetiza. Encontra-se exemplos disso nos capítulos VIII, IX e X de “L’insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre”: “a poesia se canta...” Lacan insiste sobre o papel fundamental da poesia na interpretação: “todo discurso tem um efeito de sugestão... O dizer imperativo dá sono... A poesia faz soar outra coisa que o sentido...”; “A poesia tem corpo”. Lacan fala, nesse momento aí, do manejo e do final da análise. Nós usamos muito com a criança de obras de poesia acessíveis como *Paroles* de Jacques Prévert. Estamos admirados da maneira com que a criança, mesmo pequena, vai escutar *A pesca da baleia*, a pequenina

passagem que farei repetir duas vezes: “Mas vejam Prosper que se levanta, / Olhando seu pai no branco dos olhos, / Azuis como aqueles da baleia de olhos azuis”. Sobretudo quando nós o colocamos em ligação com o episódio no qual Teseu vê o olhar do Minotauro e adivinha, no monstro, a criança abandonada que ele tinha sido.

O aspecto poético da língua é uma prática ativa da transferência. Ela é muito útil também nos encontros com os adolescentes para contrapor o famoso “preto é preto, não há mais esperança”<sup>73</sup>. Temos lembrança de inúmeros encontros do que se chama as escarificações, sobretudo nos jovens adolescentes, isoladas ou epidêmicas. A fatura é frequentemente a mesma: roupa sombria, alma sombria, propósitos negros: “é preciso que isso sangue, eu não sei porquê”. Não é possível, também, pedir um comentário discursivo sobre uma pulsionalidade hemorrágica. Em compensação, toda observação aparentemente deslocada para um gosto, uma cor, uma canção, pode ter um efeito surpreendente rapidamente no acompanhamento. Assim, determinado jovem adolescente, preocupante por suas mutilações, chega um dia com um pequenino traço amarelo nos cabelos que eu noto e que eu sublinho. Esse pequeno traço colorido que se amplificará em nuances coloridas bastará para restituir uma música mais brilhante em sua vida. É por isso que nós sempre nos insurgimos a que se faça desse

---

<sup>73</sup> Estrofe de música popular muito tocada nos anos 60. N.R.

sintoma uma doença: como para patologias bem diferentes, da criança, é ainda a famosa nosografia americana que nomeia à força o que é apenas um sintoma em doença. Em nossa experiência, esses casos são sempre trabalháveis até o ponto de dissolução do sintoma. Como o diz Lacan no mesmo seminário: se o sintoma é real, é que ele conserva um sentido no real, ele é portanto redutível.

Todos esses relatos de análise parecem-nos suficientemente monstrativos do que poderíamos nomear “relance pela poética do desejo”.

### *O relance pela poética do desejo*

Quer seja ela ou seja ele adepto da corrida e do consumo dos sites de encontros, o sujeito permanecerá entretanto sensível a um pequeno buquê, a um pedido de atenção inabitual, a um restaurante escolhido, a uma noitada preparada... Apenas o casual esquecido. No acompanhamento cotidiano, devemos confessar que acontece-nos frequentemente dar claramente uma pequena indicação dessa ordem. Esse lembrete que pode parecer quase besta, tão simples, tem contudo um efeito de significação que é o de lembrar que é preciso, de tempos em tempos, fazer apelo e signo do desejo. É notável que o mais difícil para os jovens não está sempre no primeiro encontro, a efetividade da sexualidade que é reclamada no início, mas sobretudo no que vai se seguir, eles não sabem de que falar. Isso



pode parecer paradoxal, mas eles devem reinventar o tecido intersticial que precedia, nas épocas clássicas, a troca amorosa no ponto que alguns ou algumas declaram cansar-se, antes mesmo de se conhecer verdadeiramente, e aí ainda devo confessar minha insistência: “você não pode convidá-lo ainda, mais uma vez, para falar?” Em muitos casos isso basta para relançar a máquina do desejo.

Nas pulsionalidades dispersivas que temos descrito, e nos aparentes encontros múltiplos, o apelo a uma posição moral será sempre um fracasso, e aliás não se vê por que a psicanálise defenderia enquanto tal a concepção burguesa do amor. E portanto, seguindo o fio laciano, tentaremos antes encontrar dentre os significantes propostos pelo sujeito no relato de suas aventuras, aquele que vai justamente soar de outro modo: tal prenome que será dito diferentemente do habitual, tal pequenino rubor das bochechas no momento de uma alusão, tal cor estendida nas séries aparentemente estereotipadas... Há sempre uma noitada, um dia, um fim de semana que saiu do cotidiano, porque alguém disse naquele dia alguma coisa que tocou o inconsciente de uma maneira singular. Como na análise com a criança pequena, é preciso estar atento a essas passagens, porque senão elas não se reproduzem mais.

“Qual nome você disse? Por que aquele deteve sua atenção, parece que você se emocionou? Ele disse o quê? Parece que você se lembra mais disso, na sua mente, por que?” É portanto a busca de

uma forma do corte que é frequentemente seguida por um silêncio. Depois, na sessão seguinte, um retorno sobre o encontro.

A proposta da psicanálise a respeito do amor e do desejo não deve levar um jovem para o desengajamento e o cinismo. Freud e Lacan têm desvelado regularmente as molas da palavra *amor* como defesa variada, idealização, e outras vicissitudes, indicando que sua escolha recaía antes sobre a questão da palavra *desejo* como a sublinhou Lacan. Seu aforisma bem conhecido, “não há relação sexual”, que conta que é em vão querer escrever o que faz a reunião de dois seres, porque o objeto que os motiva escapa sempre a essa tentativa de unificação, esse aforisma não deve absolutamente ser entendido como um apelo para desertar do terreno do encontro com o outro, até mesmo deveria motivar a restabelecer o desafio. Paradoxalmente, estamos antes surpresos pela inibição frequentemente trazida pelos jovens diante da declaração de amor; eles não sabem sempre se eles amam, se eles já foram apaixonados.

### *Na criança: o imaginário narrativo*

Nos exemplos que temos dado das crianças, por razões de doutrina que temos evocado, raramente retomamos as coisas diretamente a partir de uma ordem simbólica enfraquecida, nem forçando-a pelo lado do Nome-do-Pai, nem sequer exigindo pelo lado da ordem fálica. Temos frequentemente escolhido dar toda

importância ao imaginário como meio, como o propõe Lacan a partir de sua triplicidade borromeana, e velamos particularmente para restituir à criança o que nós chamamos um “imaginário narrativo”, que enoda no lugar onde ele está regularmente pendurado a um imaginário que cola aos pequenos objetos da modernidade.

O imaginário frequentemente desacreditado na *doxa* analítica é, na mitologia, um imaginário que enoda, como o anel que faz sustentar elementos juntos. Essa disposição do imaginário deve ser sublinhada numa época em que esse último toma acima de tudo uma coloração dissolvente pelo deslizamento no registro do virtual ou do neo-real. Está aí um mulher, um homem transformado cirurgicamente em mulher; aí está um cérebro, um computador conectado a um cérebro humano... A nudez de Noé embriagado está coberta por seu filho Sem, que se aproxima dele de costas para não vê-lo assim. Sem evita, diz o Midrash, com a túnica de Adão – mas o velamento dirige-se aqui ao outro, e ele devolve a dignidade do nome, pai. É aliás essa interpretação que os célebres vitrais da catedral de Chartres privilegiam, que não mostram o episódio da embriaguez vergonhosa de Noé. O patriarca é simplesmente representado bebendo uma taça que o serviçal acabou de servir. Curiosamente, o episódio da aliança de Deus com Noé intervém, no conjunto dos painéis, depois daquele da parreira, e não antes como diz o texto da Gênese. O imaginário narrativo faz-se aqui interpretação teológica: a inversão da lógica do texto bíblico elimina

a falta de Noé, apaga deboche e pecados em proveito da aliança. Outro enodamento portanto, guiado pelo amor cristão, em imagens que não são senão escrita para os *illiterati*: os subtítulos e a erudição necessária circundam ainda leituras possíveis.

A crueza atual, a monstração, a colocação às claras dos afetos e de misérias cotidianas tornam-nos menos disponíveis aos grandes mistérios. Entretanto, os mitos, contos e lendas têm o interesse de trazer de volta o sujeito a um ponto de origem. E esse drama original é, para o inconsciente, a maneira de velar a cena dita primitiva, a copulação fantasmática – será ela vista, será ela esperada?

Retomemos o exemplo dessa síndrome da qual se quis fazer uma doença, as automutilações. O imaginário aqui convocado é um imaginário que cola ao real. O corpo abraça, numa pura automaticidade, a vertente desimbolizada do discurso sobre a experimentação. Experiência de embriaguez, de drogas, de efração dos limites... É doravante comum receber meninas bem jovens, às vezes de doze ou treze anos, multiplicando as passagens ao ato. Se nossa tese tem alguma pertinência, nós mudaríamos assim de imaginário – no sentido em que aquele, desses jovens pacientes, não recepta mais a capacidade de fazer jorrar nele mesmo a triplicidade que Lacan desdobra ao longo de sua obra. O imaginário que cola presta-se às replicações, à estrutura em eco que o filme culto *Matrix* presentifica. É o imaginário tramado pela potência infinita de uma inteligência artificial que pode calcular tudo como produzir tudo –

ao preço de foracluir a questão do começo. Mas nenhuma cena a velar.

Lacan podia tardiamente, em seu seminário, inquietar-se com o fato de que a dimensão do imaginário não “se esfolia”, se desprende folha por folha. Ele se indagava por exemplo o que a subjetividade tinha ganho ao substituir o mito de Adão e Eva pela teoria da evolução. Não vemos aí o argumento para defender os fundamentalistas religiosos que recuperam o vigor na América. A ciência não pode substituir os grandes escritos, os mistérios, as lendas e os contos sem tocar nas ligações entre o significante e o gozo.

Nós daremos conta posteriormente do estabelecimento de um ateliê em nossa unidade que nós intitulamos “Do mito ao logos”. Nós compramos para a unidade obras muito bem escritas, destinadas às crianças, sobre os grandes mitos gregos. Nós reunimos, ao longo de toda uma tarde, em pequenos grupos durante uma hora, crianças, quaisquer que sejam sua faixa de idade, sua origem social ou cultural, e sobretudo qualquer que seja sua patologia, integrando portanto crianças do exílio, em torno da leitura de uma passagem de um relato mítico. É sempre uma ou outra criança que lê, sendo ajudada eventualmente por seus camaradas, e nós nos contentamos em fazer repetir – por razões que tocam no funcionamento do inconsciente – certas passagens cruciais. É preciso sempre escutar duas vezes porque é coisa demais a escutar. As crianças vão

comentar livremente, questionar e regularmente, por pedido delas, desenhar em torno do mito solicitado. Nós retomamos, na semana seguinte, do ponto onde deixamos o mito, com isso de surpreendente: que a estrutura do próprio mito não necessita nunca de uma leitura completa – apenas uma pequena passagem valerá pela totalidade, assim como na poesia.

*Incansavelmente refazer surgir a dimensão do sintoma*

O universo dos serviços para crianças está invadido pelos “distúrbios” de todo tipo: depois dos tão famosos distúrbios da atenção, há todos os “dis”: disfasia, dispraxia, discalculia... Evidentemente todos os distúrbios da aprendizagem. Por alguns lados, tudo isso não é senão extensão do domínio da cifra: será pedido boletins colocados em relatos com as normas cifradas. Nossa posição ética é simples em teoria, mas nos é preciso ser vigilantes permanentemente para sustentá-la: tentaremos sempre trazer o distúrbio ao patamar do sintoma no sentido nobre, quer dizer de uma escrita que procura dizer alguma coisa em seu não sabido pelo corpo ou pelo pensamento. É muito interessante viver num serviço como um CMPP uma vez que aí operam atividades variadas, algumas ditas de “reeducação”, como a fonoaudiologia ou a psicomotricidade, outras sobre uma vertente diretamente psicológica. Inconsciente e cognição se misturam permanentemente. “Workshops pedagógicos”

ajudarão a criança em seu universo de aprendizagem, mas estará sempre, no primeiro plano, recebido de um modo psicoterapêutico.

Essa leitura pelo sintoma, ainda é evidente numa época não tão distante, é-nos preciso hoje reconquistá-la pois as mensagens sociais vão ao encontro do respeito do inconsciente da criança. Mais do que com o adulto, será preciso regularmente trazer formas de complementos ou de pequenas construções por ocasião dos acompanhamentos de crianças: interrogações sobre seus pais, ou filiação, o que elas puderam entrever dos desejos ou ao contrário dos desamores ambientais. A intervenção do psicanalista clínico é necessária, não basta esperar. Nós estamos longe, nos damos conta, das formas de interpretação à la Melanie Klein, que propunha, com toda a surpresa que isso possa nos proporcionar ainda, lições sobre a sexualidade a céu aberto. O que pensar disso então? Será que nós nos tornamos puritanos demais? Não é seguro que nós possamos hoje intervir como os pioneiros da psicanálise, pelo menos justamente por essa razão, de que todas as palavras da psicanálise têm sido digeridas pela cultura ambiente e que nos é preciso encontrar um frescor sobre os mesmos temas de outras maneiras. Nunca deixar de lado a sexualidade infantil, sem brutalizar a criança – como já o será bastante pelas mídias ambientais. Tudo isso resta ainda a se descrever cuidadosamente e nós nos apercebemos que em muitas unidades os clínicos procuram trazer novamente dignidade ao sintoma.

## *Prescrição direta sobre o gozo*

Aconteceu-nos frequentemente em nossas responsabilidades de psiquiatra de dar ordens a determinados pacientes psicóticos, em particular para lhes interditar um certo número de ações precisas que podiam entrar no quadro da perseguição ou da paixão de um objeto eleito: “eu lhe interdito de entrar em contato ou de escrever para fulano ou cicrano”, “Não chame seu patrão”, “deixe suas crianças de lado”, etc. São prescrições diretas, no real, que tentam fixar um impossível. Curiosamente, a transferência faz frequentemente sustentar esse tipo de ordem. O psicótico resiste mal à transferência como o lembra frequentemente nosso mestre Marcel Czermak.

Da mesma maneira, nós não tomamos nunca o jovem em análise sem que ele tenha concordado em ceder em algumas semanas a continuar nas adições, ainda que sejam modestas, da qual ele narra a existência. “Quero vê-lo em bom estado a partir de amanhã, quero noites em que os sonhos venham, dou-lhe três ou quatro semanas para parar”. Falo aí das adições que se tornaram a norma em nossos jovens e não das grandes toxicomanias. Em nossa experiência, essa injunção funciona, pois o gozo cedido é posto ao serviço de uma ambição mais elevada. Gozo Outro? Não é certo.

Formas de prescrição direta podem ser igualmente requisitadas nas esferas bastante delicadas que tocam nos problemas alimentares em particular, mas que passam sobretudo pela ajuda de



colegas médicos mais qualificados. Entretanto, a borda do impossível está fixada. “Vocês não podem ir aquém de um certo patamar.” Na criança, é quase divertido assinalar: nós nunca recebemos a criança antes que ela tenha tirado seu chiclete, seu pirulito, que ela tenha colocado seu peão ou seu celular, ou qualquer outro objeto que nós não chamaremos mais transicional, mas colante. A criança se presta habitualmente muito gentilmente a essas interdições formais, mas ela reencontrará os ditos objetos assim que passa a porta do consultório... Da mesma maneira, em nossa unidade, temos ficado regularmente surpresos pela maneira com que nossos colegas psicoterapeutas ordenavam, às mães em particular, para parar de dormir com suas crianças no mesmo leito, por motivos que se imagina (medo da separação, pesadelos, etc.). Aí, também, a ordem é definitiva e é preciso sustentá-la, é uma prescrição: “eu lhe ordeno...”. Engraçado: aconteceu-nos regularmente de cuidar de uma enurese sob prescrição: “eu lhe dou até o verão”...

### *As pontuações do inconsciente*

Por que parece sempre tão difícil explicar a dimensão da letra tão cara a Lacan? Ela é por um certo lado evidente em todos os fragmentos do significante, tanto nos lapsos como nos sonhos, mas talvez isso não seja para o nosso propósito o mais importante. Há uma outra ordem da literalidade que nós entrevemos por essas

questões de *degrafage*<sup>74</sup>, o que é chamado classicamente pontuação. Nós a esquecemos falando, nós não podemos esquecê-lo escrevendo: a menor enunciação é pontuada. Senão seria uma fita contínua. No exemplo preciso do “bof”, depois de um primeiro encontro aparentemente promissor, apenas a pontuação poderia permitir compreender a significação disso e a sequência. Se eu coloco “bof!”, compreende-se facilmente que era simpático, mas penoso demais por outros aspectos não relatados. Se eu escrevo “bof?”, compreende-se que o sujeito permanece em um entre dois; ele se interroga sobre sua vontade de prosseguir. Se eu coloco “bof (...)”, compreende-se que o sujeito avalia esse encontro no seio de uma série: “sim, era como um outro, um a mais”. Se eu coloco “bof.”, compreende-se que terminou e que ele fez interrupção, não falará mais disso etc. O que é apaixonante, é que hoje nós não sabemos mais como escutar o “bof”<sup>75</sup>. Temos a ver com um significante que não é mais religado a uma escanção que o funda, se bem que cabe ao clínico acompanhar ou forçar essa dimensão para exigir uma sequência mínima, mesmo que sejam os pontos de suspensão para a sessão seguinte, “você me falará disso”.

---

<sup>74</sup> No original, *dégraphage* – a grafia com ph e a elaboração a seguir apontam para a articulação com o grafo (*graphie*) do desejo. Aponta à separação, ao corte das linhas, ao desprendimento ou ao manejo dos conectores lógicos presentes no grafo, convocados através da alteração da pontuação nas frases.

<sup>75</sup> *Bof* é uma interjeição que explicita uma indiferença, uma incerteza. (NT)

Todas essas escritas fazem parte da literalidade do inconsciente. Elas estão ao mesmo tempo na gramática da pulsão, na escrita do fantasma, e no traço de identificação. Escuta-se no sopro ou na lentificação de uma palavra, em um olhar que escapa, nos parênteses da escrita fantasmática, na janela, nas cenas que recobrem a cena, em todo pequeno traço que vale pela completude como o precisa Freud para a identificação, uma letra bem pequena para narrar todo um destino. Ainda que nos pareça que permanecemos também fiéis a Lacan, por alguns lados, em nossa acepção do tratamento técnico de uma borda precisa da letra, que se tornou absolutamente necessária na clínica que tentamos descrever. Reunir a literalidade em torno de uma escanção é uma maneira de religar; ela não pede nem interpretação maciça, nem construção, simplesmente ao indagar: “é um ponto ou ponto e vírgula?” e o inconsciente se reordena.

*Sempre o fio do fantasma: do mal-estar na civilização  
ao grafo do desejo*

Mal-estar atual na civilização

Nós mesmos recalamos a virulência de Freud em seu famoso texto sobre o mal-estar. Abrimos o comentário sobre a sexualidade: “A escolha do objeto do indivíduo sexualmente

amadurecido é restrita ao sexo oposto, a maior parte das satisfações outras que genitais são proscritas como perversas. A exigência, manifestada nesses interditos, de uma vida sexual de natureza idêntica para todos quer ignorar as desigualdades na constituição sexual inata e adquirida dos seres humanos. Ela priva do prazer sexual um bom número dentre eles e torna-se assim a fonte de uma injustiça grave.” Comunismo libertário de Freud? “A cada um segundo suas necessidades” como diz a célebre divisa... “O fruto dessas medidas restritivas poderia certamente ser que, para aqueles que são normais, que não são impedidos por sua constituição, todo interesse sexual se verte sem desperdício para os canais deixados abertos. Mas o que escapa na infâmia, o amor heterossexual genital, é ainda lesado pelas limitações da legitimidade e da monogamia...” Crítica em regra surpreendente da vida conjugal habitual e da vida burguesa. Sabemos que Freud sempre se queixou para ele mesmo de uma certa limitação de sua vida erótica, certos historiadores – ou certas – divagaram sobre sua famosa cunhada sob o pretexto de que eles partilhavam viagens a dois... Entretanto, é bastante surpreendente ver Freud fazer uma crítica franca às regras morais da família dita burguesa.

“A civilização atual deixa claro que só permite os relacionamentos sexuais na base de um vínculo único e indissolúvel entre um só homem com uma só mulher, e que não é de seu agrado a sexualidade como fonte de prazer por si própria, só se achando

preparada para tolerá-la, porque, até o presente, para ela não existe substituto como meio de propagação da raça humana<sup>76</sup>”. Começamos a entender melhor a fonte do famoso “não há relação sexual” lacaniano: não há verdadeiramente relação no sentido pleno entre um homem e uma mulher porque não há discurso que o autorize.

“Naturalmente, isso configura um quadro extremado. Todos sabem que ele se tornou inexequível, mesmo por períodos muito breves. Apenas os fracos se submeteram a uma usurpação tão ampla de sua liberdade sexual, e as naturezas mais fortes só o fizeram mediante uma condição compensatória, que será posteriormente mencionada. A sociedade civilizada viu-se obrigada a silenciar sobre muitas transgressões que, segundo seus próprios princípios, deveria ser punido. Mas, por outro lado, não devemos errar, supondo que, por não alcançar todos os seus objetivos, uma atitude desse tipo por parte da sociedade seja inteiramente inócua. A vida sexual do homem civilizado encontra-se, não obstante, severamente prejudicada<sup>77</sup>...”

É preciso ler e reler a sanção que Freud fornece do mal-estar: “... dá, às vezes a impressão de estar em processo de involução enquanto função, tal como parece acontecer com nossos dentes e cabelos.” Freud é aí de uma crueldade e de uma causticidade que se

---

<sup>76</sup> Freud, S. *O Mal-estar na civilização* p.125.

<sup>77</sup> *Ibid.*

preferiria esquecer. Sua observação sobre os poderosos não é mais oportuna no momento em que tantas coisas são divulgadas sobre os escândalos tocando os assédios em nossas sociedades.

“Provavelmente justifica-se supor que sua importância enquanto fonte de sentimentos de felicidade, e portanto, no cumprimento de nosso objetivo na vida, tem diminuído sensivelmente. Às vezes, somos levados a pensar que não se trata apenas da pressão da civilização, mas de algo da natureza da própria função que nos nega a satisfação plena e nos incita a outros caminhos. Isso pode estar errado; é difícil decidir<sup>78</sup>”.

Nós destacamos a nota em que Freud, entusiasta, remete à obra de Galsworthy, *Sous le pommier em fleurs*: “Dentre as obras de J. Galsworthy, fino psicólogo que goza hoje de um reconhecimento universal, apreciado por mim desde bem cedo em um relato intitulado *The Apple-Tree* (A Macieira), prova de maneira impressionante como, na vida atual do homem civilizado, o amor natural de dois seres humanos não tem mais lugar<sup>79</sup>”. Aí ainda nós encontramos um novo anúncio do “não há relação sexual”.

Onde estamos nós, hoje, em relação à repressão tão narrada por Freud? É preciso aliás colocar em relação com o outro texto também certamente duro “A moral sexual civilizada”. Nós temos acreditado poder trazer – apoiando-nos de passagem sobre o

---

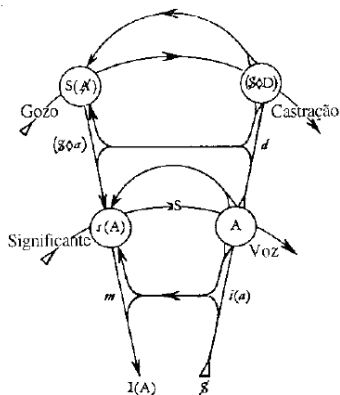
<sup>78</sup> *Ibid.*

<sup>79</sup> *Ibid.* em nota de rodapé, p. 126,

esquema da sexuação – uma certa divisão das respostas modernas a essa questão. Do lado masculino pela oferta redobrada frequente desde à infância sobre um imaginário sexual muito cru, que vai fazer obstáculo mais tarde à sensibilidade que deve acompanhar o ato amoroso, ou então, ao inverso, mas isso parece se encontrar regularmente, numa forma de assexualidade, de escanteamento do sexual que não é ideológica, mas prática, endossada enquanto tal. Nós não temos encontrado do lado feminino o simétrico do que descrevemos aí, e mesmo a utilização dos aplicativos facilitadores não são de um uso exatamente idêntico, ainda que em nossa prática, nós tenhamos regularmente interditado no sentido próprio aos pacientes homens algumas utilizações de tal ou tal aplicativo ou *site*, o que nunca nos aconteceu com relação a uma paciente. É um efeito do famoso *não-toda* que nós comentamos anteriormente, seria a mesma técnica aparente: uma mulher não será ela toda subjugada? Um sociólogo ou um especialista da história dos costumes nos diria de saída que a vida sexual não está mais, absolutamente, no mesmo patamar que o que Freud descrevia na Viena da época e que, afinal, cada um pode fazer sua feira como pretende. É talvez sobre esse ponto que a psicanálise poderia fazer objeção tentando trazer o quanto as “práticas sexuais novas” não têm mais facilitado as relações combinadas entre o amor e o desejo. Nós nos apoiamos em nossa orientação clínica sobre o famoso grafo do desejo de Lacan, que esse último apresenta uma primeira vez no seminário *As*

*formações do inconsciente* e que ele guardará ao longo de todo o seu trabalho, considerando que ele permanecia uma boa matriz.

### A “desgrafagem” do grafo do desejo



Esse grafo de Lacan coloca cuidadosamente em relação toda uma série de etapas e de fundamentos do inconsciente e que são aqueles revelados por Freud: há o estabelecimento da imagem e do eu, as vicissitudes da pulsão, a primazia do fantasma, o lugar do ideal e da simbolização, etc. As etapas não são cronológicas mas lógicas, não é um esquema desenvolvimentista. O grafo do desejo é já topológico, quer dizer que cada ponto do grafo está religado de maneira dialética a vários outros concomitantemente. É por preguiça que nós tratamos de uma questão separadamente. Mas o importante a que Lacan acede em seu próprio esquema, é que ele permite pensar na prática analítica as relações complexas entre demanda e desejo,



amor e desejo, plano das identificações e plano dos imaginários, etc. Não é simplesmente uma descrição do vivente, é uma verdadeira entrada nas operações psíquicas e nas escanções de leitura da própria sessão. Como tínhamos proposto por ocasião de um trabalho de seminário público, a clínica contemporânea se apresenta frequentemente com motivos que são aqueles que temos nomeado de “desgrafagem” desse famoso grafo, quer dizer, que cada um dos pontos está exatamente aí em algum lugar, mas que nós não conseguimos mais tornar legíveis suas conexões. É esse caráter massivo que explica de passagem a substituição escandalosa do termo de *sintoma* por aquele de *distúrbio*, mas que não faz senão acompanhar a dificuldade à sua maneira. Pois o sujeito se defende no sentido em que nós quisemos lê-lo das psiconeuroses de defesa de um tal esartejamento, de um rasgo tornado ilegível.

Assim, a agitação da criancinha é verdadeira, ela não é contestável, uma vez que justamente ela não sabe mais nomear o que a fere e o sintoma; devemos reencontrar isso no caminhada com ela. A agitação psicomotora desordenada insistirá também por muito tempo enquanto os diferentes estágios do grafo postos em pontilhado não forem mais ligados. Isso dá ideia do trabalho intersticial permanente de uma análise junto à criança, como junto ao adulto, que é portanto uma maneira de resuturar partes aparentemente espaças, como uma frase cujas palavras estariam exageradamente afastadas, como uma palavra cujas letras estariam disjuntas. Seria

preciso encontrar um termo para dizer nosso trabalho de re-grafagem que é portanto a maneira com que, no tratamento, nós velamos para recolocar em ligação todos esses pontos topológicos do desejo e que é a condição *sine qua non* para não escrever a relação entre amor e desejo, mas que ao menos sua relação recíproca e conflituosa possa se ler. É por isso que, como nós dissemos nos pequenos exemplos clínicos, uma determinada jovem mulher não poderá jamais falar com precisão qual sentimento amoroso ela tem tido verdadeiramente, enquanto que os encontros podem ser descritos detalhadamente pelos fatos, ao passo que tal homem poderá sempre declarar “bof” depois de uma primeira noitada sem sequer saber sobre qual impossível essa negação surgiu. Poder-se-ia chamar “clivagem generalizada” essa desgrafagem usual do esquema de Lacan, poder-se-ia no máximo evocar pontos forclusivos, não forçosamente aqueles induzidos na psicose, mas buracos sem borda nos caminhos que levam de um ponto do grafo ao outro. É tecnicamente nesses lugares que o analista deve estar bem vigilante, na borda de cada renúncia sem explicação, de cada interrupção literal sem outra significação: retomar o fio a fio, propor uma questão mais que uma interpretação.

Tradução: Letícia P. Fonsêca

## CONCLUSÃO

Temos desejado concentrar nosso ensaio sobre a pertinência da escrita do fantasma para a psicanálise e suas declinações na modernidade, até interrogar suas eventuais consequências nas questões ditas femininas. Temos explicado porque fazíamos questão de conservar o termo neurose, ao qual temos tentado acrescentar um qualificativo provisório; os fundamentos freudianos permanecem para nós no coração de nossa prática, mas é-nos preciso inventar as ocorrências de hoje. O risco para a psicanálise é de deixar questões inacabadas ao cuidado de outras ciências humanas: a sociologia, a história, a antropologia... Não que essas disciplinas não tenham trazido contribuições necessárias, mas elas não mergulham na prática cotidiana de um psicanalista e no encontro com pacientes crianças e adultos.

O defeito que pode surpreender – que temos tentado amenizar com pequenos relatos de acompanhamentos – é a ausência de documentos, pelos psicanalistas, dos fatos clínicos os mais simples. Estamos muito distanciados da convivialidade dos pioneiros que discutiam em pequeno comitê sintomas da sexualidade e da significação dos sonhos. Como se nós não pudéssemos mais estabelecer, juntos, o que é um fato clínico molecular. Nossos colóquios e jornadas dissertam frequentemente sobre as grandes

mudanças sociais sem dar mais relevo à psicopatologia da vida cotidiana. Pensamos que esse afastamento é prejudicial à disciplina, que é preciso remediar, retomar o gosto pela discussão e pela *disputatio* entre psicanalistas práticos. É apenas a partir de um certo número de elementos de observação no sentido clássico que podemos estatuir sobre proposições que nos chegam massivamente de todos os lados para exigir uma renovação de certos axiomas de fundação concernentes à nossa leitura do que é homem e do que é mulher, do que é desejo humano, do que é sexualidade. O que nos apareceu no caminho, retomando a escrita do fantasma, aparentemente fixado no mármore desde “bate-se numa criança”, é que são justamente as declinações no tecido de nossa modernidade que nos é preciso analisar. Sem nos proteger de certos adágios lacanianos que, o tempo passando, fazem evidência falsa. Lacan preveniu sobre o declínio do Nome-do-Pai, estimando-se ele entretanto nostálgico ante o dito patriarcado? Não é seguro.

Um jovem, uma jovem, deve saber que um psicanalista é capaz de escutar e de interrogar as questões de entrada na sexualidade. A psicanálise não é um catálogo de sexologia, mas ela não é sem recurso diante da leitura dos sintomas das inibições que são moeda corrente hoje como outrora. É nesse lugar que nós escolhemos propor uma presença que não é redutível a discursos sociais ou ideológicos. Não se trata por exemplo de viver permanentemente a oposição entre a questão do gênero e da

identidade sexual, mesmo se essa distância nos alimenta. Os psicanalistas permanecem com questões humanas eminentemente simples. Como se sabe que se ama? Que se amou? Por que um desejo permanece insaciado ou parece ao contrário saturado? Por que a dimensão da falta permanece nossa bússola em um universo onde os objetos proliferam? A psicanálise deve permanecer no estágio humano, ela não navega nos astros conceituais, ela não tem a carga de uma concepção por demais generalista do mundo. Nossa fidelidade a Freud é garantida e temos indicado o quanto certas aspirações de Lacan nos sobrecarregam, porém aí também precisamos não fetichizar seu dizer. “Gozo Outro” merece ser um pouco comentado e equivocado como aliás todos os elevados significantes e os matemas lacanianos.

Há uma preocupação que nos damos como tarefa esclarecer aos poucos, que é a distinção frequentemente relatada pelos pacientes, porém mais frequentemente por pacientes do sexo feminino, entre o não-toda e a totalidade. Para dizer de forma mais simples, é frequente constatar que um sujeito não está por inteiro no encontro, quer seja um encontro amistoso, amoroso, de trabalho, analítico. Como se uma parte dele mesmo estivesse já alhures ou, ao mesmo tempo, em um lugar outro desmultiplicado no tempo como no espaço. Certos sociólogos contam bem essa aceleração do tempo psíquico. Essa não totalidade não é divisão do sujeito nem também não-todo laciano, é outra coisa que faz aqui sintoma. É alguma

coisa que se recebe bem fortemente transferencialmente, como elemento dissolvente da presença comum. Esse fato que nos parece frequentemente notável ou narrado seguramente não está em relação com nossa hipertecnicidade da comunicação. Podemos, através da tela, estar ao mesmo tempo a dialogar com os quatro cantos do mundo, aparentemente portanto presente a tudo. É até uma ginástica muito apreciada. Alguns colegas antecipam o fato de que, como na medicina, poder-se-ia facilmente dispensar o consultório. Na criança, o impacto das telas, desde a mais tenra idade, sobre o psiquismo começa a ser bem identificado com uma fluidez dos mundos fazendo desaparecer o imaginário sob o virtual e fazendo provavelmente desenodar a dimensão fantasmática que é o fio de nossa obra. Donde o recurso em seguida às adições bem conhecidas como suplência, mas nossa observação vale igualmente para presenças íntimas, os mais próximos, que alguém esteja aqui e não realmente aqui é frequentemente indistinguível. Diríamos que é uma curiosidade de nossa época.

### *Do não-toda ao não-todo traumático*

Temos deixado de lado desafios de grande envergadura que não se deixam unicamente agarrar por essa janela fantasmática e dos quais nós demos o anúncio no início da obra. Pensamos em particular numa clínica que tem solicitado imensamente nossa unidade já há

alguns anos, que é aquela desajeitadamente chamada “clínica dos migrantes”, o que não é muito bonito de escutar e que preferimos nomear “clínica do exílio”. Para nós é preciso partir do fato clínico: os sujeitos pequeninos do exílio, hoje, são os mesmos que aqueles de outrora? Os italianinhos, os portuguesezinhas, os judeuzinhos “polacos”... em alguns aspectos, é claro, partilham alguma coisa. Entretanto, eu sustentaria que atualmente as famílias que nos vêm do fim do mundo não são exatamente do mesmo feitio e não colocam exatamente as mesmas dificuldades para os colegas que os recebem. É uma clínica no sentido completamente novo, sobre fundo clássico. Dois pequenos exemplos recentes podem nos esclarecer: uma família vinda de Halep que transitou cinco anos pela Argélia, depois no Marrocos, Espanha, antes de sua chegada à França. Eu acreditava ingenuamente que os sírios fossem melhor recebidos na França que as outras categorias de refugiados, mas eles permaneceram na rua durante meses com quatro crianças, das quais um lactente. Outro exemplo bem recente: um pai que fez a escolha de deixar a Costa do Marfim com suas duas filhinhas para protegê-las do ritual, frequente nesse país, da excisão. Recusando a lei da tradição, ele estava ameaçado de morte naquele lugar. Foi preciso dar conta do preço psíquico de um tal exílio. Precisaria se especificar essa clínica. É o que se poderia chamar uma clínica da vergonha e não da culpabilidade. Mas não a vergonha no sentido em que se entende

habitualmente: é uma vergonha do Outro, uma vergonha ética, uma vergonha trágica.

Há muitos intelectuais que têm contado essa história do exílio e das questões éticas que isso traz (Heri de Luca e Patrick Chamoiseau principalmente). O jornal *Le Monde* tinha exumado um texto magnífico de Derrida de 1996, uma declaração no teatro *Des Amandiers* numa noite de solidariedade com os sem documentos. O título é magnífico: “O que se torna um país quando a hospitalidade pode ser, aos olhos da lei, um crime?” Eis aqui uma curta passagem: “no ano passado, lembro-me de um dia infeliz: eu tive a respiração ofegante, na verdade como um enjoo, quando escutei pela primeira vez, mal compreendendo, a expressão – “delito de hospitalidade”. De fato, eu não sei seguramente se teria escutado porque eu me pergunto se alguém, algum dia pôde pronunciá-lo e tomar em sua boca essa expressão venenosa. Não, eu não a escutei e mal posso repeti-la. Eu a li sem voz em um texto oficial. [...] Somos cada vez mais numerosos a sufocar e a ter vergonha de habitar assim.” Encontra-se nesse texto de Derrida essa vergonha trágica, não totalmente por si mesmo, mas a vergonha daquilo que o Outro nos inflige.



## *O todo-traumático?*

Uma questão nos veio nesse caminho, eu diria, uma forma de lassidão do todo-traumático. Recebe-se uma grande quantidade de crianças e de famílias sob o vocábulo do *traumatismo*. Veio-nos uma lassidão quanto à utilização da grade unívoca do traumático ou do que os americanos chamam a síndrome pós-traumática. Estaria ela nos traumatismos graves, como a criança vai fazer por não ver seu fantasma totalmente desfeito? É a questão que me parece de urgência. Porém é o caso: essas crianças de quatro, cinco anos, nós as seguimos um ou dois anos e elas re-enodam a vida fantasmática. As cenas freudianas não são dissipadas, mas elas têm sido simplesmente colocadas prá baixo, *unterdrückt*. A sexualidade infantil está aí, é claro. Há um trabalho psíquico maior a ser feito para não estar sob o jugo permanente das querelas contínuas sobre o traumatismo, ao passo que nossa intervenção principal, é trabalhar sobre a defecção fantasmática. É a urgência da urgência com as crianças.

Em trajetos como esses, há muitos lutos. São crianças enlutadas: luto do pai frequentemente, luto do país, luto da língua, luto da idealização da recepção quando eles chegam em nossa terra. Não são apenas traumas, é também o que Freud chama lutos. É preciso retomar *Luto e Melancolia*. Há uma psicopatologia do luto que é uma experiência humana que produz saber, com a condição

que nós acompanhemos o saber. Com essas crianças, nós trabalhamos muito sobre essas questões do enlutamento. Chamamos isso, de maneira sucinta, o encaixe dos traumas e dos lutos. São questões não simplesmente de psiquiatria ou de psicanálise, mas são questões do saber humano, do relato de pequeninos que têm estado na beira do precipício, que sabem o que é uma perda, que sabem melhor do que nós a distinção entre a falta e a perda, e que têm muitos saberes encaixados que é preciso que nós recolhamos.

Assim, contrariamente ao que se crê, as respostas técnicas, práticas, são variadas no campo do exílio. A especialização no transcultural por exemplo, e essas unidades de prestígio como a Maison de Solenn, é uma forma de resposta. As unidades muito especializadas sobre o traumatismo, como Primo Levi, são um outro exemplo. Em nosso serviço, escolhemos permanecer “universalistas” em nossa recepção das crianças: não colocar separadamente os grandes traumatizados e os outros, não fazer a separação entre culturas, religiões, colocá-las no lote comum do trabalho analítico.

### *A propósito da fraternidade*

Alguns têm erroneamente vilipendiado o termo de *fraternidade*, como aliás tem-se divertido com as palavras *igualdade* e *liberdade*. Alguns pretendem que tudo já esteja narrado em Caim

e Abel, a “frerocité”<sup>80</sup>... Sustentamos que não é assim e que é preciso resgatar o brilho ao significante, e precisamente, na dimensão do acolhimento que temos relatado concernente aos pequeninos do exílio e sua família. É aliás notável que o estado francês, pelo Conselho Constitucional, tenha ele mesmo honrado recentemente essa dita fraternidade fazendo observar que tínhamos o dever de assistência.

Para o exercício da psicanálise, nunca haverá clínica sem ponto de ética.

Tradução: Letícia P. Fonsêca

---

<sup>80</sup> No original, *frérocité* – neologismo que alude a junção de *frère* (irmão), com *féroce* (feroz).

## POSFÁCIO

### *Vergonha e Hospitalidade*

Nós não recebemos “migrantes” nem “imigrados”, nem grandes nem pequenos.

Nós recebemos famílias, homens, mulheres, crianças, que de minha parte eu definiria sem lugar, porque afinal o exílio se segue, para muitas dessas famílias a errância, quer dizer um tempo em que eles permanecem sem lugar.

A questão da errância é um ponto importante. Se no ato do exílio, há ainda uma forma de decisão do sujeito, decisão forçada, ato desesperado, mas decisão, o exílio torna-se rapidamente errância. O último abrigo está então perdido. Não há mais teto.

Face à dita “carência paterna”, um lembrete.

Diz-se, discute-se, “como carência paterna”. Mas o relato do encontro se impõe.

São frequentemente pais que por desespero, na falta de uma escolha possível, um dia decidem embarcar sua família em uma viagem de cara ou coroa, a vida ou a morte.

Desnudados pela tragédia que os forçou a partir, desnudados pela desumanização da errância, desnudados pelas condições do que não temos vergonha de chamar “acolhida”.

Derrida lembra dessa passagem onde, à sua chegada, Teseu toma o cego (Édipo) com pena. Ele não esquece, diz ele, ter também “crescido no exílio, como estrangeiro” e arriscado sua vida “em terra estrangeira<sup>81</sup>”.

Face à dita carência paterna, um outro dever de leitura.

Vergonha.

É assim que se pode compreender o apagamento desse pai armênio que decide deixar tudo mais uma vez, no dia em que a ameaça de morte se concretiza. E nas entrevistas, em presença de sua família, ele está ali, mas não está. Por trás, apagado. Difícil escutar sua voz, ele fala bem baixo.

Ou ainda esse pai que chegou da Costa do Marfim, onde ele foi ameaçado de morte por ter ousado dizer não à excisão de sua filha mais velha. Arriado na cadeira, a cabeça entre suas mãos, ele repete para nós sem cessar que suas filhas, é preciso que elas estudem, que elas não podem permanecer nessas condições.

O que esses pais sofreram, o perigo ao qual eles se expuseram e expuseram seus próximos no exílio, os coloca numa posição de vergonha, aquela da qual fala Didi-Huberman <sup>82</sup>que ele mesmo se refere ao relato de Primo Levi, em *A treva*. Eu traduzo mal as palavras de Levi que diz mais ou menos: “A vergonha que o justo experimento diante da falta cometida pelo outro e que cria nele o remorso” o remorso diante da desumanização operada pelo outro<sup>83</sup>.

Não é a vergonha do desvelamento diante do olhar do outro, nem a vergonha da falta, nem o “morrer de vergonha” da última lição do

---

<sup>81</sup> Derrida, J. *De l'hospitalité : Anne Dufourmantelle invite Jacques Derrida à répondre*, Paris, Édition Calmann-Levy, 1996, p. Édition Calmann-Levy, 1996, p. 43.

<sup>82</sup> Didi-Huberman, G. Et Giannari, N. – *Passer quoi qu'il en coûte*, Paris, Éditions de Minuit, 2017.

<sup>83</sup> Levi, P. *La tregua*, Torino, Giulio Einaudio Editore 1963.

seminário *O avesso da psicanálise*, “uma vez que o morrer de vergonha é, para o honesto, o impossível<sup>84</sup>”.

“Vergonhologia”, esse percurso sábio no fio das contribuições de Lacan, que David Bernard reconstitui em sua tese de doutorado<sup>85</sup>.

Estão aí as formas de vergonha que se encontra também na proposição que o filósofo Bernard Williams, com outros, faz da vergonha, do olhar do outro, o ponto de apoio da ética grega<sup>86</sup>.

Vergonhas?

Face a esses pais, trata-se aí de uma forma trágica da vergonha, que se dá a ver em seu silêncio que faz abismo, em sua posição apagada.

É uma forma da vergonha, já que como o mostra bem David Bernard, há vergonhas.

Contra uma clínica da empatia, uma clínica da hospitalidade.

Uma vez que nós não perdemos de vista nossa posição, longe de ser militante, mas contudo político, nós não esquecemos, mas fazemos de nossa memória um dever de hospitalidade. A memória é um dever de abertura às questões que o encontro com essa nova clínica nos coloca.

Como o indica o poema de Primo Levi *Si c'est un homme* (1947).

“Não esqueçamos o que isso foi,

Não, não o esqueçamos:

---

<sup>84</sup> Lacan, J. *Le Séminaire, Livre XVII, L'envers de la psychanalyse*, Paris, Le Seuil, 1991, leçon du 17 juin 1970.

<sup>85</sup> Bernard, D. *Lacan et la honte: de la honte à l'hontologie*, Éditions du Champ lacanien, 2011.

<sup>86</sup> Williams, B. *La Honte et la nécessité*, Paris, PUF, 1997.

Gravem essas palavras em vosso coração

Pensem nisso em casa, na rua,

Ao se deitar e ao se levantar;

Repitam-no para seus filhos.”

Fazer da memória um dever de hospitalidade significa afastar toda forma de empatia e deixar que o encontro com esses sujeitos do exílio nos obrigue a recolocar no trabalho nossos fundamentos.

“O estrangeiro sacode o dogmatismo ameaçador do logos paterno: o ser que é, e o não ser que não é<sup>87</sup>.”

Então, como se escreve essa vergonha?

É preciso encontrar para ela uma forma de escrita. Supor que talvez seja preciso deixar de lado a vergonha edipiana. Então nos é preciso afastar do nó o fio do imaginário, “perder a face”, e encontrar-se diante da tragédia do real, uma forma trágica da vergonha, desatada de todo tecido simbólico. O silêncio se faz então abismo, o nome se apaga.

Medo do real

Se nós não levamos em conta a especificidade dessa nova clínica, se nós pensamos já saber, esses pais, essas mães, essas crianças, esses sujeitos, permanecerão mais uma vez sem lugar, na errância.

Sem teto.

---

<sup>87</sup> Derrida, J., *De l'hospitalité*, p. 13.

Cabe a nós achar como acompanhar o sujeito através da odisseia dos tecidos para que um outro enodamento seja possível<sup>88</sup>; para que o exílio na História, a errância no relato, se torne o exílio da condição subjetiva, tão caro aos analistas.

Ilaria Pirone

Paris, 16 de janeiro de 2018

Tradução: Letícia P. Fonsêca

---

<sup>88</sup> Voir Melman, C., *Lacan et les anciens: 3 leçons*, Éditions de l'ALI, 1997.



# ÍNDICE

<b>Prefácio</b> .....	5
<b>Introdução</b> .....	15
Sempre voltar a Freud.....	19
<b>O Punção: uma lógica construtivista</b>	
<b>entre o íntimo e o social</b> .....	27
O necessário é ainda possível?.....	27
Como fabricar uma hipocondria pelo discurso?.....	40
Do mito individual do neurótico	
aos novos abatidos de amor.....	44
<b>Tipologia das neuroses modernas</b> .....	53
As neuroses pósfreudianas:	
neuroses freudianas e neuroses <i>a</i> .....	53
Do mal-estar na civilização ao mal-estar da juventude...57	
As neuroses de constrangimento modernas.....	59
<i>Entre classissismo e modernidade</i> .....	59
<i>Corrida e sites de encontro:</i>	
<i>Uma nova via ao feminino?</i> .....	62
<i>Neuroses a?</i> .....	70

Clínica do agir na criança.....	71
<i>Girar ao redor por falta de um nome?</i> .....	72
<i>A propósito dos narcisismos</i> .....	82
<i>O entrincheiramento dos lutos e de traumatismos:</i> <i>uma clínica nova?</i> .....	87
<i>Pequena nota: palavras de crianças</i> .....	90
<b>A escrita feminina do fantasma?</b> .....	92
Freud, “Sobre a sexualidade feminina”.....	93
O seminário <i>Mais Ainda</i> , uma promessa e uma decepção.....	103
<i>Deve-se dizer o gozo ou os gozos?</i> .....	103
<i>O que é que o “não-toda” vem suplementar?</i> .....	111
<i>Como fazer seu mel de uma invenção de escrita?</i> .....	124
Observações dirigidas à sociologia.....	138
<b>Pequenas indicações concernentes à direção da clínica hoje</b> ..	149
<i>Interpretação, intervenção, operação, construção</i> <i>na análise</i> .....	153
<i>O problema colocado pelas “psiconeuroses de defesa</i> <i>freudianas” e pelo nó de trevo lacaniano</i> .....	153
<i>O número e a letra: restituir o gosto da letra</i> <i>em um universo compacto e codificado</i> .....	156

<i>O relance pela poética do desejo</i> .....	160
<i>Na criança: o imaginário narrativo</i> .....	162
<i>Incansavelmente refazer surgir a dimensão do sintoma</i> ..	166
<i>Prescrição direta sobre o gozo</i> .....	168
<i>As pontuações do inconsciente</i> .....	169
Sempre o fio do fantasma:	
do mal-estar na civilização ao grafo do desejo.....	171
<i>Mal-estar atual na civilização</i> .....	171
<i>A “desgrafagem” do grafo do desejo</i> .....	176
<b>Conclusão</b> .....	179
Do não-toda ao não-todo traumático.....	182
O todo-traumático?.....	185
A propósito da fraternidade.....	186
<b>Posfácio</b>	
Vergonha e hospitalidade.....	188

Ilustração da capa: Jean-Jacques Tyszler, *Fronteira italiana*, 2022.